

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI

Pais e Filhos: um estudo da educação
financeira em famílias na fase de
aquisição

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI

Pais e Filhos: um estudo da educação
financeira em famílias na fase de
aquisição

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

SÃO PAULO

2007

Banca Examinadora

Provérbio Chinês¹

*Com o dinheiro podes comprar a casa
Mas não o lar*

*Com o dinheiro podes comprar um relógio
Mas não o tempo*

*Com o dinheiro podes comprar uma cama
Mas não o sono*

*Com o dinheiro podes comprar um livro
Mas não o conhecimento*

*Com o dinheiro podes pagar um médico
Mas não a saúde*

*Com o dinheiro podes comprar o Status
Mas não o respeito*

*Com o dinheiro podes comprar o sangue
Mas não a vida*

*Com o dinheiro podes comprar o sexo
Mas não o amor*

¹ Disponível em: <http://xafarica.weblog.com.pt/arquivo/154678.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2007.

Dedico este trabalho aos meus pais, **Clebeo e Rita**.

Ao longo dos meus vinte e seis anos, sempre foram grande referência para eu trilhar meu caminho, e sempre me apoiaram, na realização de meus sonhos.

Obrigada por respeitarem minhas ausências, durante o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço por terem escrito uma história de vida familiar pautada em limites, amor e compreensão.

Sou feliz e orgulhosa por ter nascido nesta família que amo muito!!

Podem ter certeza de que este trabalho é uma extensão do que aprendi com a história de vocês.

AGRADECIMENTOS

Este é mais um momento emocionante deste trabalho, pois permite o registro de meus agradecimentos às muitas pessoas com as quais convivi, ao longo desses dois anos e meio do curso de mestrado. Meus sinceros agradecimentos a todos vocês!

Agradeço ao **Senhor Deus**, que iluminou meu pensamento para que pudesse redigir esta dissertação da melhor forma possível e pela bênção neste momento em que concluo mais um ciclo em minha vida.

Agradeço a minha querida orientadora, Profa. Dra. **Ceneide M. de Oliveira Cerveny**. Obrigada por acolher esta dissertação com tanto carinho e competência. Tenho grande admiração pelo seu trabalho, por sua energia, sabedoria, e pela forma respeitosa de ORIENTAR. Você foi uma pessoa especial, ao longo deste trabalho. Foram momentos ímpares. Aprendi muito com seus trabalhos, em sua casa, onde toda a família Cerveny me recebeu carinhosamente. Confiou-me trabalhos importantes, oportunizando-me o conhecimento de autores, teorias e outras culturas, o que despertou em mim a vontade de seguir a carreira acadêmica. Obrigada por tudo, pois desde o começo me ajudou a trilhar os caminhos corretos, para seguir em frente. Possibilitou-me, também, descobrir em mim mesma uma pessoa que antes não conhecia, uma pessoa capaz de realizar. Pode ter certeza de que a conclusão desta importante etapa da minha vida só foi possível graças ao convívio com você e ao seu apoio.

Ao meu namorado **Mario**, em especial, pela paciência e compreensão, quando de minhas ausências para dedicar-me à dissertação. Obrigada pelo carinho, pelo cuidado e pela generosidade em acompanhar-me, quando pôde. Amo você!!

À minha irmã **Manuela**, que me auxiliou na confecção do CD-ROM e que me forneceu algumas idéias para escrever esta dissertação. Obrigada pelas conversas sobre o profissional de marketing, assunto que entende muito bem, por ser publicitária. Obrigada pelas preces, pela amizade e pelo apoio!

À Profa. Dra. **Rosa**. Em suas disciplinas aprendi a conhecer, de forma ampla, o pensamento sistêmico. Obrigada pelos momentos disponibilizados em suas aulas, para ajudar-me a pensar em novas formas para desenvolver uma boa dissertação. Admiro sua capacidade de articular idéias, sua energia e ousadia em desempenhar seus trabalhos.

Ao **CNPq**, pelo financiamento desta pesquisa. Sem esse auxílio, não seria possível, para mim, concretizar esta realização profissional e pessoal.

À Profa. Dra. **Vera**, que gentilmente contribuiu com esta dissertação e que acompanhou minha trajetória de trabalhos com a educação financeira.

Aos **pais e crianças** que confiaram no trabalho e contribuíram intensamente com fatos de suas vidas, seus sentimentos, crenças e valores. Com a ajuda de vocês, este trabalho se tornou realidade. Vocês ajudaram-me a conquistar esta etapa marcante na minha vida. Obrigada por terem falado de um assunto que muitas vezes é um tabu, nas relações familiares.

Às auxiliares de pesquisa **Adriana, Eleonora e Leila**, que com muita capacidade auxiliaram os grupos focais.

Ao meu cunhado **Fernando**, pela tranquilidade e carinho.

À **Vivian**, que incansavelmente atendeu aos meus pedidos de urgência para traduzir os intensos artigos de Psicologia Econômica.

À **Eliane**, que transcreveu as fitas com todo o cuidado e atenção. Obrigada por atender aos meus pedidos!

À **Mariana**, que dividiu comigo alguns momentos de desabafos. Durante a realização de trabalhos para algumas disciplinas, iniciamos uma bonita amizade.

À Profa. Dra. **Adriana** Leônidas, que me auxiliou competentemente, nos objetivos da dissertação. Obrigada pelo carinho e pela contribuição.

À Profa. Dra. **Cristiana**, que me deu a notícia de ter conseguido passar na prova do mestrado e por ter incentivado a pesquisa.

Ao Prof. **Johel**, que acudiu carinhosamente aos meus pedidos de urgência, pela brilhante correção gramatical de todo o meu trabalho. Muito obrigada!

À **Fátima**, que, na casa da Ceneide, se preocupou com meu bem-estar.

À **Vera**, secretária do Programa de Psicologia Clínica da PUC, que sempre esteve disponível para tirar minhas dúvidas e resolver difíceis problemas.

Aos ‘motoristas’ Sr. **Zico** e Sr. **Antônio**, que me levaram de carro até a PUC, para as aulas, e à casa da Ceneide. Com vocês, que sempre estavam dispostos a ouvir as minhas histórias, aprendi a dirigir sem medo, em São Paulo.

Obrigada a minha tia **Dita** e à **Melinha**, pelas orações e pelo carinho! Desculpem-me se as deixei preocupadas com as minhas ousadias.

Às famílias **Neves e Manfredini!** Aos muitos tios, primos e a minha avó, que participaram, alguns de perto, e outros de longe, desta dissertação, e que sempre me apoiaram. Amo vocês!

À família **Tobias!** Obrigada pelo carinho e pelos incentivos. Tenho vocês em meu coração.

À família **Cervený!** Obrigada por permitir-me fazer parte de seus momentos familiares e por me sentir 'em casa'.

Agradeço as minhas amigas, aos alunos do curso que compartilharam medos e conquistas, enfim, a todas aquelas pessoas que contribuíram para o sucesso desta minha conquista.

SUMÁRIO

RESUMO.....	12
ABSTRATCT.....	13
I - INTRODUÇÃO.....	14
II – REVISÃO DE LITERATURA.....	18
CAPÍTULO 1 – A Família Como Sistema.....	19
1.1 – Ciclo Vital da Família: Fase de Aquisição.....	23
1.2 - A Parentalidade e o Desenvolvimento Infantil.....	28
1.2.1 - A Parentalidade.....	29
1.2.2 - O Desenvolvimento Infantil – dos 7 aos 10 anos..	31
CAPÍTULO 2 - A Transmissão Intergeracional Do Modelo De Educação Financeira.....	36
CAPÍTULO 3 – Aspectos Gerais Da Psicologia Econômica.....	44
3.1 – História da Psicologia Econômica.....	44
3.1.1 – Produção Científica no Brasil.....	48
3.2 – Socialização Econômica.....	53
CAPÍTULO 4 – Família E Consumo.....	58
4.1 - As implicações do marketing no comportamento do consumidor.....	59
4.2 – Educação Financeira: uma tarefa de toda a família e da sociedade.....	64
4.3 – A Teoria da Motivação X O Contexto.....	68
CAPÍTULO 5 – Dinheiro.....	73
5.1 – Uma Breve História do Dinheiro.....	74
5.2 – Linhas de Pesquisa sobre a Psicologia do Dinheiro.....	77
5.3 – Estudos sobre o dinheiro sob a ótica das crianças.....	82
III - MÉTODO.....	86
1- Participantes.....	88
2- Instrumento.....	90
3- Procedimentos.....	92
4- Análise De Dados.....	95
5- Considerações Éticas.....	96
IV - RESULTADOS.....	97
1 – Grupo Focal com Crianças de 7 a 8 anos.....	98

2 – Grupo Focal com Crianças de 9 a 10 anos.....	107
3- Grupo Focal com os Pais.....	115
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

MANFREDINI, A.M.N. **Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição.** [Parents and Children: a study of the financial education in families in the acquisition phase.] São Paulo, 2007. 200p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP.

RESUMO

Vivendo numa sociedade em que as propagandas constituem um forte apelo ao consumo, as crianças muito cedo entram em contato com o dinheiro; portanto, educar os filhos financeiramente constitui um desafio para os pais. Esta pesquisa procurou compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição do Ciclo Vital, na cidade de Tremembé, interior de São Paulo. Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, realizada com pais e filhos nas idades de 7 a 10 anos. Para coleta de dados, foram realizados três grupos focais: um deles com a participação de 6 pais, sendo 5 mães e 1 pai que tinham filhos nas idades de 7 a 10 anos; outro, com 9 crianças de 7 a 8 anos; e o terceiro com a participação de 3 crianças de 9 a 10 anos. Os participantes constituíram uma amostra por bola de neve (snow ball samplig). Na análise das narrativas, constatou-se que os pais não têm a intencionalidade de educar os filhos em relação ao dinheiro e, por esse motivo, usam técnicas construídas no cotidiano familiar. As crianças maiores reconhecem que os pais têm mais experiência que eles, para lidar com o dinheiro, e, por isso, acreditam que seja importante conversar sobre esse assunto. Percebe-se que o modelo de educação financeira recebida pelos pais é a que se procura passar para os filhos. Foi percebido, também, que o ato de poupar deve ser contínuo e prioritário, assim como as conversas em família, para que as crianças possam exercer o papel de cidadãs, e não o de consumistas, num futuro próximo.

Palavras-chave: Sistema Familiar, Psicologia Econômica, Educação Financeira dos filhos e Intergeracionalidade.

ABSTRACT

Living in a society where publicity constitutes a mass appeal for consumption, children soon are brought into contact with money; therefore, raising children financially constitutes a challenge for parents. This research aimed at understanding how the process of financial education of children occurs inside middle class families, during the Acquisition Phase of the Vital Cycle, in the city of Tremembe, State of Sao Paulo. This study characterized itself as a qualitative research, carried out among parents and children at the age of 7 to 10. In order to collect data, three focal groups were formed: the first one composed of 6 parents, of which 5 were mothers and 1 father who had children at the age of 7 to 10; the other group composed of 9 children at the age of 7 to 8; and the third one composed of 5 children at the age of 9 to 10. The participants constituted a snowball sampling. During the narrative analysis, it was verified that the parents do not have the intentionality of educating their children towards money itself, and for that reason they make use of techniques developed in everyday family life. The older children are able to recognize that the parents have more experience in dealing with money, and therefore, believe that it is important to talk about this topic. It is realized that the financial education model passed on to the parents is the same that they will try to pass on to their children. It is also realized that the action of saving should be made continuous and a priority, as well as family talks, in order that children are able to act as citizens and not only ordinary consumers, in the near future.

Keywords: Family System, Economic Psychology, Financial Education of children, Intergenerationality.

I - INTRODUÇÃO

Vivemos numa sociedade consumista. Cada vez mais cedo, as crianças são vítimas de propagandas apelativas, e logo entram em contato com o uso do dinheiro. Muitas vezes os pais ficam perdidos quanto à forma de educar seus filhos. A família, sendo um agrupamento humano em que se iniciam as relações, é também o ambiente em que se aprende a lidar com o dinheiro. Considerando os hábitos consumistas das pessoas, é de grande importância entender como a educação financeira acontece nas famílias.

A família serve de modelo a cada indivíduo, para o padrão de relacionamento consigo mesmo e com o mundo em que irá interagir, incluindo-se o padrão de relação com o dinheiro. Portanto, é de grande importância que os pais reflitam sobre essa função familiar.

Com base nessas idéias, foi proposto o objetivo desta pesquisa: compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, localizadas no interior de São Paulo. Para ampliação desse objetivo, originaram-se os específicos, que são: caracterizar o valor e o uso do dinheiro para pais e filhos na dinâmica familiar; averiguar as repercussões positivas e negativas das práticas de educação financeira adotadas, na visão dos pais e dos filhos; compreender a questão da intergeracionalidade sobre a educação financeira dada na família de origem dos pais e o modo como se reflete na educação que os pais fornecem a seus filhos, atualmente; e, identificar as principais dificuldades que a família enfrenta, ao lidar com o dinheiro.

Para melhor compreensão do leitor, é importante esclarecer que, neste trabalho, concorda-se com CERVENY (1997), quanto ao fato de a Família na Fase de Aquisição caracterizar-se pela tarefa de constituir-se no sentido material, emocional e psicológico. Essa constituição inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos. É de grande importância salientar que, nesta pesquisa, participaram famílias pertencentes à Fase de Aquisição (CERVENY, 1997), pois é

justamente nessa fase do ciclo vital da família que as crianças iniciam o seu aprendizado em relação à maneira de lidar com o dinheiro.

Segundo KLAINER (2002), da Revista Veja, edição especial, ano 35, o número de decisões que tomamos em relação ao dinheiro é maior que o número de vezes em que comemos, rezamos ou temos relações sexuais; mesmo assim, tal fato não é suficiente para o estabelecimento de conversas sobre as questões que englobam o dinheiro em nossas vidas. Embora o dinheiro seja um dos assuntos sobre os quais mais conversamos em nosso dia-a-dia, ele ainda é considerado um forte tabu em nossa cultura ocidental, e isso pode, muitas vezes, dificultar a nossa maneira de lidar com essa valiosa ferramenta.

Para melhor compreensão do termo educação financeira, é importante esclarecer seu significado. Trata-se da forma como os pais educam os filhos em relação ao dinheiro, envolvendo, tanto os valores que transmitem a eles, quanto a forma de utilizar o dinheiro no cotidiano. D'AQUINO (2001) afirma que, na educação financeira, os pais devem mostrar para os filhos que pode ser prazeroso, tanto gastar, como poupar, e que o adiamento da satisfação dos desejos pode trazer benefícios efetivos.

Por ser a Psicologia Econômica ainda muito recente, no Brasil, e as publicações científicas sobre educação financeira serem bastante escassas, as livrarias estão constantemente com as estantes lotadas de obras de auto-ajuda sobre como as pessoas podem se livrar das dívidas. Existem também manuais ilusórios de como ganhar dinheiro, como se houvesse milagres para resolução dos conflitos financeiros.

Devido à dificuldade em encontrar assuntos relacionados ao termo educação financeira, efetuaram-se pesquisas, no mês de julho de 2007, no site do CNPq, no ícone plataforma Lattes, considerado um espaço de publicações de estudos científicos. Os 1219 pesquisadores que constam da listagem do CNPq publicaram

trabalhos que envolvem as áreas de administração, economia, finanças, educação escolar, matemática, agricultura, entre outras, mas não foi possível encontrar um trabalho relacionado à forma de como os pais educam seus filhos em relação ao dinheiro.

A metodologia adotada, nesta pesquisa, foi a qualitativa, utilizando-se como instrumento o grupo focal. Participaram do estudo pais que tinham filhos nas idades de 7 a 10 anos e crianças dessa mesma faixa etária, não necessariamente da mesma família. Foi realizado um grupo focal com a participação de seis pais e dois grupos focais para as crianças, um grupo com a participação de 9 crianças nas idades de 7 a 8 anos e outro com a participação de 5 crianças nas idades de 9 a 10 anos.

Este trabalho foi estruturalmente organizado de forma a apresentar, inicialmente, um resumo do corpo teórico que embasou a pesquisa. Em seguida, apresentam-se o método, os resultados e análises, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos. Assim, os capítulos teóricos referem-se à Educação Financeira, à Psicologia Econômica, ao Ciclo Vital da Família e ao Consumo. O capítulo referente ao método apresenta o problema, os participantes, o instrumento, o procedimento, as análises e as considerações éticas. O capítulo dos resultados traz as análises das categorias, a partir dos temas propostos nos grupos focais, que foram embasados na parte teórica da pesquisa. Finalmente, o último capítulo traz as considerações finais do trabalho.

II – REVISÃO DE LITERATURA

CAPÍTULO 1

A FAMÍLIA COMO SISTEMA

Segundo o dicionário HOUAISS (2001), família é conceituada como “grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos)” ou como um “grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco”, e também pode ser considerada como “pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção”. Por fim, apresenta uma outra definição: “um grupo de pessoas unidas por mesmas convicções ou interesses ou que provêm de um mesmo lugar”. A palavra família pode ser descrita de formas variadas pelos diferentes ramos de estudos. Vale salientar que esta dissertação é pautada na perspectiva que pensa a família como um sistema.

OSÓRIO (2002) afirma que

[...] é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta esse agrupamento humano. (p. 13).

Levando em consideração o que o autor acima citou, acredita-se que seja importante apresentar idéias e pensamentos de outros autores, para que se possa promover uma reflexão sobre a família dentro de um paradigma sistêmico.

De acordo com MINUCHIN (1999), a família é o ambiente mais adequado e completo para o pleno desenvolvimento do ser humano. Dessa maneira, acredita-se que no núcleo familiar é que as pessoas conseguem a referência e o apoio necessário para o aprendizado, com a vida e, em especial, com os modelos que transmitem a seus descendentes.

CERVENY (2001) diz que, no grupo familiar, o comportamento de um membro é interdependente em relação ao comportamento dos outros e que, dessa forma, a família passa a ser um “[...] conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos

membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros.” (p. 24).

A mesma autora ressalta que a família desenvolve sistemas interpessoais que dizem respeito ao circuito da retroalimentação, e que o comportamento de um membro afeta e é concomitantemente afetado pelo comportamento dos outros membros familiares. Concorda-se com CERVENY (2001), ao afirmar que é preciso ver a família, antes de tudo, como um sistema de relações, devido a sua especificidade e por ter um sistema de crenças e tradições que organiza a realidade do indivíduo e é capaz de determinar a sua conduta.

No sistema familiar, pode-se considerar os membros como partes integrantes desse todo e, por isso, são tidos como subsistemas. Os subsistemas podem ser: parental, filial, fraternal, conjugal. Regras explícitas e implícitas organizam os relacionamentos de forma hierárquica e definem as relações de poder que fazem parte do grupo familiar.

Com isso, pode-se dizer que os membros de um sistema familiar têm influência em relação aos outros membros e que são, concomitantemente, influenciados por eles. Essas influências aparecem nas relações familiares, seja no modo como o dinheiro é usado nesse sistema, seja no significado que os membros familiares atribuem ao dinheiro, significado este que é passado pelos padrões intergeracionais.

A família é o lócus primeiro de cuidado de uma pessoa. É na família que cada indivíduo estabelece as primeiras relações com o mundo externo e, do mesmo modo, ela serve também para estabelecer o padrão de relacionamento do uso do dinheiro. Além disso, o modelo mais forte na vida das crianças é o comportamento dos pais, sobre o qual os filhos estabelecerão, mais tarde, a sua relação consigo mesmos e com o mundo.

Acredita-se que a família pode ser transformada pelas influências do contexto sócio-histórico-cultural que, por sua vez, pode modificar fortemente a maneira de educar e criar as novas gerações. Para compreender melhor essa mudança na forma de educar os filhos, SARTI (2000) observa que a autoridade patriarcal e a divisão dos papéis familiares modificaram de forma significativa a família, no que diz respeito às relações entre homem e mulher e entre pais e filhos.

Essa autora salienta que o fato de haver uma confusão entre a autoridade do tipo tradicional e o exercício necessário da autoridade na família, que se transformou em permissividade, tem prejudicado prioritariamente as crianças, pois faltaram os limites nas fronteiras do sistema familiar. Dessa forma, a autora acredita que os pais que incorporam o sentido do respeito mútuo e a cooperação na própria vida serão capazes de educar crianças com o senso de justiça que se estende ao exercício da cidadania.

OSÓRIO (2002) entende que a família continuará tendo seu papel de preservar as espécies, como um laboratório de relações humanas. Nela são testadas e aprimoradas as formas de convivência que possibilitam melhor aproveitamento dos potenciais humanos para a criação de uma sociedade mais harmônica e geradora de bem-estar coletivo.

Considerando as idéias desse autor, acredita-se que o único processo que transforma seres humanos em humanos é a educação; todavia, a forma como se processa o educar pode apresentar falhas, o que certamente provoca um caos na vida das crianças e coloca em risco a competência e o caráter da próxima geração adulta.

De acordo com o que já foi observado, a família é o primeiro agrupamento humano em que as pessoas aprendem a se relacionar; por isso, a forma de educar as crianças inicia-se neste grupo, sendo este o motivo importante de compreender como se realiza a tarefa de

educar na Fase de Aquisição do ciclo vital da família, fase esta dos participantes desta pesquisa.

1.1 – Ciclo Vital da Família: Fase de Aquisição

Considerando a importância de se estudar a família no contexto sócio-político-cultural, acredita-se que a noção de ciclo vital da família tem influência muito forte na compreensão das experiências de uma família, ao longo de sua história.

Existe a possibilidade de olhar a família considerando-se suas origens, etnias entre outras características, mas é importante ressaltar que, nesta dissertação, a família será focalizada em seu ciclo vital.

CERVENY (2002) define o Ciclo Vital Familiar:

[...] um conjunto de etapas ou fases definidas sob alguns critérios (idade dos pais, dos filhos, tempo de união de um casal entre outros) pelos quais as famílias passam, desde o início da sua constituição em uma geração até a morte do ou dos indivíduos que a iniciaram. (p. 21)

De acordo com a caracterização do ciclo vital da família elaborada por CERVENY (1997), a família é colocada em quatro fases: **1- Família na Fase de Aquisição, 2 – Família na Fase Adolescente, 3 – Família na Fase Madura e 4 – Família na Fase Última**. O ciclo vital da família adotado para embasar esta dissertação está relacionado com os estudos da autora acima citada.

A primeira fase do ciclo vital da família é a **Fase de Aquisição**. Devido ao fato de esta pesquisa tratar de participantes vivendo esta fase, considera-se interessante compreendê-la com mais abrangência e mais cuidado, para melhor contextualizar a família estudada.

Segundo BERTHOUD & CERVENY (1997), a Fase de Aquisição é compreendida a partir da união do casal e estende-se com a vinda dos filhos e a vida destes quando pequenos, até que atinjam a adolescência. Além disso, ainda fazem parte da Fase de Aquisição as

famílias monoparentais, as homossexuais, os adolescentes ‘grávidos’ que se casam, enfim, é uma fase que se caracteriza por iniciar uma nova configuração familiar. Vale salientar que as famílias que serão formadas vivenciarão de maneiras diferenciadas a Fase de Aquisição, tendo em comum o fato de adquirir e construir juntos.

Ao longo dessa fase, as famílias passam por um processo, no sentido de construir a vida familiar, de aquisição de bens materiais. Adotam e estabelecem um estilo de vida, e é o momento em que se inicia a construção dos padrões interacionais.

BERTHOUD (2002) constatou três fenômenos que se observam na Fase de Aquisição: **unindo-se, construindo a vida a dois e vivendo a parentalidade**. Esses fenômenos envolvem processos estruturais e dinâmicos ocorridos no seio familiar.

De acordo com a autora, o primeiro fenômeno, **unindo-se**, diz respeito ao processo inicial de um novo arranjo familiar. Nesse momento inicial, os casais vivem sentimentos de atração e de aproximação que os fazem decidir a se unir, formando a conjugalidade, sendo esta formal ou informal. Tanto os homens quanto as mulheres valorizam a independência e, por esse motivo, tentam construir a relação a dois. Concomitantemente, conquistam a individualidade, por meio de negociações sobre o estilo de vida e o espaço que cada um ocupa nessa relação.

A autora considera que o casal só sente a união de forma verdadeira quando co-habita longe de suas respectivas famílias de origem, pois é dessa forma que passa a negociar as regras e crenças das famílias de cada um. Esse afastamento permite ao casal selecionar modelos dessas famílias, para que possa adotá-los em sua nova configuração familiar, formada agora somente pelos dois cônjuges.

Conforme citação anterior, sobre o sentido do adquirir, nessa fase, BERTHOUD & BERGAMI (1997) observa que é de grande

importância que se desenvolva um processo psicológico de aquisição em conjunto, para que haja uma construção psicológica do casal.

O segundo fenômeno observado pelas autoras, na Fase de Aquisição, está relacionado com **construindo a vida a dois**, sendo este um processo que ocorre quando a família se forma. O processo inicial vivido é quando o casal assume a vida a dois e quando surgem sentimentos de insegurança, principalmente com casais na sua primeira união conjugal. A casa, o espaço físico e a vida nova são, da mesma forma, atraentes e estranhos; todavia, é o momento em que os padrões relacionais se constroem entre os cônjuges, sendo este o maior desafio.

Segundo BERTHOUD (2002), **administrando o dinheiro** é também um grande desafio enfrentado pelo novo casal. Um dado interessante que ela observa nesse fenômeno é que as mulheres responsabilizam-se pelas finanças do casal, independentemente do fato de elas trabalharem ou não. Entretanto, no que concerne à aquisição dos bens e dos gastos permitidos, o casal compartilha as negociações, sendo este um motivo de preocupação para ambos.

Além das finanças, a autora afirma que o fato de co-habitarem implica uma sintonia e cumplicidade entre o casal, indispensáveis para uma vida conjugal. Ao viver as dificuldades dessa fase, como os hábitos, regras e valores do cotidiano, é de grande importância que o cônjuge esteja aberto para negociar esses elementos com o parceiro. Dessa forma, muitos conflitos podem surgir, assim como novas possibilidades para negociar as regras e valores.

Para BERTHOUD (2002), nesse momento, o grande desafio para o casal é conseguir conciliar valores e padrões trazidos da família de origem de ambos os cônjuges, re-construindo-os e reelaborando-os, podendo estabelecer novos padrões que considerarem coerentes na referência de casal que estão aos poucos construindo.

Os rituais também são valores que o casal traz da família de origem. Em um primeiro momento, os cônjuges preservam os rituais tradicionais de suas respectivas famílias. Em um segundo momento, no entanto, alguns rituais vão se modificando, ao longo do tempo, ou até mesmo abandonados, frente ao estilo de vida do casal, que está consolidando novos padrões para viver a conjugalidade.

Vivendo a parentalidade é o terceiro e último fenômeno que compõe a Fase de Aquisição do ciclo vital da família, conforme afirma BERTHOUD (2002). Inicia-se com o desejo e a decisão de ter filhos, ou com um surgimento de uma gravidez inesperada, até a construção de uma tríade, ou seja, até a formação de uma nova família, com o nascimento do filho.

Segundo a autora, a experiência de ter o primeiro filho, ou não, passa a ser um momento único, pois a maneira que será vivenciada está inteiramente relacionada com o momento da vida de cada membro do casal. Portanto, é um momento de tensão e de demandas que leva o casal a mudanças e a renegociações de papéis e funções que devem ser assumidas.

BERTHOUD (2002) compreende que, ao sentir essas mudanças, o casal vive um período emocional mais intenso. Tanto o homem quanto a mulher vêem suas vidas transformadas com a vinda do filho, e o modo como as transformações são percebidas depende de como foram vividos os processos anteriores. Portanto, novos papéis e novas funções surgem nesse momento, em função da parentalidade, que precisa ser negociada e assumida.

A autora considera importante a rede de apoio que o casal mantém, nesse momento, pois os amigos, parentes e até mesmo o parceiro são elementos de apoio para o casal, podendo colaborar para diminuir o estresse.

Viver com os filhos pequenos, segundo a autora, torna-se um desafio, nesse período. A autora salienta que o núcleo familiar precisa se reorganizar a cada nova fase de desenvolvimento dos filhos, para atender às necessidades que surgem. Paralelamente à preocupação em educar os filhos, os casais também enfrentam preocupações com a carreira profissional, de ambos os cônjuges ou do parceiro.

É válido salientar que, exatamente nesse terceiro fenômeno, estão os participantes desta dissertação. Por esse motivo, acredita-se ser importante melhor contextualizar a função parental no que concerne a esse momento da vida familiar, para que seja possível compreender o processo da educação financeira entre pais e filhos na faixa etária 7 - 10 anos.

De acordo com BERTHOUD (2002), a segunda fase do ciclo vital da família é a adolescência. Compreendida como sendo uma profunda transformação relacional entre os membros, é caracterizada como um questionamento de valores, regras e crenças. Nessa fase, os pais geralmente estão vivendo a meia-idade, quando reavaliam suas experiências e têm a oportunidade de passar pela segunda adolescência. Os pais preocupam-se com a aparência, com a saúde e com o envelhecimento. É um período de transição, podendo ocorrer muitos divórcios; entretanto, o sistema familiar adolece e as fronteiras são revistas e re-adaptadas em função dos filhos adolescentes.

A terceira fase do ciclo vital da família é quando os filhos se tornam adultos. Denominada fase madura, é considerada a mais longe e mais difícil do ciclo, por ser um período em que há duas gerações precisando de apoio e atenção: o início da velhice dos pais das famílias de origem do casal, que muitas vezes necessitam de amparo emocional e financeiro, e a saída dos filhos de casa, devido ao casamento, e a chegada dos netos. A questão da saúde não preocupa somente como uma relação com a aparência, mas como uma melhor preparação para o envelhecimento. Nessa fase, a família está madura;

portanto, pais e filhos são parecidos, com relação à independência e à capacidade de responsabilizar-se pela própria vida. Com a entrada de novos membros na família, em virtude do casamento, os pais novamente re-negociam normas de convivência e padrões de relacionamento.

A fase última do ciclo vital caracteriza-se pelo envelhecimento dos pais, pela transformação da estrutura familiar e por fechar o ciclo. Geralmente, nesta fase o casal volta a se ver sozinho, porém muitas vezes requer cuidados dos filhos com relação à saúde. Os filhos, pois, têm como tarefa conviver com os pais idosos. Embora a tecnologia médica tenha se desenvolvido para proporcionar a longevidade, pode acontecer de um dos cônjuges ficar viúvo; assim, questões de moradia e de se manter financeiramente se confrontam com as condições emocionais do idoso em se adaptar a essa nova fase. Vale ressaltar que, se as relações forem bem resolvidas nas fases anteriores, geralmente o sistema familiar tem mais chance de se adaptar a essa nova demanda.

Conforme CERVENY (1997), as fases do ciclo vital da família não são rigidamente determinadas; pode haver sobreposições, ou uma pode avançar em relação às outras.

1.2 – A Parentalidade e o Desenvolvimento Infantil

Ao estudar sobre como se processa a educação financeira nas famílias na Fase de Aquisição, torna-se importante compreender o desenvolvimento infantil dos 7 aos 10 anos, uma vez que as crianças dessa faixa etária fazem parte deste estudo. Da mesma forma com os pais que são participantes desta pesquisa, pois é válido localizá-los no estágio que corresponde à parentalidade na faixa etária acima mencionada.

Para melhor entendimento do leitor, num primeiro momento serão apresentados os estágios da parentalidade e, em especial e com

maior profundidade, o terceiro estágio, que corresponde à fase dos pais participantes desta pesquisa. A teoria da parentalidade será baseada no trabalho de BERTHOUD (2003). Em um segundo momento, o desenvolvimento infantil será apresentado somente nas idades de 7 a 10 anos, devido ao fato de esta ser a faixa etária correspondente à dos participantes.

1.2.1 – A Parentalidade

Segundo BERTHOUD (2003), o exercício de ser pai e mãe é vivido ao longo do ciclo da parentalidade como um processo dinâmico e dialético, uma vez que o movimento desse processo diz respeito à capacidade de re-significar as experiências de parentar nos diferentes estágios da vida. A autora compreende re-significar como sendo uma capacidade de perceber um novo contexto com novas ações de exercer a parentalidade e adaptar-se a ele, ou seja, mudando a forma de parentar, o que proporciona uma releitura da vivência de ser pai e mãe.

De acordo com a autora, a teoria desenvolvida na sua tese, “Re-significando a Parentalidade: desafio para toda uma vida”, é organizada de acordo com os estágios que seguem: 1- Cabe mais um? – Construindo um espaço psicológico para o filho; 2- Mães conectam ao mundo do afeto, pais levam ao mundo real – O nascimento de uma relação entre pessoas; 3- Fazendo um balanço – A parentalidade no meio da vida; 4- Colhendo o que se plantou? – Reconstruindo a relação com o filho; 5- O filho-outro – Construindo uma relação de parceria. Esses estágios, compreendidos como períodos vivenciados na função parental, são previsíveis, ao longo da vida.

Vale ressaltar que será enfatizado o terceiro estágio dessa teoria, por ser considerado o período que os participantes desta pesquisa vivenciam, no momento atual, a sua parentalidade.

Segundo BERTHOUD (2000), o terceiro estágio inicia-se quando os filhos se encontram na idade escolar (entre 7 e 12 anos) e os pais, muitas vezes, estão vivenciando o estágio do meio-da-vida, que se caracteriza por crises e mudanças. Dessa forma, há necessidade de re-significar a parentalidade. Esse estágio compõem-se de três fenômenos: **1- Navegando em novos mares, 2- Fazendo um balanço da vida e 3- Reconstruindo a função parental.**

A autora compreende o primeiro fenômeno do terceiro estágio em duas categorias: **1- Caracterizando o estágio** e **2- Sentindo os impactos do estágio.** Na primeira categoria, os pais sentem-se mais seguros e tranquilos, com relação à parentalidade, pois é um momento que ocorre no início da pré-adolescência, uma vez que as experiências já foram adquiridas no decorrer da infância dos filhos. Já a segunda categoria denota os impactos que as novas demandas da vida podem causar: uma estranheza em relação ao padrão de vida dos pais, dos filhos e no sistema familiar. Esta última categoria caracteriza-se pelos medos que os pais sentem de fracassarem como educadores. Têm medo de se sentirem despreparados para lidar com o filho, agora que ele é mais independente. A partir desse contexto, pais e mães começam a re-significar o papel parental, podendo ter dificuldades em elaborar sentimentos vivenciados ou medo de não conseguir elaborá-los.

Segundo BERTHOUD (2000), o segundo fenômeno deste estágio, **Fazendo um balanço da vida**, caracteriza-se como um momento que não demanda dos pais a função de cuidadores e educadores, mas agora como orientadores. Nesse período da vida, os pais iniciam questionamentos sobre si mesmos, seus parceiros e sua profissão. É um momento que traduz uma reavaliação do que foi vivido na função parental, e esta é uma fase entre as mudanças necessárias e a capacidade de reconstruir as relações e re-significar a parentalidade.

A autora compreende esse segundo fenômeno composto pelas categorias: **1-Avaliando perdas e ganhos, 2- Preservando espaço, 3- Questionando e 4- Revisitando estágios anteriores.** A primeira categoria é tida como um processo em que os pais se questionam, atribuindo significados positivos e negativos à experiência parental, como uma tentativa de elaborar as perdas e valorizar os ganhos. Na categoria **Questionando**, surge um momento necessário para fazer um balanço da própria vida, enquanto na última categoria desse fenômeno o momento serve para reavaliar de forma retrospectiva a vida dos filhos, sendo esta uma maneira de re-significar a experiência.

Por fim, o último fenômeno considerado pela autora engloba as categorias: **1- Moldando-se, 2- Percebendo o filho, 3- Resignificando o papel parental e 4- Reavaliando e seguindo em frente.** A primeira categoria refere-se ao processo de adaptar as mudanças e as demandas dos filhos, já que eles são mais competentes e independentes; portanto, são diferentes de quando eram pequenos. Já na segunda categoria, os pais percebem que seus filhos mudaram e, por isso, podem ocorrer conflitos de menor ou maior intensidade, devido à estranheza em relação a esse “novo filho”², o que torna esta categoria fundamental para a reconstrução da nova função de parentar. A terceira categoria decorre do processo anterior; pais e mães questionam como exercer a parentalidade, reavaliando crenças, valores e níveis de investimento emocional e pessoal na experiência como pais e mães. Esta é a forma que os pais encontram para se readaptarem às novas demandas que a vida proporciona. E se estende à última categoria, para que essas demandas sejam elaboradas emocionalmente na função parental e favoreçam sua reconstrução.

1.2.2 – O Desenvolvimento Infantil – dos 7 aos 10 anos

De acordo com PIAGET (1967), a infância vai desde os 7 até os 12 anos de idade, sendo esta a faixa etária que marca uma

² Aspas da autora, Cristiana Mercadante Esper BERTHOUD.

modificação decisiva no desenvolvimento mental da criança, nos aspectos da vida afetiva, psíquica e das relações sociais. O autor define a infância como um período pré-operatório do desenvolvimento que corresponde ao que ele também chamou de período pré-lógico, entre as idades de 7 e 11 anos. O período de operação formal ocorrerá somente depois dos 11-12 anos.

Com relação aos progressos da conduta e da socialização, Piaget considera que, depois dos 7 anos, a criança é capaz de cooperar, pelo motivo de não mais confundir seu próprio ponto de vista com os dos demais. Em decorrência disso, as discussões são previstas, porque compreendem os pontos de vista dos adversários, procurando justificar ou apresentar provas para a própria afirmação. Portanto, nessa fase a linguagem egocêntrica desaparece e dá lugar a uma conexão entre as idéias e a justificativa lógica, na estrutura gramatical da criança.

Segundo este autor, a criança de 7 ou 8 anos começa a pensar antes de agir, e a conquista desse processo chama-se reflexão, que é uma conduta social de discussão que passa a ser interiorizada. A criança passa a ser capaz de novas coordenações em relação à afetividade, as quais correspondem a uma moral de cooperação e de autonomia pessoal representando um novo sistema de valores.

PIAGET (1967) considera que a afetividade da criança, dos 7 aos 12 anos, é caracterizada pela aparição de novos sentimentos morais que permitem melhor integração do eu e uma regulação da sua vida afetiva. Esse novo sentimento surge em função da cooperação e das formas da vida social dela decorrentes, que consistem no respeito mútuo. A aparição do respeito mútuo está ligada aos sentimentos de regra que, tanto integram as crianças, como unem os adultos. É válido ressaltar que o respeito mútuo é simplesmente a regra respeitada como um resultado de um acordo explícito, e não mais como uma vontade exterior.

O autor coloca que o respeito mútuo é capaz de gerar outros sentimentos morais desconhecidos, como a honestidade e o companheirismo. Para as crianças da faixa etária mencionada, a mentira começa a ser compreendida, e enganar os amigos pode ser considerado mais grave do que mentir para os adultos.

A prática da cooperação e do respeito mútuo entre as crianças passa a ser considerada por PIAGET (1967) como a forma de desenvolver os sentimentos de justiça, e são justamente esses sentimentos a consequência afetiva do respeito mútuo. O sentimento de justiça é tão importante que chega a modificar a relação entre pais e filhos.

Segundo o mesmo autor, o respeito mútuo diferencia-se gradualmente do respeito unilateral, e é dessa forma que conduz a uma nova organização de valores morais. O sistema racional de valores envolve a honestidade, o sentido de justiça e a reciprocidade. Na primeira infância, a vida afetiva passa a ser intuitiva, e a impulsividade faz parte do comportamento. Somente nos primeiros anos da infância os sentimentos se organizam e passam a ser reguladores, formando o equilíbrio final, que é a vontade.

Para PIAGET (1967), a vontade está estreitamente ligada aos sentimentos morais autônomos e é uma reguladora da energia. O ato da vontade, quando há um conflito que oscila entre o prazer tentador (que é considerado pelo autor como uma tendência inferior mais forte por si mesma) e um dever (que é uma tendência superior, mas no momento mais frágil), consiste, portanto, “[...] em não seguir a tendência inferior e forte (ao contrário, fala-se neste caso, de um fracasso da vontade ou de uma vontade fraca), mas em reforçar a tendência superior e frágil, fazendo-a triunfar” (PIAGET, 1967, p. 60). Portanto, a vontade é uma reguladora de energia tornada reversível, pois, quando o dever é mais fraco que o desejo, ela restabelece os valores.

Segundo PAPALIA & OLDS (2000), Piaget entende que o desenvolvimento cognitivo acontece por meio de três princípios inter-relacionados: *organização*, *adaptação* e *equilibração*. Esses princípios operam em todo o desenvolvimento da criança e afetam todas suas interações com o ambiente.

Segundo os autores, *organização* é uma tentativa de criar sistemas de conhecimentos que se tornam cada vez mais complexos. Desde o nascimento, as pessoas organizam o que conhecem por meio de representações mentais da realidade, o que as ajuda a dar sentido a suas vidas. Essas representações são chamadas de esquemas, ou seja, são padrões de comportamento que as pessoas organizam para pensar e agir em uma determinada situação. À medida que as crianças vão obtendo mais informações, o esquema torna-se mais complexo, e elas progredem, de ações motoras para o pensamento crítico e, depois, para um pensamento abstrato sobre as percepções.

Os autores relatam que Piaget conceituou *adaptação* como sendo uma maneira de as pessoas lidarem com as novas informações. Para isso, existem dois passos: o primeiro, chamado de assimilação, toma uma informação e incorpora-a em estruturas cognitivas ou formas de pensar; o segundo passo é a acomodação, que possibilita a mudança de idéias ou estruturas cognitivas para incluir um novo conhecimento. Entretanto, a assimilação e a acomodação trabalham sempre juntas, para gerar um crescimento cognitivo. Já a *equilibração* é uma busca de equilíbrio entre a criança e o mundo exterior e entre as suas próprias estruturas cognitivas. O que leva à necessidade de equilíbrio é a mudança da assimilação para acomodação.

Segundo SIEGLER & THOMPSON (1998, apud LEISER & HALACHMI, 2006), as crianças da pré-escola predizem que um número maior de vendedores determinaria que cada um deles realizasse mais vendas. Esse dado pode ser relacionado ao pensamento piagetiano, com relação à assimilação, pois se trata de um

esquema original que não sofreu modificação com novas informações e que, por isso, mantém esse conhecimento.

Para continuar o assunto sobre a família, no próximo capítulo será abordada a transmissão intergeracional em relação ao modelo de educação financeira. Este assunto será fundamentado na teoria sistêmica, e serão apresentados estudos sobre a transmissão de padrões da maneira de usar o dinheiro, da família de origem para a família atual.

CAPÍTULO 2
A TRANSMISSÃO
INTERGERACIONAL DO
MODELO DE EDUCAÇÃO
FINANCEIRA

DUQUE & MANFREDINI (2002) investigaram a opinião dos pais sobre a educação financeira dos seus filhos. Elaboram um questionário que foi respondido por 114 pais, e os dados apontaram que 94,9% dos pais acreditam que a forma como lidam com o dinheiro serve de modelo para a criança. Os dados apontaram, também, que 74% desses pais acreditam que a família de origem serve como modelo na educação que realizam na família atual.

Esses dados permitem verificar que há importância no fato de os pais preservarem os valores do modelo de crenças e costumes a serem passados para as gerações. Muitas vezes, o fato de conservarem os padrões relacionais entre as gerações ocasiona uma transmissão intergeracional que é validada pela família, formando assim uma identidade para o núcleo familiar.

Com relação aos estudos sobre o mecanismo da transmissão intergeracional de valores que orientam uma socialização econômica dos pais para seus filhos, são descritos, por DENEGRÍ (2005), os estudos de CARLSON & GROSSBART (1988) & CARLSON, WALSH, LACKZNIAK & GROSSBART (1994). Pode-se dizer que, no Brasil, estudos e pesquisas sobre a transmissão intergeracional sobre a educação financeira ou a socialização econômica são ainda muito tímidos e pouco explorados, no campo da psicologia. Embora existam escassas pesquisas sobre a questão da intergeracionalidade numa educação financeira, há autores, no Brasil, que estudam as formas da transmissão intergeracional na família. Dessa forma, considera-se importante uma abordagem das idéias desses autores.

CERVENY (2001) afirma que é no sistema familiar e nas gerações passadas que acontece a transmissão de padrões interacionais, os quais, muitas vezes, podem ser percebidos ou, então, ser camuflados, o que faz com que dificilmente sejam constatados. Embora esses padrões geralmente sejam muito complexos, são de fundamental importância para o funcionamento do núcleo familiar, pois definem e identificam uma família.

De acordo com FELTON-COLLINS (1992), os conselhos dos pais sobre dinheiro são as informações que mais influem no modo de estruturação das finanças, na família.

Sendo a família o lócus primeiro de aprendizagem, os pais podem ser considerados como os primeiros a se referirem ao dinheiro na vida dos filhos. Dessa maneira, a forma como o dinheiro é administrado pelos membros familiares é passada às gerações que, ao longo do tempo, estabelecem padrões relacionais com as finanças. Tal fato serve como uma identidade para a família, tornando esses padrões as heranças co-construídas na história familiar.

Ao tratar de uma questão intergeracional, fala-se de histórias de famílias que, ao longo das gerações, foram re-construídas e/ou co-construídas. As heranças envolvem crenças, regras, segredos, valores e mitos que serão perpetuados nas próximas gerações, formando um elo de corrente à qual não se escolhe pertencer, mas da qual simplesmente se faz parte.

BOWEN (1991) enfatiza a sua teoria justamente no relacionamento do indivíduo com sua família ampliada, ou seja, a família multigeracional, que constitui a rede relacional de maior importância da vida de uma pessoa.

Ao tratar do dinheiro nos trâmites dessa rede, KLAINER (2002) diz, em uma entrevista publicada pela Revista Veja, edição especial, ano 35, que a maneira como os pais lidam com o dinheiro tem imenso impacto na vida dos filhos, pois as crianças imitam mais o comportamento dos pais do que elas próprias falam. Vale ressaltar que esse dado não vem de uma fonte científica.

Toda família nasce dando continuidade à história de seus antepassados, sendo de grande influência a história progressiva da família de origem no modo como a atual irá se desenvolver ao longo

do seu ciclo vital. Dessa forma, pode-se explicar a continuidade de padrões nas diversas gerações familiares.

Para BOWEN (1991), a família é vista como um sistema na medida em que o funcionamento de cada integrante afeta o dos demais. Os sintomas são, portanto, fruto desse contexto, e não mais de uma experiência isolada do indivíduo. A teoria boweniana propõe-se, dessa forma, a orientar as pessoas e auxiliá-las a modificar as condições que possibilitaram o aparecimento do sintoma na família.

FELTON-COLLINS (1992) afirma que, ao compreender de onde vieram os hábitos, posturas e peculiaridades com relação ao dinheiro, a pessoa sente-se livre para optar sobre o que fazer com o dinheiro: conservá-lo ou jogá-lo fora. Vale salientar que essas são as duas únicas opções que a autora aborda.

Ao compreender de onde advêm os costumes do passado, BOWEN (1991) considera como sendo de grande importância exercitar esse ‘voltar atrás’ das experiências, pois só assim é possível desvencilhar-se das questões não-resolvidas da família de origem.

Ao falar sobre o que é transmitido nas gerações, é importante considerar a questão do tempo e do espaço, pois toda linguagem é localizada nessa temporalidade e espacialidade. Os padrões relacionais transmitidos de geração em geração, ou até mesmo quando se pula uma geração, são os que se localizam em um determinado tempo e espaço, e, muitas vezes, podem causar conflitos, quando os tempos remotos são conservados nos momentos atuais das famílias.

CERVENY (2001) afirma que os padrões interacionais familiares se repetem entre as gerações, e às vezes é difícil detectá-los. Diante do entendimento da autora, supõe-se que, em meio a essa repetição de padrões familiares, o modo como as pessoas lidam com o dinheiro também pode ser passado de geração para geração.

A repetição de padrões interacionais de uma geração para outra subsequente, coloca-nos numa posição em que o sistema seleciona do passado o padrão repetitivo que vai incluir na sua própria história. (CERVENY, 2001, pp. 41 e 42)

Esses padrões, muitas vezes, não são percebidos pelos membros familiares, ou aparecem de maneira camuflada. Um dos assuntos que muitas vezes se torna tabu na vida familiar é o dinheiro, e o modo como lidar com ele e administrá-lo pode passar para gerações futuras por meio do silêncio, do não-dito ou, ainda, como assunto que não deve ser discutido.

É importante averiguar se a família nuclear tende a preservar e valorizar os modelos e padrões das respectivas famílias de origem, podendo até melhorá-los. No entanto, quando esses modelos são incômodos, haverá tentativas para evitar que eles não se repitam. Por isso, parte-se para a adoção do antimodelo, ou seja, a repetição que se faz pelo seu oposto. Famílias que adotam esse antimodelo são aquelas, por exemplo, em que as regras na família de origem eram assumidas de forma rígida, enquanto na sua família atual elas são flexíveis ao extremo. Para uma investigação mais profunda, com o intuito de detectar os meios que propiciam essa repetição, é importante ampliar o sistema da família nuclear para o contexto intergeracional. Quando isso acontece, permite-se melhor compreensão das características do comportamento humano, sendo a comunicação um veículo indispensável para que se chegue a esse conhecimento.

O grupo familiar comunica-se por meio de códigos, mas também pelo não-dito, pelo silêncio ou por meio dos mitos, segredos, lealdades através das gerações. Pode-se dizer que esses meios de comunicação que os membros familiares usam para se relacionar são utilizados também na relação com o dinheiro, uma vez que ele é uma ferramenta que está presente na vida da grande maioria das pessoas.

O não-dito, segundo ROSA (2000), é considerado como acontecimentos expressos não verbalmente, mas que constituem dados importantes omitidos na história da família e em torno dos quais se cria um suspense. Nota-se que um membro da família ‘sabe’ do que se trata, uma vez que são experiências passadas por ele ou rituais que são experienciados pela família, mas que este membro não pode perguntar, saber ou dizer. Advinda de uma produção inconsciente, quando um membro familiar não fala, alguém está falando por ele, isto é, o seu discurso é atravessado pelo outro. Esta explicação sobre as experiências não verbais serve para entender como o tabu pode funcionar numa família.

Entender o padrão relacional que se estabelece na transmissão intergeracional requer situar um acontecimento da história familiar como necessário para perceber como ele se modifica ou se explica. Compreender o fenômeno observado é o mesmo que considerar o todo interagindo com as partes e vice-versa. Cada parte, porém, como é constituída de características individuais, só pode ser entendida no contexto, pois o todo possui qualidades que o identificam como diferente das partes. Dessa forma, uma transformação em uma das partes afeta o todo (BERTIN, 2004).

O grupo familiar funciona como uma totalidade na qual o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. Isso porque o comportamento de cada pessoa é afetado pelo comportamento das outras pessoas do grupo familiar. Portanto, nada neste mundo está isolado, tudo tem uma relação, havendo influência, tanto das partes, quanto do todo.

MORIN (apud SCHNITMAN, 1996) afirma que:

[...] cada indivíduo numa sociedade é uma parte de um todo, que é a sociedade, mas esta intervém desde o nascimento do indivíduo, com sua linguagem, suas normas, suas proibições, sua cultura, seu saber; outra vez, o todo está na parte (p. 275).

BERTIN (2004) considera um indivíduo transgeracional como um ser ativo e responsável pela história de sua família, podendo assim transformar a situação e, sucessivamente, o sistema. Esse autor afirma que a necessidade de pertencimento a um agrupamento familiar faz com que nos submetamos a uma variedade de regras e normas que, tanto pode gerar um crescimento, quanto paralisar e impedir a individualidade.

Essa individualidade pode ser reconhecida como o processo de diferenciação que Bowen descreveu. A diferenciação do eu é um conceito intrapsíquico e interpessoal. Intrapsíquico, na medida em que a pessoa diferenciada é capaz de separar, de forma equilibrada, sentimento/emoção de pensamento/razão e, assim, também diferenciar-se de outros (diferenciação interpessoal). As pessoas diferenciadas são capazes de tomar posições definidas sobre as questões sem serem guiadas exclusivamente por suas emoções, uma vez que conseguem pensar nas coisas e decidir por si mesmas, e não apenas com base na influência dos outros ou daquilo que sentem. São também menos afetadas pelas condições de estresse e pelas mudanças nos seus sistemas de relacionamentos (NICHOLS & SCHWARTZ, 1998).

De acordo com GRÜNSPUM & GRÜNSPUM (198-), o homem é modelado pela família e, ao contrário dos animais, nos primeiros anos de vida precisa da família para sobreviver. O pertencer a um grupo, ser um participante completo e relacionado com outros seres humanos, significa ter um sentido de pertencimento a uma família.

Considerando-se o sentido de pertencimento que envolve um indivíduo no sistema familiar, observa-se que, da mesma forma que esse pertencer propicia modos saudáveis de funcionar, tanto no micro, quanto no macrossistema, pode também estagnar o crescimento grupal ou individual dos membros familiares, impedindo uma mudança da mudança, ou seja, uma mudança no conjunto de leis que governam a dinâmica familiar, segundo WATZLAWICK.

Sobre o mecanismo da transmissão intergeracional de valores que orientam uma socialização econômica dos pais para seus filhos, MORY & LEWIS (2001, apud DENEGRÍ, 2005) realizaram um extenso estudo com 637 ingleses de 16 a 60 anos. Esse estudo investigou os métodos usados para uma formação educacional na família, e os autores puderam constatar que somente uma porcentagem pequena das famílias se preocupava sistematicamente com a formação educacional dos seus filhos, enquanto o restante utilizava métodos diversos somente quando surgia um interesse por parte dos filhos. Foi possível verificar que, nas famílias de baixa renda, havia pouca formação econômica direcionada aos filhos (21%), em comparação com os pais de maior renda (83%). Nesse mesmo estudo, 45% dos pais disseram não haver recebido formação econômica em suas famílias de origem, o que era mais evidente nas pessoas maiores de 55 anos e naquelas de baixo nível de instrução. Vale ressaltar que, embora esse estudo seja de origem estrangeira, ele reflete dados que são importantes na educação financeira, ligados à transmissão intergeracional.

Assim, acredita-se que a transmissão intergeracional de um modelo de educação financeira ocorrerá nos trâmites de um pertencimento que poderá ou não favorecer uma melhor maneira de lidar com o dinheiro.

Antes de se compreender como pode se proceder uma educação financeira na família, no próximo capítulo será abordada brevemente a história da Psicologia Econômica no mundo e no Brasil. Serão apresentadas as linhas de pesquisa e estudos sobre a socialização econômica.

CAPÍTULO 3
ASPECTOS GERAIS DA
PSICOLOGIA ECONÔMICA

3.1 – História da Psicologia Econômica

É importante rever o caminho percorrido por estudiosos e pesquisadores que se interessam pelo assunto dinheiro, dentro da área da Psicologia, uma vez que ainda são muito escassos, no Brasil, os estudos relacionados a esse tema.

VAN RAAIJ (2006) afirma que a Psicologia Econômica é uma ciência que se situa na interface da Economia e da Psicologia. O autor também afirma que os comportamentos associados a dinheiro, tempo e esforço fazem parte dos estudos da Psicologia Econômica, da mesma forma que os efeitos da economia sobre os indivíduos e os efeitos dos indivíduos sobre a economia fazem parte desta ciência. O estudo do comportamento do consumidor, ou seja, estudos e pesquisas que focalizam como as pessoas escolhem os produtos, marcas, como gastam seu dinheiro e como satisfazem seus desejos também fazem parte da área da Psicologia Econômica.

Considerando-se o objetivo proposto – compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição do ciclo vital –, é possível afirmar que esta pesquisa poderá contribuir para o crescimento da Psicologia Econômica no Brasil. Isso porque, segundo FERREIRA (2006), ainda não foi possível, desenvolver um formato sistematizado dessa disciplina.

Segundo VAN RAAIJ (2006), em 1881 foi usado pela primeira vez o termo Psicologia Econômica, pelo cientista social francês Gabriel Tarde (1843-1904). Tarde descreveu essa ciência como voltada para as suposições da Economia, pois, como o homem é considerado um ser social, as interações entre as pessoas deveriam ser a base para entender a Economia.

LEWIS, WEBLEY & FURNHAM (1995, apud MOREIRA, 2000), descrevem a Psicologia Econômica como:

Uma disciplina principalmente, mas não apenas, constituída por psicólogos. Implica na aplicação de princípios e métodos psicológicos a eventos econômicos da vida cotidiana. Os pressupostos são que os eventos econômicos são ao mesmo tempo eventos sociais e psicológicos e que a vida econômica é uma parte da vida social, e vice-versa. Então, a vida econômica deve ser tratada pelos psicólogos como mais um aspecto do estudo psicológico em geral. (p.46)

LEA, TARPY & WEBLEY (1987, *apud* MOREIRA, 2000) afirmam que se considera psicólogo econômico aquele que reconhece o problema estudado como psicológico e também como econômico. Ele está preparado para usufruir, tanto os métodos psicológicos, como os econômicos, para dar continuidade ao processo de investigação.

No Brasil, existe uma longa trajetória a ser construída, em relação aos estudos da Psicologia Econômica. Nos vários países da Europa, e também na Austrália, Nova Zelândia e EUA, os estudos dessa ciência estão muito bem estabelecidos, com avanços em pesquisas. Por esse motivo, grandes centros de referência foram fundados nesses países. Considera-se pertinente elaborar uma linha do tempo, para apresentação dos fatos marcantes que fizeram parte da história da Psicologia Econômica.

VAN RAAIJ (2006) cita um outro cientista social, Thorstein Veblen (1857-1929), que publicou 'A teoria da classe ociosa', em 1889. Trata-se de um ensaio sobre o comportamento exibicionista dos abastados 'novos ricos', que constitui um tópico psicoeconômico.

De 1940 a 1970, George Katona, do Centro de Pesquisa da Universidade de Michigan, foi o principal expoente da Psicologia Econômica.

Segundo VAN RAAIJ (2006), Karl-Erik, em 1957, foi indicado professor associado de Psicologia Econômica na Escola de Economia de Estocolmo. Sua pesquisa era baseada na psicologia do consumidor. Tratava de assuntos como poupança, comunicação de massa e estudos experimentais sobre as reações de consumidores frente a preços.

Em 1960 e 1970, Paul Albou e Pierre-Louis Renaud (1908-1981) ensinavam a disciplina Economia Política na Universidade Louis Pasteur, em Estrasburgo. Renaud escreveu manuais sobre Psicologia Econômica.

No ano de 1972, Gery Van Veldhoven tornou-se professor de Psicologia Econômica, no departamento de Psicologia da Universidade de Tilburg, e esse fato foi o marco do início da Psicologia Econômica na Holanda.

De acordo com FERREIRA (2006), a partir de colóquios informais (na Holanda) para discussão sobre a interface psicologia/economia, os estudiosos começaram a estabelecer encontros com maior regularidade e organização, até que, em 1982, fundaram a Associação Internacional de Pesquisa da Psicologia Econômica – IAREP (The International Association for the Research of Economics Psychology). A Associação era composta por psicólogos, economistas, administradores de empresas, especialistas em marketing e comportamento do consumidor.

Segundo VAN RAAIJ (2006), a IAREP é composta, na sua maior parte, por pesquisadores europeus; por esse motivo, todos os anos as conferências são organizadas na Europa, exceto a de 1986, que foi em Israel, e a de 2004, nos EUA, Nesta última, a autora deste trabalho apresentou, nos colóquios da Associação, a pesquisa ‘Compreendendo o significado do dinheiro para os pais’.

Conforme FERREIRA (2006), a Psicologia Econômica pode ser considerada por alguns pesquisadores como um ramo da psicologia social. Há também outras disciplinas que também estudam o comportamento econômico: economia comportamental, psicologia do consumidor, socioeconomia, psicologia das tomadas de decisão, psicologia organizacional ou ocupacional. Embora a Psicologia Econômica possa ser associada com outros termos, o seu objetivo é investigar a maneira como a economia influencia a vida das pessoas,

seus sentimentos, pensamentos e comportamentos, e como esses elementos influenciam a vida da economia.

De acordo com VAN RAAIJ (2006), uma atividade significativa foi desenvolver o Journal of Economic Psychology – JoEP (Revista de Psicologia Econômica), em 1981. Essa revista vem mais uma vez salientando que a Psicologia Econômica nos países estrangeiros. Observe-se que pelo menos 50% dos artigos publicados são de países como EUA, Austrália e Nova Zelândia.

Além da IAREP, existem outras associações consideradas importantes. A SABE e a SASE, organizações com sede nos EUA, foram iniciadas na metade da década de 1980. A SABE (Society for the Advancement of Behavioural Economics – Sociedade para o Avanço da Economia Comportamental) é uma organização de economistas que se definem como acadêmicos e que fazem análise econômica rigorosa, considerando que seus estudos podem aumentar o conhecimento do comportamento econômico. Apresentam interesse em saber sobre outras disciplinas: psicologia, antropologia, ciência política, entre outras. A SASE (Society for the Advancement of Socio-Economics – Sociedade para o Avanço da Socioeconomia) é uma organização que inclui estudos sociológicos e da ciência política na economia e nos modelos econômicos (FERREIRA, 2006).

3.1.1 - Produção científica no Brasil

Depois dessa breve explanação sobre o nascimento e o crescimento da Psicologia Econômica nos diversos países estrangeiros, é possível verificar que essa área está concentrada em alguns países e que em outros ainda existe um escasso desenvolvimento desses estudos. No Brasil, o campo da Psicologia Econômica é pouco divulgado, embora essa ciência tenha trilhado alguns caminhos, ao longo do século XX.

De acordo com FERREIRA (2006), o professor Artur Ramos foi o pioneiro da Psicologia Econômica no Brasil, pois ministrou um curso de Psicologia Social na Escola de Economia e Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Mais tarde, essa Escola tornou-se a “Universidade do Brasil”, que, criando o Instituto de Psicologia, pôde colaborar com a Faculdade Nacional de Filosofia, nas disciplinas de Filosofia, Educação, Política e Economia. Alguns anos mais tarde, a disciplina Psicologia Social e Econômica foi ministrada pelo professor Nilton Campos, da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, entre os anos 1940 e 1950.

FERREIRA (2006) afirma que, para Ramos, a psicologia social estava entre a psicologia e a sociologia, compreendendo o estudo do comportamento social e psicológico nos relacionamentos entre o individual, a vida social e a influência dos grupos na personalidade. Uma outra contribuição para o crescimento da Psicologia Econômica foi Campos, que criou, em 1951, o Boletim do Instituto de Psicologia, em que foram publicados conteúdos do curso de psicologia social e econômica.

No ano de 1967, foi feita a tradução para o português de uma pequena versão da *La Psychologie Economique*, de Pierre-Louis Reynaud. Um outro fato importante foi a inclusão, nos anos 60, da disciplina Política Econômica no curso de Psicologia da Universidade do Estado de São Paulo – UNESP, em Assis, interior do Estado. Importante, também, foi a visita do professor Tadeusz Tyszka, membro da IAREP, à Universidade de Campinas – UNICAMP, no ano de 1982.

Nos anos 1990, começa uma tímida manifestação de interesse pelos estudos da economia e psicologia. Entre 1985 e 1994, a população brasileira experienciou a alta inflação, por esse motivo grupos multidisciplinares se reuniram na Universidade Federal Fluminense – UFF, no Rio de Janeiro, em 1991, para debater os diversos pontos de vista sobre aquele fenômeno. Passados poucos

anos, em 1996, foi feita a defesa de doutorado sobre a “Psicanálise do Dinheiro”, por Lima. No ano de 1999, a psicanalista Vera Rita de Mello FERREIRA defendeu a sua dissertação de mestrado cujo tema foi “O Componente Emocional – funcionamento mental e ilusão à luz das transformações econômicas no Brasil desde 1985”, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP (FERREIRA, 2006). Logo depois, criou o seu trabalho de consultoria, com o objetivo de ensinar a melhor forma possível de administrar a carreira ou os negócios e, no ano de 2007, defendeu seu doutorado, intitulado “Psicologia Econômica: origens, modelos, propostas”.

No ano de 2000, a professora Alice MOREIRA, que é de Belém, no Estado do Pará, defendeu seu doutorado sobre o significado do dinheiro. O título de sua tese é “Valores e Dinheiro: um estudo transcultural das relações entre as prioridades de valores e significado do dinheiro para indivíduos”. Nessa tese, foi possível validar uma escala sobre o Significado do Dinheiro para adultos, a ESD II, a partir de um estudo transcultural realizado em Brasília, em Belém e na Inglaterra.

No ano de 2002, foi realizada uma pesquisa, como monografia para o curso de Bacharelado de Psicologia, na UNITAU, cujo título era “Dinheiro e Família: a opinião dos pais sobre a educação financeira dos filhos”. Investigou-se, nesse trabalho o ponto de vista dos pais sobre como educam seus filhos em relação ao dinheiro (DUQUE & MANFREDINI, 2002). Com base nos resultados, foi possível partir para outra pesquisa, visando aprofundar melhor os dados. No ano de 2003, foi realizada uma pesquisa, como monografia para a conclusão do curso de formação de psicólogo, cujo título era “Compreendendo o significado do dinheiro para os pais” (DUQUE & MANFREDINI, 2003). Nessa pesquisa, foi utilizada a escala do significado do dinheiro, elaborada pela professora Alice MOREIRA, tendo a participação de 336 pais que responderam à escala e, depois, 7 pais participaram de um grupo focal, que serviu para confirmar os

dados obtidos na escala. Os resultados apontaram que os pais entendem o dinheiro como positivo, no âmbito social, podendo ser negativo, no âmbito pessoal. Os dados demonstram que a forma de orientar os pais com diferentes rendas familiares pode ser a mesma, pois não foram encontradas diferenças significativas entre os dados fornecidos por homens e mulheres, em diferentes níveis de renda e graus de escolaridade. A partir dos conhecimentos adquiridos, as pesquisadoras elaboraram um anteprojeto de orientação aos pais sobre educação financeira.

FERREIRA (2006) cita que, no ano de 2003, a pesquisadora Gilce T. G. T. Albuquerque concluiu seu mestrado na UFPA, tendo como orientadora a Dra. Alice MOREIRA. O título de sua dissertação foi “As relações entre o significado do dinheiro e o significado do salário para motorista de ônibus público”. Além desse trabalho, a pesquisadora tem outras publicações sobre esse assunto.

A pesquisadora Iani Lauer-Leite também contou com a orientação da Dra. Alice MOREIRA, em sua dissertação de mestrado sobre “As expectativas do primeiro trabalho”. Atualmente, está desenvolvendo seu doutorado, sobre os conceitos de socialização econômica e o comportamento econômico de crianças e adolescentes brasileiros. Com essa tese, pretende validar o instrumento ESD II (Escala do Significado do Dinheiro II, elaborado pela Dra. Alice MOREIRA) para crianças e adolescentes. Tal validação contribuirá para o aumento do número de estudos e pesquisas sobre a socialização econômica para crianças e adolescentes e para os estudos sobre educação financeira.

No ano de 2006, FERREIRA (2006) passa a coordenar o curso de extensão sobre ‘Psicanálise e Psicologia Econômica’, no COGEAE, na PUC-SP. Além desse curso, existiu o LAPE (Laboratório de Psicologia Econômica), na UFPA, em Belém, que foi formado por um grupo de pesquisadores da Psicologia Econômica composto por 5 estudantes de pós-graduação, 5 profissionais que faziam mestrado e 2

professores doutores que supervisionavam as produções científicas. Esse laboratório atualmente está extinto, devido ao fato de a coordenadora Dra. Alice MOREIRA ter-se aposentado.

Não é somente a área da psicologia que tem mostrado estudos sobre a Psicologia Econômica no Brasil, pois a área da Educação vem há algum tempo sendo representada pela educadora financeira D'AQUINO. Em seus estudos, demonstra preocupação com o fato de sermos uma sociedade em que as pessoas são classificadas pelo que consomem. Criou um programa de educação financeira que tem sido aplicado em escolas de todo o País, ensinando às crianças os princípios de uma educação financeira. Esses princípios estão relacionados à ética e à responsabilidade social de um cidadão, ao controle dos impulsos imediatistas e à habilidade de adiar os desejos.

Psicólogos, educadores e alguns outros profissionais têm demonstrado interesse pelos diversos assuntos da área da Psicologia Econômica. Um economista que tem se destacado em palestras e publicações de livros é Eduardo Giannetti, que atualmente leciona Economia com perspectivas filosóficas, psicológicas e biológicas, no Ibmec (FERREIRA, 2006).

Considerando a história da Psicologia Econômica no Brasil, pode-se dizer que, nos últimos anos, o número de estudos e pesquisas vem aumentando, embora num ritmo mais lento, em relação aos países estrangeiros. Para o fato de haver maior interesse em pesquisas na área da Psicologia Econômica, deve-se concordar com FERREIRA (2006), quando essa autora levanta algumas hipóteses: o aumento da popularidade de estudos sobre finanças comportamentais (comportamento do mercado financeiro), o fato de o economista Daniel Kahneman ter ganhado o prêmio Nobel, em 2002, e o uso crescente da internet para acessar os diversos programas e cursos de Psicologia Econômica espalhados pelo mundo.

FERREIRA (2006) considera que, quando a Psicologia Econômica se tornar uma disciplina, primeiramente no curso de graduação em Psicologia, e, provavelmente, mais tarde, em outros cursos, como também em programas de pesquisas, será possível afirmar que a disciplina efetivamente se iniciou, no Brasil.

3.2 – Socialização Econômica

Uma compreensão do mundo econômico requer do indivíduo uma construção sistêmica do modelo socioeconômico em que está inserido, o que implica manejar uma série de informações específicas e desenvolver competências, atitudes, hábitos e condutas de consumo (DENEGRÍ, 2005).

No Brasil, embora o interesse por estudos na área da Psicologia Econômica tenha aumentado, nos últimos anos, ainda há um número muito pequeno de pesquisas que se preocupam em investigar a questão da socialização econômica e educação financeira com crianças, adolescentes e adultos, nas diversas fases do ciclo vital da família.

Ao discutir o tema Psicologia Econômica, vários termos e conceitos vão surgindo, tendo cada um deles significados que muitos profissionais desconhecem. Dessa forma, considera-se importante pontuar o que se pode denominar de socialização econômica.

Há que se concordar com DENEGRÍ (2005), que considera a socialização econômica como um processo de aprendizagem das pautas da interação com o mundo econômico, mediante a interiorização de conhecimentos, destrezas, estratégias, padrões de comportamentos e atitudes acerca do uso do dinheiro e de seu valor na sociedade. Nesse processo, intervêm distintos agentes de socialização, sendo a família o primeiro deles e, provavelmente, um dos mais importantes.

Há, também, um conceito bastante utilizado entre os profissionais que estudam a socialização econômica, o qual, segundo DENEGRÍ (2005), é denominado alfabetização econômica. Trata-se de um conjunto de conceitos, habilidades e atitudes que permitem ao indivíduo uma compreensão do seu entorno econômico, no contexto em que vive e no contexto global, e também compreender suas tomadas de decisões de acordo com seus recursos financeiros (YAMANE, 1997, apud DENEGRÍ, 2005).

Os primeiros trabalhos sobre socialização econômica surgiram nas décadas de 1960 e 1970 (MARSHALL & MAGRUDER, 1960; PREVEY, 1965 apud DENEGRÍ, 2005) e a preocupação desses estudos era a prática da socialização econômica dos pais, que afetava o conhecimento e a conduta dos filhos, quando manejavam o dinheiro.

Um clássico trabalho, segundo FURNHAM & THOMAS (1984a; 1984b, apud DENEGRÍ, 2005), diz respeito a uma amostra de 200 adultos britânicos, quando foram investigados os correlatos demográficos da percepção de dar dinheiro aos filhos em forma de mesada ou aleatoriamente. Os resultados demonstraram que as famílias com pais mais jovens tinham maior tendência a instituir uma mesada regular desde a idade mais baixa de seus filhos. Foi percebido que dar mesada para os filhos era uma prática mais comum na classe média do que nos níveis socioeconômicos mais baixos, em que se entregava dinheiro de maneira irregular.

Uma outra pesquisa que obteve resultados similares, segundo LASSARE (1996, apud DENEGRÍ, 2005), foi numa amostra de 246 filhos e jovens franceses da classe média e da classe baixa, nos estudos de Furnham e Argyle (1998), na Inglaterra. Ambos os estudos destacaram que os adultos da classe trabalhadora introduziam a prática de dar dinheiro a seus filhos mais tarde, enquanto essa prática era mais cedo e comum nas famílias da classe média.

Em estudo anterior, FEATHER (1991, apud DENEGRÍ, 2005), na Austrália, obteve como resultado que a entrega ou não do dinheiro se relacionava com os valores e a ética de cada família, observando que os pais que valorizavam a autonomia como um aspecto importante para seus filhos tendiam a fornecer-lhes dinheiro de forma mais regular e cada vez mais cedo, para ser auto-administrado por eles.

Em um outro estudo, de MORY & LEWIS (2001, apud DENEGRÍ, 2005), numa amostra extensa de 637 sujeitos ingleses de 16 a 60 anos, constataram-se os métodos usados para a alfabetização econômica na família, tais como: dão a mesada (58%), fazem contas bancárias (46%) e discutem sobre o uso do dinheiro (32%).

WEBLEY (2006) afirma que seus estudos indicam que, quando a criança entra mais cedo em contato com o mundo do dinheiro, ele será um aspecto importante para a socialização econômica na infância, e isso influenciará sua conduta econômica e seu status econômico, quanto adulto.

Assim, pode-se constatar que os estudos têm mostrado a importância de os pais introduzirem o mundo do dinheiro na vida das crianças, pois se percebe que é desse modo que eles poderão socializá-las economicamente. Tal procedimento favorecerá que essas crianças, quando adultas, tenham mais experiências sobre a maneira de lidar com o dinheiro.

Considera-se a educação financeira um período de treino para o uso do dinheiro. Ao lidar com o dinheiro, a criança tem a possibilidade de trabalhar, por exemplo, as suas frustrações e a sua ansiedade diante do gastar e poupar. Viabilizar uma socialização econômica na infância significa permitir que a criança entre em contato com o dinheiro e assuma uma forma peculiar de lidar com ele, o que subsidiará sua vida financeira adulta.

DUQUE & MANFREDINI (2002) constataram que os pais consideram importante dar mesada aos filhos (68%), embora somente 45,5% deles dessem mesadas para os filhos, no momento em que a pesquisa foi realizada. Dos pais que davam a mesada para seus filhos, 52, 2% suspendiam a recompensa por causa de indisciplinas ou baixo rendimento escolar.

De acordo com esses dados, pode-se dizer que os pais, muitas vezes, ficam perdidos na maneira como educam seus filhos, e o dinheiro usado como recompensa, para reforçar procedimentos positivos, é retirado quando a conduta da criança, em determinada situação, é negativa. A arte de educar é um crescente desafio aos pais, principalmente no que se refere ao mundo do dinheiro.

D'AQUINO (2001) afirma que, ao estabelecerem uma relação entre as notas que a criança tira na escola e o ganho do dinheiro, os pais estarão minando a responsabilidade dos filhos, pois a única função da mesada deve ser uma ajuda à criança, para que ela aprenda a lidar com o dinheiro.

A mesada não deve ser vista como uma forma fácil de ganhar dinheiro, como um desperdício, uma acomodação. Pelo contrário, deve fornecer aos filhos um autocontrole, uma possibilidade de se mostrar responsável no gasto da quantia recebida. Além de ensinar limites, a mesada proporciona à criança a possibilidade de fazer projeções de gastos e poupança (D'AQUINO, 2001).

Segundo DENEGRÍ (2005), há um escasso desenvolvimento de estudos e pesquisas na área da Psicologia Econômica, principalmente no Brasil. Vivemos numa era globalizada, de constantes avanços, e as maneiras adequadas de proporcionar uma socialização econômica são vitais para que os indivíduos possam desenvolver o pensamento crítico e ter uma postura que lhes permita atuar como cidadãos, e não como meros consumidores.

Simplemente converter as crianças em consumidores é o mesmo que não lhes dar a oportunidade de conhecer o mundo do dinheiro. WEBLEY (2006) diz que aqueles pais que discutem as decisões econômicas da casa e da família com suas crianças promovem uma orientação futura e desenvolvem nelas a habilidade para controlar os gastos. Quando esse procedimento se torna um hábito, durante a formação das crianças, por exemplo, quando usam a conta bancária aberta pelos pais e gerenciam suas rendas cuidadosamente, elas terão aptidão para continuar com essa conduta, quando adultas.

WEBLEY (2006) afirma que as crianças às quais são dadas responsabilidades para aprender sobre decisões financeiras e habilidades econômicas estarão mais aptas a economizar. As crianças que caracterizam seus pais como tendo economizado mais do que a média dos adultos economizaram, elas próprias, mais do que as outras crianças.

Esses estudos demonstram a importância do modelo dos pais na socialização econômica dos filhos. É válido salientar que muitos desses estudos fazem parte de um contexto de cultura e costumes diferentes daqueles que permeiam a história da vida dos brasileiros. Dessa maneira, ao analisar os dados fornecidos pelos autores, é importante ponderar a situação contextual, pois hábitos, costumes, crenças, assim como a história social, política, econômica e cultural, apresentam características muito diversas, em cada nação.

No próximo capítulo, será abordado o assunto família e consumo, que diz respeito ao consumo impactante e atraente que é alimentado pelas propagandas de marketing em nossa sociedade. Muitas vezes os pais ficam perdidos, quanto à forma de educar seus filhos em relação ao dinheiro. Por esse motivo, tentar-se-á compreender o que pode envolver uma educação financeira e de que modo ela deve ser aplicada.

*CAPÍTULO 4 – FAMÍLIA E
CONSUMO*

As famílias da sociedade contemporânea estão cada vez mais comprometidas com as constantes mudanças e transformações que ocorrem no macrossistema que, por conseguinte, interfere no microsistema familiar. As adversidades que transitam no contexto cultural, social, econômico e familiar geram valores que transformam a sociedade. Assim, a ética também muda, de acordo com as aspirações para alcançar melhor qualidade de vida, e esse movimento tem um aspecto de circularidade.

Um dos valores são as formas de interagir na convivência com as pessoas, sendo construídas e reconstruídas ao longo do tempo. O nosso viver é muito mais um julgamento moral, sendo a ética um convite para o outro refletir sobre suas próprias ações e sobre as conseqüências dos atos para si e para os outros. No tocante aos valores numa educação financeira, é importante ressaltar que existem duas vertentes éticas. Aqueles valores aprendidos de forma educacional, com objetivo de saber lidar da melhor forma com o dinheiro, para consumir e manter um patrimônio familiar dizem respeito à ética da saúde, enquanto a ética do marketing é aquela em que o consumo gera necessidades para promover a venda.

No decorrer deste capítulo, discute-se a contraposição ao marketing do consumo, demonstrando o que a educação financeira pode fazer para orientar a família frente ao consumismo. Num primeiro momento, apresenta-se como o marketing atua em nossa sociedade e na vida pessoal das famílias, mostrando o consumismo que gera e, por último, a importância de se ter uma educação financeira que se contraponha a esse mundo consumista e capitalista.

4.1 - As implicações do marketing no comportamento do consumidor

Para falar do consumo do ponto de vista do marketing, considera-se o que seja o comportamento do consumidor. Para BLACKWELL et al. (2005), o comportamento do consumidor é uma ciência que utiliza

a psicologia, a sociologia, a antropologia e a estatística, entre outras, para compreender o que se passa na vida do consumidor e para desenvolver habilidade para compreender o que passa em sua mente. Para o autor, o comportamento do consumidor é definido como “[...] atividades com que as pessoas se ocupam quando obtêm, consomem e dispõem de produtos e serviços” (p. 6). Há várias atividades incluídas nessa definição e, entre elas, estão a obtenção, o consumo e a eliminação de produtos.

Segundo BLACKWELL et al. (2005), por questões históricas, o comportamento do consumidor era visto somente da perspectiva do poder de compra ou do motivo por que as pessoas comprem. Hoje, no entanto, há exaustivos estudos e pesquisas sob o ponto de vista de por que e como as pessoas consomem, para entender por que e como elas comprem.

Diante dessas considerações, pode-se dizer que o marketing surge para criar novas demandas, necessidades e desejos no estilo de vida do consumidor. Atualmente, a propaganda é um forte veículo de comunicação para efetuar a venda, tornando o produto cada vez mais acessível na vida das crianças, jovens, adultos e idosos.

De acordo com CAMPOS (2004, p. 24), os dados do IBGE revelam que 85% dos lares brasileiros possuem pelo menos um aparelho de televisão que permanece ligado em média cinco horas por dia, sendo 7,6% restritos a programação a cabo. Isso mostra o quão forte é a influência da televisão nos lares e quanto a propaganda abre as portas para criar idealizações de desejos para o ato de se consumir.

Segundo VILLELA (2006), o Painel Nacional de Televisão do Ibope divulgou que as crianças brasileiras de 4 a 11 anos, no ano de 2004, viram 4 horas, 49 minutos e 54 segundos de televisão por dia. No ano de 2005, as crianças passaram a ver 4 horas, 51 minutos e 19 segundos. Segundo a autora, o Brasil está em primeiro lugar, na frente

dos EUA, na quantidade de tempo que as crianças ficam em frente ao televisor.

Com base nesses dados, pode-se inferir que, devido ao fato de as crianças passarem mais tempo vendo televisão do que na escola, elas são conduzidas a exercer com maior afinco o papel de consumidoras do que o de cidadãs. Portanto, considera-se que esse fato é preocupante, pois, em decorrência do tempo que as crianças vêem televisão, esta pode ser a fonte primária de conhecimento do mundo infantil. O marketing, por sua vez, usa da vulnerabilidade das crianças para criar nelas um espírito de consumidores fiéis.

Para CHRISTOPHER (1999), a tarefa do marketing é encontrar meios de aumentar o valor do produto para o consumidor, melhorando os benefícios percebidos e/ou reduzindo os custos totais da empresa. Para tanto, cria valores para o consumidor, para que, assim, essa tarefa seja bem sucedida.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor – PEIC (2007), da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio), teve como objetivo diagnosticar o nível de endividamento e inadimplência do consumidor e contou com a participação de 2100 consumidores, no município de São Paulo. Nessa pesquisa, foi constatado que o paulistano estava mais endividado (62%) no mês de junho de 2007, em relação ao mês de maio de 2007, o que significa um aumento de 2 pontos percentuais. Os consumidores que ganham até 3 salários mínimos atingiram 59% dos entrevistados. O motivo para o atraso das dívidas está relacionado à falta de controle financeiro e ao desemprego, e a despesa que mais afetou as dívidas foram 17% gastos com alimentação, 16% com vestuário e 12% com veículos.

Pode-se dizer que a falta do controle financeiro sendo o motivo do endividamento, o orçamento familiar e o poupar são formas para lidar com o dinheiro que provavelmente não fazem parte da vida dos

consumidores endividados, ou são feitos de maneira ineficaz e improdutivo. O fato de haver esse endividamento pode estar relacionado também ao consumismo, pois as estratégias de marketing são armas poderosas que levam as pessoas a se comprometerem com dívidas.

Um dado que mostra os valores do marketing em nossa sociedade está de acordo com o que GIANETTI (apud ARAÚJO, 2003) afirma: houve uma grande mudança em relação aos gastos familiares, com o passar dos tempos. No final do século XIX, 80% da renda familiar eram destinados a gastos com bens primários (alimentação, vestuário e moradia). Nos dias de hoje, esse número foi reduzido para 20%, e o restante da renda familiar agrega consumos como entretenimento, educação e saúde.

Esses dados demonstram uma mudança de costumes e valores no âmbito da família. Tal mudança pode ser atribuída à maior liberdade de expressar os desejos que as crianças e adultos almejam realizar. Considerando-se que as propagandas estão cada vez mais sedutoras, e as pessoas passam a acreditar que seus desejos poderão ser concretizados, o que muitas vezes é impossível. Associado a esse cenário, o consumo moldou outros aspectos da sociedade. A Internet tornou-se um grande instrumento de globalização criado pelos avanços tecnológicos, pois facilita e agiliza a vida das pessoas também no ato de comprar. Tal instrumento tecnológico transformou de maneira incrível o cotidiano do mundo no século XXI.

As estratégias de marketing são poderosas e têm extrema influência no estilo de vida das pessoas, assim como também nas decisões de consumo de uma família. De acordo com BLACKWELL et al. (2005), estudos definem quais os papéis individuais envolvidos nas compras familiares, os quais podem ser assumidos por qualquer membro da família. Esses papéis são classificados como: 1. iniciador/porteiro - aquele que provoca na família a idéia da compra de um certo produto; 2. influenciador - a pessoa que fornece

informações para refletir sobre os critérios que a família deve ter para comprar o produto, além de saber das marcas que se assemelham a esses critérios; 3. decisor - aquele que tem autoridade financeira ou que decide de que forma o dinheiro da família vai ser utilizado e em quais marcas ou produtos; 4. comprador - aquele que vai até a loja, liga para os fornecedores, preenche os cheques, e assim por diante; e, finalmente, 5. usuário - aquele que usa o produto comprado.

De acordo com os dados do autor, as crianças, no ano de 1998, gastaram mais de \$25 bilhões comprando guloseimas, jogos, filmes e música, dos varejistas norte-americanos. A influência das crianças nas tomadas de decisões nos gastos domésticos da família tende a ser grande, com relação aos produtos que elas próprias usam; ao contrário, quanto às influências nos produtos mais caros, as crianças tendem a ter mais limitações.

Considerando esse cenário de gastos das crianças, pode-se pensar nas mesadas que os pais estão proporcionando aos filhos, em sua educação. Num estudo sobre a opinião dos pais na educação financeira que realizam com seus filhos, 114 pais responderam um questionário, e foi possível alcançar o resultado de 45,5% que afirmaram que dão mesada a seus filhos (DUQUE & MANFREDINI, 2002). Portanto, o comportamento de um membro familiar é afetado pelo outro e, dessa forma, os pais aderem a certos modos de gastar o dinheiro que, muitas vezes, acabam fazendo parte do universo de compras das crianças com o dinheiro de sua mesada.

As compras que partem de uma necessidade ilusória do consumidor são o grande foco da estratégia de marketing. Segundo a ética do profissional dessa área, considera-se o apelo para as famílias consumirem, que provém de uma meta baseada em cada vez mais aumentar as vendas e lucros das empresas. Isso fatalmente ocasiona a competitividade entre as empresas, que disputam o consumidor, oferecendo-lhes um leque de escolhas, além de facilitar-lhes a compra, muitas vezes com enganosas e sedutoras formas de pagamentos.

Visto que o marketing cria necessidades e mostra o caminho para satisfazê-las, por meio dos produtos oferecidos, os pais lançam mão de recursos e estratégias que muitas vezes não são eficientes para orientar seus filhos nas formas de gastar e poupar.

Considera-se importante conhecer a visão do profissional de marketing, pois dessa forma se pode constatar que a mídia e outras diversas estratégias utilizadas para gastar são fortes recursos para transformar as pessoas em consumidores assíduos e, até mesmo, fiéis a determinados produtos. Em meio a esse consumo, os pais muitas vezes ficam perdidos na sua tarefa de educar os filhos, levando-os, muitas vezes, a serem consumidores, e não cidadãos.

É válido esclarecer que, de acordo com os objetivos desta pesquisa, há uma preocupação em compreender como os pais estão educando seus filhos em relação ao dinheiro nos dias de hoje; no entanto, deve-se levar em consideração o marketing maciço existente em nossa sociedade, bem como as estratégias que o sustenta. É preciso, pois, entender o funcionamento do consumo do mundo atual, para tentar compreender como processar uma educação financeira na família, frente ao consumo desenfreado.

4.2 – Educação Financeira: uma tarefa de toda a família e de toda a sociedade

Vivemos em constantes mudanças e transformações, no contexto sócio-político-econômico e tecnológico. Os pais deparam com inúmeros desafios para educar seus filhos, em meio ao consumo, e têm outra tarefa na arte de educar: a de vencer o fato de falar sobre dinheiro para os filhos, pois este ainda continua sendo um assunto tabu. Considera-se que exercer a parentalidade, nos dias de hoje, é um exercício contínuo de tentativas, com acertos e erros, que requer conhecimentos e apoio, para se obter compreensão das necessidades e desejos dos filhos frente às imposições do marketing. A educação

financeira é, portanto, a melhor maneira de os pais orientarem seus filhos sobre o modo de lidar com o dinheiro.

Hoje é possível pensar em educar os filhos em relação ao dinheiro, pois há uma estabilidade no contexto socioeconômico, ao contrário da situação que o país experimentou com a inflação, até pouco mais de uma década.

FERREIRA (2007) compreende que o Brasil viveu vários anos de inflação econômica, da década de 1970 até o ano de 1994, tendo trocado 4 vezes de moeda e tentado diversos planos de governo para combatê-la, ainda assim sem encontrar maneiras eficazes para controlá-la.

É válido comentar sobre o momento turbulento que a inflação provocou, pois deixou marcas na história econômica do país e nos diversos aspectos da vida dos brasileiros. Por esse motivo, é importante lembrá-la, ao falar sobre educação financeira. Com tantos problemas econômicos já vividos no Brasil, educar os filhos em relação ao dinheiro pode ser possível, nos dias de hoje, apesar de ser ainda um desafio para os pais, como também para a psicologia, compreender essa educação em nossa realidade.

D'AQUINO (2001) faz uma relação da situação econômica dos pais que têm a intenção de oferecer mesada para os filhos. Segundo a autora, quando havia um alto índice de inflação no país, era inviável pensar em mesada, em planejar, pelo fato de a situação econômica ser instável. Com a estabilidade da economia, a idéia de planejar voltou a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Para aprender a lidar com o dinheiro, em qualquer lugar, tempo e espaço, as pessoas passam, necessariamente, por uma educação financeira. Antes de entender a educação financeira, é importante saber do que se trata uma educação. Segundo o dicionário HOUAISS (2001), a palavra educação é entendida por meio de algumas

definições, como “ato ou processo de educar (-se)” ou como uma “aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino”, ou, ainda, pode ser considerada como “o conjunto desses métodos; pedagogia, instrução, ensino”, e também como um “desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão”. Portanto, os atos de instruir e orientar são alguns dos importantes meios de se educar e, quando se trata de dinheiro, pode-se chegar ao conceito de educação financeira.

Para D’AQUINO (2001), a idéia de educação financeira pode, de imediato, parecer uma orientação sistematizada acerca dos procedimentos e das técnicas de como utilizar o dinheiro no cotidiano. Contudo, para a autora, o objetivo da educação financeira está muito além de uma simples técnica. Para ela, os pais devem ensinar os filhos a desenvolver a tolerância devida para alcançar a satisfação do desejo, observando que o poupar pode levar à realização de objetivos plausíveis. Por último, os pais devem ensinar aos filhos o planejamento dos seus gastos com base na quantia do orçamento disponibilizada a eles. Conforme a definição da autora, é de grande importância, numa educação financeira, a definição de necessidades e desejos.

Segundo ZAGURY (2003), ao diferenciar desejos de necessidades, é possível criar limites numa educação. A autora acredita que necessidade está relacionada com algo que precisa ser atendido, caso contrário, o indivíduo poderá ter sérios comprometimentos, no seu desenvolvimento físico, intelectual e/ou emocional. Já o desejo corresponde àquilo que o indivíduo tem vontade de possuir ou realizar, o que não compromete o seu desenvolvimento e está relacionado apenas com o seu prazer.

Considerando a interface Psicologia – Economia, FERREIRA (2007) observa que os conceitos de desconto hiperbólico, escolha intertemporal e contas mentais são tidos como alterações de nossa

percepção que facilitam encontrar a satisfação de forma imediata, mesmo que isso implique gastos maiores no futuro. Observa, também, que está presente, em todos esses conceitos, o componente emocional.

FERREIRA (2007) compreende que a noção de escolha intertemporal acompanha o conceito de desconto hiperbólico subjetivo, que possibilita a opção por prazeres imediatos em função dos custos futuros, ou a opção por agüentar pela não gratificação imediata por conta de uma satisfação maior no futuro.

Ao falar sobre a possibilidade de custos futuros, GIANETTI (2005, apud FERREIRA, 2007) discute a questão dos juros para exemplificar o conceito de escolha intertemporal. Assim, se há um desejo de comprar, no momento atual, e não se dispõe de fundos suficientes, é possível obter um crédito e realizar a compra; entretanto, um custo extra (os juros sobre o empréstimo) deverá ser pago, mais tarde.

Embora, no decorrer deste trabalho, o conceito de educação financeira tenha sido apresentado na perspectiva de D'ÁQUINO, uma educadora formada em ciências sociais, é interessante sugerir como uma educação financeira deve ser realizada pelos pais.

Considero que uma educação financeira pode ser realizada por meio de técnicas e estratégias na família, na escola, na comunidade, na religião e nos meios de comunicação, pois esses são os ambientes em que toda criança pode circular, ao longo de sua vida. Assim, nesses espaços, pode aprender, de forma implícita ou não, a maneira de lidar com o dinheiro. Educar a criança para aprender a usar o dinheiro relaciona-se, não só com o cuidado no manuseio do papel moeda, preservando sua condição física, mas também com as implicações éticas e morais que o dinheiro pode envolver. A questão ética deve ser observada, em uma educação que proporcione consciência para usar o dinheiro sem subornos e sem desmoralizar as pessoas, sendo esta uma

forma de exercer a cidadania, respeitando-se o espaço público e privado de uma sociedade.

Uma das formas de se educar financeiramente as crianças seria o poupar. Além de sua importância, como fator educativo, a poupança é, também, uma maneira de ensinar a criança a ser tolerante à frustração, adiando seus desejos em prol da subsistência, e não da falência.

Diante desse conceito, pode-se dizer que a educação financeira remete ao tipo de comportamento ao se lidar com o dinheiro. Por esse motivo, torna-se fundamental investigar a motivação humana, para compreender as necessidades das pessoas com relação ao modo de gastar e poupar o dinheiro.

4.3 – A Teoria da Motivação X O Contexto

Na teoria da motivação de Maslow, segundo CHIAVENATO (2005), as necessidades humanas estão organizadas hierarquicamente numa pirâmide. As necessidades primárias, que se localizam na base da pirâmide, são as fisiológicas e de segurança, enquanto as necessidades secundárias estão no topo, organizadas como sociais, de estima e, por último, de auto-realização.

As necessidades fisiológicas são aquelas instintivas, ou seja, já nascem com o indivíduo, e estão relacionadas à sobrevivência e à preservação da espécie. São necessidades de alimento, sono, proteção contra o frio ou contra o calor.

As necessidades de segurança estão relacionadas à busca de proteção contra ameaças, privação e fuga de perigo. Surgem quando as necessidades fisiológicas estão satisfeitas. Já as necessidades sociais surgem quando as primárias estão relativamente satisfeitas. As necessidades sociais são aquelas de associação, amizade, afeto, amor e aceitação perante os outros. Quando não são satisfeitas, as pessoas tornam-se resistentes e hostis. Geralmente, as frustrações dessas

pessoas levam-nas à falta de adaptação social, ao isolamento e à solidão.

As necessidades de estima relacionam-se ao modo como a pessoa se conhece e se avalia. Envolvem auto-apreciação, autoconfiança, aprovação social, status, prestígio e consideração, além de incluir as necessidades de independência e autonomia. Quando são satisfeitas, aparecem no indivíduo sentimentos de força, prestígio, poder, capacidade e autoconfiança; porém, quando frustradas, geram sentimentos de fraqueza, desamparo e dependência.

Por último, as necessidades de auto-realização, que Maslow não definiu com precisão (SPECTOR, 2002), estão no topo da hierarquia e relacionam-se à realização do potencial particular e ao autodesenvolvimento contínuo da pessoa, ou, como Maslow afirmou: “o desejo de ser... tudo o que é capaz de ser” (MASLOW 1943, p. 382, apud SPECTOR 2002, p. 200).

Segundo Maslow, somente quando o nível inferior de necessidades estiver satisfeito surgirão as necessidades motivadoras de um nível mais elevado, no comportamento da pessoa. Portanto, quando as necessidades de nível inferior estão satisfeitas, as mais elevadas dominam o comportamento motivador; entretanto, se a necessidade de nível inferior deixar de ser satisfeita, voltará a predominar. Um outro aspecto a ser salientado é que todas as pessoas possuem todos os níveis de motivação que atuam no organismo, mas o nível de hierarquia cresce somente quando as necessidades se encontram no estado de satisfação.

Embora a hierarquia de necessidades de Maslow seja um modelo importante para a compreensão da motivação, ARGYRIS (1975) faz uma crítica a essa teoria. Fala da existência de uma energia psicológica para ajudar a explicar o comportamento humano que, segundo ele, não pode ser explicado somente em termos fisiológicos. Essa energia existe dentro das necessidades de todo indivíduo. O autor

explica as necessidades como sendo partes da personalidade humana; porém, quando ativadas, encontram-se sob tensão, possibilitando a origem de motivação para o comportamento. Assim, quando ativadas, as necessidades estarão sempre em tensão em relação a um objetivo ou meta a ser alcançada, no meio em que se vive. Essa tensão é reduzida quando se atinge a meta à qual se relaciona a necessidade.

As necessidades ativadas para o consumismo vão variar de acordo com o contexto da família. Segundo ARGYRIS (1975),

[...] as necessidades específicas, os valores e as aptidões que desenvolve não de ser altamente influenciados por essas normas da cultura que a cerca. Através dos pais, a criança começa a descobrir as normas da cultura que a cerca. Da mesma forma, a classe social em que se localiza a família desempenha papel importantíssimo na definição da cultura, assim como no ritmo de sua evolução (p. 35).

A afirmação acima não descarta a influência do contexto sociocultural do indivíduo. Diferentemente da teoria da hierarquia de necessidades, de Maslow, ARGYRIS (1975) entende que o indivíduo tem predisposição para criar necessidades, em um contexto cultural no qual desenvolve necessidades periféricas e outras centrais. O indivíduo não estabelece rigidez, ao seguir hierarquicamente as necessidades, conforme Maslow salientou.

De acordo com a hierarquia das necessidades, de Maslow, o fato de satisfazer uma das necessidades não quer dizer que serão supridas. Ao descrever sua teoria, Maslow não levou em consideração o contexto das pessoas nas diferentes partes do mundo, com diversas culturas e valores e, conseqüentemente, não considerou, também, uma hierarquização diferente de necessidades.

Em relação ao contexto, WATZLAWICK (1973) afirma que “[...] um fenômeno permanece inexplicável enquanto não ampliarmos o âmbito de observação para incluir o contexto onde ele ocorre.” Dessa forma, é notória a importância do elemento contextual, para assim conhecer os valores, as crenças e as necessidades de cada lugar. Por

exemplo, a necessidade de auto-estima é alcançada quando se está em regime alimentar, porém há uma privação de alimento que gera uma necessidade fisiológica. Assim, a auto-estima deixa a pessoa mais feliz, por manter um corpo desejado. Nesse contexto, a necessidade a ser alcançada não é a fome, e sim conseguir atingir auto-estima. Com esse exemplo, é possível destacar que as necessidades podem ser dominadoras, mesmo que não estejam organizadas hierarquicamente, como Maslow as colocou na pirâmide.

ARGYRIS (1975) afirma que “[...] a auto-estima do indivíduo não é independente da auto-estima alheia”, sendo sistêmico compreender que cada membro influencia os outros membros (CERVENY, 2001). Dessa forma, a família alcança a auto-estima diante de uma meta cumprida, porém a mesma necessidade, em uma outra família, pode não ser considerada necessidade, o que não significa que esta família não tenha alcançado uma auto-estima. Por exemplo, uma família que vive numa metrópole mantém um alto nível de auto-estima por ter adquirido um carro de alto padrão econômico, e uma outra família, que vive no interior, mantém o mesmo nível de auto-estima por ter adquirido um carro de baixo padrão econômico. Provavelmente, a família que vive na metrópole, se adquirisse o carro de baixo padrão econômico, não alcançaria a auto-estima que a família do interior atingiu. Isso implica contextos diferentes, nos quais valores, crenças e realidades são construídos e reconstruídos de acordo com a história sociocultural. Conseqüentemente, são influenciados pelos indivíduos, os quais são influenciados pelo contexto.

Contudo, os objetivos de uma orientação sobre a educação financeira que os pais realizam com seus filhos se contrapõem aos ideais do marketing. As famílias são organizadas para pertencer e formar um grupo, estão em um determinado contexto, com suas crenças, regras e valores, e cabe a cada uma delas uma particularidade para enfrentar as dificuldades de educar financeiramente seus filhos, diante do bombardeio ilimitado de propagandas apelativas.

Nesta sociedade, uma família com valores sólidos e com forte sentido de pertencimento, construído nas relações entre os subsistemas parental e filial, tem possibilidade de preservar o que considera importante numa educação financeira e não ceder às tentações do consumo imediato.

Para compreensão das formas de educar as crianças para que elas possam lidar com o dinheiro, serão apresentados, no próximo capítulo, alguns estudos estrangeiros sobre como as crianças entendem o ato de poupar e de gastar, os efeitos da oferta, e também o que elas entendem sobre o uso do dinheiro. Esse entendimento, nos estudos, está relacionado às faixas etárias das crianças. Em um primeiro momento, será apresentada uma breve história do dinheiro e as linhas de pesquisa da psicologia do dinheiro, sendo uma delas a educação financeira.

CAPÍTULO 5 - DINHEIRO

5.1 – Uma breve história do dinheiro

De acordo com MOREIRA (2000), embora o dinheiro seja tradicionalmente um assunto peculiar dos economistas, que discutem acerca de seus valores, origens, história e funções, nos últimos anos os profissionais das ciências sociais e psicológicas estão estreitando seus conhecimentos e interesses sobre o seu manejo na sociedade.

Segundo Lewis, WEBLEY & FURNHAM (1995, apud MOREIRA, 2000), a economia é muito importante para ser estudada somente pelos economistas; por isso, há um aumento de pesquisas interdisciplinares acerca da vida econômica. A interface entre Psicologia e Economia é tarefa difícil, devido a inúmeras diferenças que caracterizam essas disciplinas. Enquanto a economia investiga fórmulas e modelos matemáticos baseados em uma única teoria, a psicologia não dispõe somente de uma teoria: guia-se por múltiplos princípios, para gerar o conhecimento.

MOREIRA (2000) afirma que, como o dinheiro participa praticamente de todas as esferas da vida social, ele é focado, nos estudos das ciências sociais, em cada uma delas, visto de um ângulo diferente e específico. Dessa forma, o dinheiro é tido como um objeto multidisciplinar que atravessa diversos fenômenos sociais, podendo ser considerado, desde o nível transcultural, até o nível individual.

Levando em consideração as idéias da autora acima, acredita-se que seja importante compreender brevemente os significados que o dinheiro teve ao longo da história. Torna-se importante e necessário, também, demonstrar como ocorreram mudanças na forma de utilizá-lo: dos utensílios para o papel moeda, cédula de plástico, do uso dos cartões de crédito e da Internet.

D'AQUINO (2006) compreende que o dinheiro é uma quantia em moedas ou notas de papel que usamos para comprar coisas e fazer pagamentos. Ao longo da história, os objetos e utensílios foram

usados como dinheiro. Alguns deles foram: o chá, penas de avestruz, bacalhau, presas de javali, cacau, ovos, pele de animais, anzóis, arroz, escravos, metais, dentre outros. Com o tempo, houve necessidade de utilizar materiais que pudessem ser armazenados sem perigo de deteriorar e de perder o valor; assim, teve início o uso dos metais preciosos como medida de troca para pagamentos. Os metais eram derretidos e transformados em barras, lingotes, cubos e placas.

FRIEDMAN (1992, apud MOREIRA, 2000) entende que a essência do dinheiro sempre consistiu no simples fato de todos acreditarem nele, mesmo sendo mercadorias usadas para troca, já que esse movimento passava a conferir-lhe um novo e diferente valor.

A palavra moeda é originária do latim, do templo da deusa “Juno Moneta”, local em que eram confeccionadas as moedas romanas. As primeiras moedas de metal surgiram, aproximadamente, no ano 700 a.C., na Lídia, Grécia. Eram feitas de eletro, uma liga natural de ouro e prata. As primeiras cédulas surgiram na China, no século VII, e eram confeccionadas com cascas de amoreira. O uso do papel-moeda tornou-se popular na Europa e nos EUA apenas na segunda metade do século XIX (D’AQUINO, 2006).

O papel moeda teria sido primeiramente usado na China, na dinastia Ming. Entre os europeus há uma divergência sobre quando e quem teria emitido a primeira cédula. Os primeiros cheques foram emitidos pelo Banco de Médici, no final do século XIV, na Itália, de onde o sistema se expandiu por toda a Europa. O primeiro banco público digno de nota foi o Banco de Amsterdã, criado no século XVII. As atividades bancárias tiveram grande importância desde o Império Romano (FURNHAM, ARGYLE, 1998; WEATHERFORD, 1997/1999, apud MOREIRA, 2000).

De acordo com MOREIRA (2000), Benjamin Franklin ganhou o título de “pai do papel-moeda”, sendo a Revolução Americana a primeira das guerras financiadas com a vasta emissão de dinheiro de

papel. No período entre o início do governo da rainha Vitória e a Primeira Guerra Mundial, a Inglaterra conseguiu manter o primeiro sistema monetário global, emitindo um papel-moeda mundialmente estável e confiavelmente lastreado pelo ouro.

Segundo a Teoria Unitária da Moeda, o dinheiro é numerário, ou melhor, uma abstração numérica que faz equivaler objetos pela mesma unidade de medida. Ao emitir o dinheiro, o banco emissor está fazendo um empréstimo ao usuário, gerando débito espontâneo. Esse débito é gerado sobre si mesmo, ou seja, é uma dívida sem causa; quando o usuário paga o empréstimo, o banco não recolhe nada, desaparecendo a dívida que foi gerada (SCHMITT, 1975/1978, apud MOREIRA, 2000).

Todo este processo envolve uma hierarquia entre quem emite mas não pode utilizar, e entre quem utiliza mas não pode emitir. Com isso, os bancos centrais e o Fundo Monetário Internacional fazem o papel para emitir meios de pagamentos. As dívidas podem ser pagas por meio de débito em conta corrente; outras, no caixa do banco; e, ainda, usando cartões de crédito ou retirando cédulas em máquinas, para transações (MOREIRA, 2000).

Segundo WEATHERFORD (1997/1999, apud MOREIRA, 2000), os cartões de crédito foram feitos em papelão, num primeiro momento, e eram usados por companhias de petróleo. Logo foram imitados pelas grandes lojas, e, no início da década de 1950, o Diners Club lançou seu cartão de papelão para ser usado em restaurantes. Esse cartão foi substituído pelo plástico, no ano de 1955. Em 1958, a American Express Company lançou seu cartão de crédito para viagens, e, no mesmo ano, surgiu a primeira versão bancária, com o BankAmericard, que mudou o nome para Visa, em 1977. Já em meados dos anos 1990, mais de 400 milhões de cartões Visa eram aceitos em 12 milhões de estabelecimentos espalhados pelo mundo.

As operações bancárias eletrônicas tiveram início no ano de 1960, pela American Express Company. As máquinas automáticas para sacar dinheiro durante 24 horas ao dia começaram a funcionar em 1971, na Califórnia. Na década de 1970, as operações eletrônicas e cartões de crédito já permitiam a transferência de fundos entre as contas e favoreciam o pagamento automático. Na década de 1990, com o avanço tecnológico e o surgimento da Internet, houve uma revolução no dinheiro eletrônico, o que permitiu a movimentação internacional de grandes quantias. O avanço considerado mais recente é o surgimento de dinheiro completamente virtual, criado e usado exclusivamente no espaço (cyberspace), mas conversível a qualquer moeda tradicional (MOREIRA, 2000).

Para GALBRAITH (1987/1989, apud MOREIRA, 2000), a economia clássica distingue o dinheiro como valor pessoal, social e sagrado. Argumenta que o dinheiro é algo quantitativo, permitindo uma única e mesma moeda para todas as sociedades, a qual varia apenas no nome e nas cotações do câmbio internacional.

Considerando as transformações ocorridas com a forma de usar o dinheiro, ao longo dos anos, é de grande importância apontá-las para tentar compreender o seu uso na sociedade vigente. Algumas das diferentes maneiras de seu uso nos dias de hoje acontece por meio de: cartões de crédito, Internet e celular. Essas mudanças tecnológicas e sociais influenciam diretamente a educação financeira que os pais realizam com seus filhos. Vale ressaltar que esses diversos meios de usar o dinheiro não podem ser deixados de lado, ao se referir a uma educação financeira, pois fazem parte do contexto atual em que pais e filhos convivem.

5.2 – Linhas de Pesquisa sobre a Psicologia do Dinheiro

FURNHAM & ARGYLE (1998, apud MOREIRA, 2000) propuseram recentemente uma nova área de interesse, a chamada Psicologia Social do Dinheiro, que utiliza conceitos, métodos e teorias

sociopsicológicas para descrever o comportamento monetário das pessoas. Essa nova área foi desenvolvida por psicólogos ligados às universidades inglesas. Esses psicólogos desenvolvem alguns estudos em laboratórios, outros apoiados em técnicas de entrevistas, observação e questionários, e as atitudes das pessoas frente ao dinheiro são investigadas, nessa área. Portanto, a Psicologia Econômica foi subdividida em ramos de interesses específicos, sendo um deles a psicologia do dinheiro.

Para LEWIS (1995, apud MOREIRA, 2000), a psicologia do dinheiro é o estudo sobre como as pessoas tratam o dinheiro, dependendo de onde vem e de como é obtido. Estuda também o seu significado e a influência de propriedades físicas atreladas ao ele.

FURNHAM & ARGYLE (1998, apud MOREIRA, 2000) elaboraram um elenco de temas inter-relacionados para explicar a Psicologia do Dinheiro: I – Valor simbólico do dinheiro - focaliza o dinheiro em si mesmo e as diferentes formas de usá-lo, que podem determinar diferentes gastos; II – Atitudes frente ao dinheiro - construção e validação de escalas; III – Socialização - estudo de como as crianças aprendem a lidar com o dinheiro; IV – Dinheiro na vida cotidiana - comportamentos relacionados ao poupar e gastar; V – Patologia do dinheiro - focaliza a relação entre dinheiro e sentimento; VI – Posses - relação entre materialismo e satisfação com a vida; VII – Dinheiro e Família - enfoca o dinheiro nas dinâmicas familiares; VIII – Caridade - comportamento de doação de dinheiro; e, IX – Trabalho - estudo sobre pagamento e salário relacionados à produtividade e à permanência no trabalho.

Dentre tantos outros temas mencionados nos estudos da Psicologia do Dinheiro, dinheiro e família, socialização e dinheiro na vida cotidiana foram abordados ao longo dos capítulos desta dissertação, devido à proximidade do assunto de interesse e à relevância aparente que demonstram ter dentro da área da Psicologia Econômica.

MOREIRA (2000) afirma que estudiosos investigaram que, dentre os membros da família, o poder tende a se concentrar no provedor principal, geralmente o marido. O dinheiro representa um elemento de ligação entre as esferas públicas e privadas, sendo ambas afastadas pela separação entre trabalho e família; todavia, continua sendo um elemento importante para garantir o poder dentro da família, apesar de a mudança de papéis de gênero vir se instalando como um novo arranjo familiar (IZRAELI, 1994, apud MOREIRA, 2000).

Embora, tradicionalmente, a base da autoridade seja masculina, vem ocorrendo uma mudança quanto ao papel de provedor, no subsistema conjugal, o que tem se tornado uma constante na sociedade contemporânea.

Pahl (1989; 1995, apud MOREIRA, 2000) ressalta que, ao tornar-se provedor da família, a mulher não adquire o mesmo tipo de poder relacionado ao homem.

Aumentar o salário das mulheres pode ser especialmente benéfico para a saúde das crianças. No Brasil, salário nas mãos das mães tem efeito maior na saúde da família que salário controlado pelo pai. (WORLD BANK, 1993, p. 41, apud MOREIRA, 2000, p. 64)

Essa argumentação foi utilizada no governo do Distrito Federal, ao instituir o programa bolsa-escola, para justificar o depósito no nome da mãe, e não do pai.

Outras pesquisas que concernem à abordagem sobre dinheiro na vida cotidiana estão focadas nos estudos de poupar e ganhar dinheiro. KATONA (1975, apud MOREIRA, 2000) afirma que foi provavelmente o primeiro a indicar razões para as pessoas pouparem: 1- Emergências, em casos de doenças ou desemprego; 2 – Aposentadoria; e, 3 – Necessidades da família, com relação à educação dos filhos ou para comprar um imóvel. Esse autor concluiu que as características de um poupador dependem do que ele define como poupança.

O comportamento de poupar tem sido alvo de estudos e interesses dos pesquisadores. FURNHAM (1985b, apud MOREIRA, 2000) estudou o comportamento de poupar, na Inglaterra. O estudo teve como objetivo determinar estruturas de crenças sobre o modo de poupar, entender os determinantes demográficos e psicológicos sobre poupar e explorar as razões para as pessoas pouparem. Os resultados apontaram que as diferenças na forma escolhida de poupar se relacionam com a renda e a idade das pessoas. Apontaram, também, que não houve influência de sexo, mas apenas de idade, sobre as crenças e motivos para poupar, sendo as variáveis demográficas mais importantes do que as crenças.

Uma outra pesquisa sobre poupar defende, segundo LIVINGSTONE & LUNT (1993), LIVINGSTONE & LUNT (1992), LUNT & LIVINGSTONE (1991a) & LUNT & LIVINGSTONE, (1991b), apud MOREIRA (2000), as variáveis sociodemográficas, econômicas, psicológicas e comportamentais como a melhor estratégia para explorar os determinantes do uso do dinheiro. Essa pesquisa envolveu 279 sujeitos ingleses da classe média baixa e da classe trabalhadora alta, que responderam a um questionário com mais de 400 questões. Os resultados demonstraram que a metade dos sujeitos estava endividada, por conta de serem mais jovens, de ter menos crianças em casa e por pouparem menos.

Em outro estudo interessante, SONUGA-BARKE & WEBLEY (1993, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006), afirmam que, ao trabalhar com crianças, encontraram que elas reconhecem a economia como uma forma efetiva da administração do dinheiro e percebem que pôr o dinheiro no banco representa ambas as funções, defensivas e produtivas. Esses autores dão ênfase ao fato de que as crianças economizam porque é socialmente aprovado e recompensado, e consideram que, do ponto de vista funcional, economizar é uma resposta adaptável ao constrangimento da renda. A idéia de que o dinheiro gasto no presente não pode ser gasto no futuro pode levar as

crianças a entender a relação entre o consumo presente e futuro e, conseqüentemente, a compreender a importância de economizar.

Segundo a teoria compreensiva de KATONA (1975, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006), a idéia de economizar é baseada na função de dois grupos de fatores, chamados habilidade de economizar e vontade de economizar. Essa autora considera três tipos de economizar que podem ser distinguidos em razões ou motivos para economizar: economia contratual, economia discriminatória e economia de saldo. Outras variáveis intervenientes são expectativas e atitudes pessoais. Pessimismo e otimismo refletem que o geral e o pessoal, no contexto econômico, são transmitidos ao indivíduo por meio de processos de aprendizados sociais e estão radicados em alguns graus da personalidade.

Os estudos sobre poupar, mencionados nesta dissertação, são importantes, porque a poupança faz parte de uma educação financeira e também porque trazem informações valiosas de pesquisas que já investigaram esse objeto de estudo. Mesmo que sejam de origem estrangeira, é importante destacá-las, para obtenção de maior conhecimento sobre o poupar e oferecer uma contribuição para fundamentar outros estudos da área. Além disso, é importante salientar que os estudos citados são originários de países estrangeiros, com história, costumes e crenças diferentes de um país tropical como o Brasil, onde, portanto, os resultados obtidos provavelmente não serão similares.

LEA et al (1987, apud MOREIRA, 2000) elaboraram uma teoria psicológica do dinheiro baseada em três fatores: I – fatores associados com o desenvolvimento do simbolismo, focalizando as diferenças nacionais em tamanho, cor e iconografia; II – fatores relativos ao simbolismo em si, focalizando os significados positivos, neutros e negativos do dinheiro; e, III – fatores associados ao uso, abordando as causas pelos tipos de dinheiro gasto e outros poupados, alguns considerados mais pessoais, mais seguros ou mais desejáveis que

outros. Vale ressaltar que FURNHAM & ARGYLE (1998, apud MOREIRA, 2000) duvidaram dessa teoria, embora os autores da teoria psicológica do dinheiro tenham afirmado que enfatizaram aspectos importantes a serem considerados.

5.3 – Estudos sobre o dinheiro sob a ótica das crianças

LEISER & HALACHMI (2006) afirmam que, para entender a natureza da dificuldade das crianças com os mecanismos de mudanças na oferta e demanda, é importante separar o conceito de dinheiro daquele referente à aquisição de pagamento de um preço monetário.

WEBLEY (1996, apud LEISER & HALACHMI, 2006) acredita que a permuta está mais próxima do mundo das crianças, sendo baseada na compreensão social apresentada no jardim da infância, como as ameaças e a reciprocidade. Em contraposição, a troca por dinheiro acontece em um ritual para as crianças mais jovens e só é compreendida em progressos vagarosos.

Segundo o estudo de GENTNER (1975, apud LEISER & HALACHMI, 2006), a aquisição do conceito de dinheiro foi estudada com base em verbos possessivos (ex. dar/pegar, comprar/vender, pagar, negociar e gastar). A autora solicitou a crianças de 3 anos e 6 meses a 8 anos e 6 meses que demonstrassem suas compreensões dessas palavras, seguindo instruções para dar, comprar e negociar objetos. As crianças mais jovens entenderam dar e pegar, mas nenhuma das outras palavras. Já as crianças de 8 anos dominaram pagar e negociar, mas a maioria delas não podia compreender comprar, gastar e vender. Segundo a autora, uma explicação para essa dificuldade é que essas três palavras especificam que o dinheiro está envolvido.

LEISER & HALACHMI (2006) afirmam que o desenvolvimento do efeito da oferta e demanda é um processo lento e que somente com

12 anos as crianças articulam consistentemente os mecanismos envolvidos.

GENTNER (1975, apud LEISER & HALACHMI, 2006) acredita que as crianças compreendem o valor relativo dos itens ou serviços e que o vinculam a termos de reciprocidade e trocas, mas não conseguem traduzi-lo em termos de dinheiro. A autora diz que, ao se compreender os efeitos da oferta e da demanda somente no contexto dos preços monetários, pode-se então subestimá-los. Portanto, o aspecto do dinheiro, quando evitado, poderia ser uma ferramenta sensível a mais para medir sua compreensão, e mostraria que o entendimento da oferta e demanda ocorre numa idade mais precoce do que aquela em que os valores monetários estão envolvidos.

BERTI & BOMBI (1988) & BURRIS (1983, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006) realizaram estudos relacionados ao trabalho e remuneração e dedicados a avaliações e explicações sobre desigualdade econômica. Nesse estudo, foi possível perceber que as crianças pequenas, de 3 anos e 6 meses, são capazes de reconhecer que nem toda atividade profissional recebe o mesmo pagamento.

Segundo FURBY (1980) & SIEGAL (1981, apud LEISER & HALACHMI, 2006), crianças pequenas acreditam em recursos mágicos para se obter dinheiro; mas, aos 8 anos e nos primeiros anos da escola primária, conectam renda com trabalho, inicialmente considerando ricas aquelas pessoas que trabalham mais duro, por mais tempo, ou melhor.

Para DICKNSON (1990), EMLER & DICKNSON (1996, apud LEISER & HALACHMI, 2006), as pessoas de 12 a 16 anos de idade entendem que as diferenças de renda se relacionam a alguns fatores da sociedade, como estado socioeconômico, em termos de integridade do prestígio ocupacional.

DIEZ-MARTINEZ & OCHOA (2006) acreditam que trabalho e consumo são os principais *links* do indivíduo para as instituições econômicas e que a conduta econômica está relacionada a ambas as ligações, desde que dependa de quanto da renda obtida através do trabalho é consumida.

Segundo esses autores, a maioria dos estudos interessados no desenvolvimento da sociedade e compreensão da economia foram conduzidos para um estágio geral de estrutura com base na teoria de Piaget. Embora descrições desse entendimento variem, nos seus detalhes e atualizações, a maioria deles descreve uma progressão mais ou menos similar (PIAGET & TNHELDER, 1969, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006).

Para esses autores, por volta dos 3-7 anos as crianças tem um pouco de conhecimento sobre situações socioeconômicas, por exemplo, observam as pessoas comprando e trabalhando. As crianças baseiam suas explicações em situações e aspectos concretos e visíveis, todavia a realidade socioeconômica é concebida como informações dificilmente relacionadas ou conectadas.

Por volta de 8-11 anos, o conhecimento socioeconômico das crianças torna-se crescentemente integrado com as matérias que começam a contar com aspectos não-visíveis de situações, e elas começam a deduzir, a partir das informações que lhes são fornecidas. As relações pessoais começam a ser distinguidas das relações institucionais, e a idéia de recursos limitados começa a ser considerada; mas somente por volta de 12 anos a aproximadamente 17 anos os processos não-concretos e não-visíveis ocupam um papel central nas idéias de adolescentes, o que lhes permite coordenar vários pontos de vista e pensar em situações hipotéticas.

Vale ser salientar que os estudos citados pertencem à década de 1970, portanto realizados em outro contexto sócio-político-tecnológico. Assim, os resultados desses estudos podem não fazer

parte do contexto atual, por conta da época em que foram realizados, além de serem de origem estrangeira. No entanto, valem como base para abordagem do assunto e para oferecimento de um panorama geral dos estudos que foram realizados naquela época.

Nos estudos de PLINER et al. (1996, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006), com crianças entre 5 e 10 anos, sobre habilidades de consumo, encontrou-se que as crianças com 5 anos de idade atingiram algum nível de habilidade de consumidor. Estavam, pois, razoavelmente educadas sobre os preços de objetos comuns que tivessem alguma apreciação das relações de prêmio-valor que as levassem a identificar uma pechincha.

LASSARE (1996, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006) mostrou que a maioria dos dados sobre consumo e orçamento de jovens pessoas vem da pesquisa de marketing, mas não nos diz muito sobre os processos educativos, onde está a origem da aquisição de hábitos econômicos e dos diferentes usos do dinheiro.

FURNHAM (1999, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006) discute que, enquanto há numerosas teorias formais econômicas sobre o porquê de os adultos economizarem, há menos pesquisas psicológicas sobre idéias econômicas entre crianças e adolescentes.

De acordo com os dados do autor acima mencionado, é possível afirmar que, assim como nos países estrangeiros, também no Brasil há escassas pesquisas com relação aos estudos da educação financeira para crianças.

Depois de efetuado o embasamento teórico, será possível descrever, no próximo capítulo, o método que será adotado e utilizado para proceder à pesquisa.

III - MÉTODO

O problema desta pesquisa foi assim definido: Como é realizada a educação financeira pelos pais de crianças de 7 a 10 anos? Após definição do problema, originaram-se os objetivos, como já citado na introdução, que nortearam toda a pesquisa e determinaram a adoção da pesquisa qualitativa como delineamento.

Sob o termo ‘pesquisa qualitativa’ queremos significar qualquer tipo de pesquisa que produza descobertas não encontradas através de procedimentos estatísticos ou outros modos de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida do indivíduo, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, assim como sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interações entre as nações. (STRAUSS & CORBIN, 1998, p. 11)

Conforme a definição acima, a pesquisa qualitativa pode ser vista como uma pesquisa em que os números são insignificantes em relação ao contexto natural em que as interações acontecem.

Para BERTHOUD (2000), pensar qualitativamente não é pensar de forma estatística e em generalizações, mas sim usar as palavras e suas representações, preocupando-se com conteúdo e o contexto em que pairam as subjetividades do pesquisado e do pesquisador.

STEIR (1985, apud MOON, DILLON & SPRENKLE, 1990) considera que “[...] os métodos qualitativos podem ser mais efetivos que os quantitativos para lidar com a total complexidade da teoria dos sistemas.” Dessa forma, acredita-se que a pesquisa qualitativa é pertinente a este trabalho, devido ao fato de considerar o contexto social, as diferenças individuais e a complexidade de uma forma geral. Isso porque esses aspectos estão inteiramente ligados com o objeto de estudo desta pesquisa: o contexto familiar e social.

Um dos grandes valores de um estudo qualitativo é a construção conjunta que acontece entre a subjetividade do pesquisador e a subjetividade do pesquisado, podendo emergir como um produto da relação entre as subjetividades, o que pode ser considerada como intersubjetividades. (JACOB, 1993).

Na pesquisa qualitativa, as subjetividades (tanto a do pesquisador quanto a do pesquisado) subjazem na construção dos significados dados na obtenção dos resultados. Dessa forma, a subjetividade tem relevância para a pesquisa qualitativa, pois o pesquisador pode ser considerado como o instrumento de coleta de dados primário, tendendo a tornar-se claro e explícito, ao relatar os dados obtidos (MOON, DILLON & SPRENKLE, 1990).

Assim como BERTHOUD (2000), nesta pesquisa admite-se que o pesquisador e o objeto pesquisado, muitas vezes, durante o processo de pesquisa, se confundem e se influenciam, na arte de discutir e argumentar os dados obtidos. Por esse motivo, os resultados precisam estar claros.

A pesquisa qualitativa apresenta-se como um método indutivo, sendo possível que as análises dos resultados sejam transferidas para outras pesquisas, nas quais constituirão uma contribuição à construção do conhecimento científico sobre um determinado assunto. Dessa forma, compreender o modo como os pais lidam com o dinheiro, numa pesquisa qualitativa, traz como contribuição, para a Psicologia Econômica do Brasil, uma possibilidade de ampliar seu conhecimento, bem como de fortalecer o estudo das relações familiares com o dinheiro, na Psicologia.

1 - Participantes

Conforme MOON, DILLON & SPRENKLE (1990), os sujeitos da pesquisa qualitativa são chamados de participantes, pois têm papel mais ativo e igualitário.

Para a realização desta pesquisa, participaram pais que tinham filhos nas idades de 7 a 10 anos e crianças dessa mesma faixa etária, não necessariamente da mesma família.

Os critérios para a participação dos grupos focais foram: pertencer à classe média e terem filhos entre 7 e 10 anos de idade.

Para as crianças, o critério foi: terem entre 7 e 10 anos. Portanto, os participantes foram aqueles que estavam vivendo a Fase de Aquisição do ciclo vital da família.

O critério para classe média está relacionado com o instrumento de mensuração da pobreza sob o enfoque multissetorial, denominado Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS), no ano de 2000. As duas dimensões – socioeconômica e demográfica – classificam o setor censitário em seis grupos de vulnerabilidade social. Segundo o SEADE, a dimensão socioeconômica está relacionada com a renda do chefe do domicílio e com o poder de geração da mesma por seus membros, enquanto a dimensão demográfica corresponde ao ciclo de vida familiar, que é medido pelo nível de escolaridade do chefe do domicílio.

Vale destacar que os grupos que constituem o IPVS foram gerados nas características socioeconômicas e demográficas dos residentes do Estado de São Paulo, o que garante a maior cobertura possível da população de 48.683 setores censitários, em um perímetro de 645 municípios do Estado.

Dentre os seis grupos, o terceiro, considerado como vulnerabilidade baixa, corresponde à classe média das famílias estudadas nesta pesquisa. Esse terceiro grupo é formado pelos setores censitários que se classificam nos níveis altos e médios da dimensão socioeconômica e demográfica, que se caracterizam pela predominância de famílias jovens e adultas.

De acordo com OLIVEIRA (2005), os participantes foram recrutados a partir da técnica de composição amostral “bola de neve” (snow ball samplig), que consiste em localizar pessoas com base em indicações de pessoas conhecidas que, continuamente, vão indicando outras pessoas para participarem da pesquisa. O número máximo de grupos focais não foi previsto, pois, à medida que os grupos foram realizados, os resultados atingiram o critério de

saturação. Ao realizar um grupo focal com os pais e dois grupos focais com crianças, sendo um grupo com crianças de 7 a 8 anos de idade e outro com crianças de 9 a 10 anos de idade, os resultados foram alcançados e tornaram-se passíveis de análise. Os participantes foram recrutados na cidade de Tremembé, vale do Paraíba, no interior do estado de São Paulo.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa em que a finalidade não é o número de casos estudados, mas sim o conteúdo, foi estipulado o número de pais e crianças. Esse número, no entanto, poderia variar, em decorrência do critério de saturação. É possível aplicar esse critério porque a análise dos dados na pesquisa qualitativa é realizada de forma mútua, em relação à coleta de dados.

2 – Instrumento

De acordo com o objetivo da pesquisa, de compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, foi utilizado como instrumento o grupo focal. A escolha desse instrumento aconteceu devido ao fato de a pesquisa tratar de entender experiências, crenças e valores dos membros familiares de forma ampla e profunda. Por envolver os membros familiares da Fase de Aquisição, assim como os pais, também foram realizados grupos focais para os filhos.

De acordo com MORGAN (1997), os pesquisadores que utilizam o grupo focal estão mais interessados em compreender o particular do que o geral, e também estão mais interessados nas questões de significados do que na descrição precisa dos números. Por ser uma pesquisa qualitativa interessada nos conteúdos, e pelo fato de a pesquisadora interessar-se pela relação familiar no processo de educação financeira, o grupo focal foi um eficaz instrumento para atingir os objetivos propostos.

BERTHOUD (2000) compreende que a característica principal do grupo focal é observar e analisar a dinâmica interacional que surge durante as discussões em grupo. Vale ressaltar que os dados coletados não são simplesmente o somatório das respostas dos vários indivíduos; ao contrário, são respostas do grupo. Verifica-se como o próprio grupo coloca as idéias de cada um e como as compara, sintetiza e analisa.

Numa pesquisa qualitativa, o grupo focal é pertinente para a obtenção de dados que envolvam aspectos sobre as opiniões das pessoas. “Os grupos focais, por definição, baseiam-se na discussão grupal para a coleta de dados sobre um tópico determinado pelo pesquisador” (BERTHOUD, 2003, p.10).

Segundo BERTHOUD (2000), o grupo focal deve ser entendido como um processo que envolve planejamento, execução e análise, e essas etapas são importantes para a sua caracterização. O planejamento é o estágio crucial para a realização do grupo focal, e, segundo BERTHOUD (2003), envolve: objeto de investigação, número e perfil dos participantes, número de grupos a serem conduzidos, estilo de moderação a ser adotado nos grupos, composição dos grupos – recrutamento dos participantes, elaboração do roteiro de entrevistas e opção por um estilo de entrevista.

O estilo de entrevista realizado nos grupos foi o formato de estrutura funilar. Segundo BERTHOUD (2000), nesse formato as perguntas iniciais são pouco estruturais, gerais, e gradativamente se tornam mais dirigidas, finalizando com um pergunta geral que sintetize o assunto.

Inicialmente foram conduzidos três grupos focais, sendo um para pais e dois grupos para as crianças. Esse é o número mínimo de grupos recomendados para que não haja distorções nas análises dos resultados da pesquisa.

No grupo focal com os pais e com as crianças de 7 a 10 anos, foi criado um roteiro de pautas elaborado pela pesquisadora, com a finalidade de atingir os objetivos propostos (vide anexos II e III).

3 – Procedimento

Num primeiro momento, foi realizado o recrutamento de pais para participarem do grupo focal. Embora tenha havido um contato com dez pais via telefone ou pessoalmente, apenas seis confirmaram a presença e somente três compareceram para compor o grupo. O motivo da ausência dos pais que confirmaram a participação no grupo foi o fato da proximidade do natal. Esse grupo focal não foi realizado por não haver o mínimo de participantes. Segundo BERTHOUD (2002), o mínimo de pessoas a participar de um grupo focal varia de quatro a seis pessoas, e tipicamente é composto por seis a dez pessoas. Nos grupos considerados pequenos, há tendência ao surgimento de um excesso de histórias individuais e, por isso, podem ser problemáticos.

Passada a época natalina, foi novamente tentado o contato via telefone e pessoalmente com os pais que foram recrutados naquele grupo que não se realizara. Foram contatados, também, outros pais que não haviam sido convidados anteriormente. Ao se contatar as pessoas, as propostas da pesquisa eram apresentadas de forma clara e gentil, explicando-se como seria a atividade de que eles participariam. A data, a hora e o local foram combinados. Quando os pais aceitavam participar do grupo, eles eram convidados a sugerir outras pessoas de seu convívio que faziam parte do perfil da pesquisa e que poderiam participar do grupo. Dessa forma, a rede de participantes foi se ampliando.

Foi realizado um grupo focal com pais e mães com filhos entre 7 e 10 anos e dois grupos com crianças não necessariamente da mesma família, sendo um grupo com crianças entre 7 e 8 anos e outro com crianças de 9 a 10 anos. Foram feitos dois grupos com crianças,

separando-se as idades, devido à particularidade de o desenvolvimento maturacional e cognitivo ser diferente nas crianças entre 7 e 10 anos.

Na composição do primeiro grupo focal, foram recrutados doze pais. Oito deles confirmaram a presença, mas somente seis participaram do grupo, sendo um pai e cinco mães. Ao recrutar os pais, tentou-se manter o mesmo número de homens e mulheres no grupo, mas, devido à justificativa de os pais terem de trabalhar, a maioria não participou da pesquisa. Esse tamanho de grupo focal (6 pessoas) é importante, por haver a possibilidade de as pessoas se colocarem por um período de tempo necessário e contribuir para um melhor entrosamento no grupo. Vale salientar que, no grupo focal dos pais, não houve a necessidade de ser o casal, bastando ser pai ou mãe.

Foi informado aos componentes do grupo focal dos pais que seus filhos poderiam participar de um grupo para crianças que tivessem idade entre 7 e 10 anos. O recrutamento para o grupo focal das crianças foi realizado de forma mais rápida, em relação ao grupo dos pais, pois os pais já tinham ciência da finalidade da pesquisa e, por isso, permitiram a participação de seus filhos, como também indicaram amigos ou parentes.

Foram recrutadas e confirmadas dez crianças entre 7 e 8 anos para participarem do grupo, e nove delas participaram do grupo, sendo sete meninos e duas meninas, quatro crianças de 7 anos e cinco com 8 anos de idade. Depois de composto esse grupo, foi feito, por último, o grupo focal, com a participação de cinco crianças entre 9 e 10 anos, sendo dois meninos e três meninas, quatro crianças de 10 anos e uma de 9 anos de idade.

O grupo focal de pais teve duração de 2 horas, enquanto o grupo com crianças de 7 a 8 anos durou cerca de 1 hora e 15 minutos. O grupo com as crianças de 9 a 10 anos teve duração de 1 hora e 10

minutos. As discussões dos grupos dos pais e das crianças de 7 a 8 anos foram gravadas em gravador de voz, e somente o grupo focal das crianças de 9 a 10 anos foi gravado em fita de vídeo, para posterior transcrição. A gravação em fita de vídeo foi realizada somente no grupo focal das crianças de 9 a 10 anos, devido à disponibilidade de uma câmera para gravação, na época da realização do grupo. Quanto aos outros grupos focais, só foi possível a acessibilidade ao gravador de voz, para registrar a conversa do grupo.

A pesquisadora foi a moderadora nos três grupos focais, e contou com a participação de assistentes de pesquisa, sendo uma no grupo de pais, duas no grupo focal com as crianças de 7 a 8 anos e uma no grupo focal com as crianças de 9 a 10 anos. As assistentes de pesquisa eram psicólogas e tinham experiência em outros grupos focais. A participação das assistentes foi possível devido à sua disponibilidade nos dias e horas em que foram realizados os grupos. Todos os grupos focais foram realizados no consultório particular da pesquisadora.

Após os participantes terem assinado o termo de consentimento livre e esclarecido, apresentaram também uma descrição mais detalhada de seus perfis (vide anexo I): bairro, moradia, nível educacional dos pais, idades, posse de carros e renda familiar. Pelo fato de se tratar de um estudo com relação ao dinheiro, essa descrição se fez necessária, e foi realizada pelos próprios participantes, antes do início do grupo focal. Foi possível perceber que, no grupo focal com os pais, houve comentários sobre consumismo e até piadas sobre dinheiro, durante o preenchimento do termo e do perfil dos participantes.

Com base em BERTHOUD (2002), a análise do grupo focal foi realizada com gravações e transcrições sumarizadas, além das anotações dos grupos e das discussões pós-grupo, com as assistentes. Nesse tipo de análise, de acordo com BERTHOUD (2002, p. 14), “[...] o pesquisador prepara um relatório escrito baseado em transições

sumarizadas após ouvir as gravações, mais as anotações dos grupos e das discussões pós-grupo”.

As anotações realizadas pelas assistentes de pesquisas foram entregues à pesquisadora, para subsidiar as análises dos dados. As falas mais significativas, registradas nas transcrições, também foram levadas em consideração, nas análises.

As transcrições das fitas foram realizadas por uma estagiária em Psicologia que tem prática em transcrever grupos focais. Dos dados obtidos nos grupos focais, foram realizadas análises qualitativas, tendo como referência o embasamento teórico da pesquisa.

4 – Análises dos Dados

As categorias de análises foram criadas a partir dos temas propostos nos grupos focais. Foram selecionadas 7 categorias do grupo focal dos pais e 5 categorias do grupo focal das crianças.

As categorias do grupo focal dos pais foram: 1- Como é caracterizado o valor do dinheiro na família; 2- Como os pais usam o dinheiro; 3- As repercussões positivas das práticas educativas do dinheiro adotadas pelos pais; 4- As repercussões negativas das práticas educativas do dinheiro adotadas pelos pais; 5- A influência da intergeracionalidade na educação financeira dos filhos; 6- As dificuldades que os pais enfrentam ao lidar com o dinheiro; e, 7- As dificuldades do casal em lidar com o dinheiro para educar financeiramente seus filhos. Já as categorias do grupo focal das crianças foram: 1- Como é caracterizado o valor do dinheiro na família; 2- Como os filhos usam o dinheiro; 3- As repercussões positivas das práticas educativas do dinheiro adotadas pelos pais; 4- As repercussões negativas das práticas educativas do dinheiro adotadas pelos pais; e, 5- As técnicas que os pais utilizam para educar os filhos financeiramente.

5 – Considerações Éticas

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide anexo V, VII e VIII) foi lido por todos os pais e crianças que participaram da pesquisa. O anexo VII foi adaptado a uma linguagem que pudesse ser facilmente entendida pelas crianças. Todas as dúvidas suscitadas no grupo foram discutidas e respondidas pela pesquisadora antes do consentimento do participante. A pesquisadora ficou com uma versão do consentimento pós-esclarecido (vide anexo VI).

Informou-se a todos que nenhuma informação sobre as falas dos entrevistados seria publicada sem que, no primeiro caso, os pais assinassem uma autorização por escrito e, no segundo caso, sem que o autor da fala assinasse uma autorização por escrito. Foi garantido o sigilo para assegurar a privacidade dos participantes da pesquisa quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Para as crianças participantes, foram os pais quem preencheram o TCLE.

IV - RESULTADOS

1 – CATEGORIAS DO GRUPO FOCAL DAS CRIANÇAS de 7 a 8 anos

Categoria 1 - Como é caracterizado o valor do dinheiro, na família

É importante o dinheiro na vida das pessoas:

“porque eles economizam pra comprar umas coisas”

“pra alimentar os filhos, pra comprar coisas pra eles, e também para os filhos”

“pra comprar uma casa pra não ficar na rua”

“pra comprar comida e roupa pra gente e sapato pra gente”

“eu acho importante pra comprar comida, objeto útil... mas eu acho que o dinheiro, de vez em quando, ele causa briga... quando você corta uma floresta pra fazer papel, eles fazem isso por causa do dinheiro, por isso eu não acho o dinheiro bom...”

Nesta categoria, podemos observar que as crianças valorizam o dinheiro por ser uma moeda possível de comprar casa, roupas e alimentos. Em contrapartida, o dinheiro também é visto pelas crianças como o causador, tanto de brigas entre pessoas, quanto de ocorrência dos desastres da natureza, por exemplo, a queimada nas matas.

O valor do dinheiro é atribuído pelas crianças como sendo ‘bom’ para comprar casa, comida, roupas e sapatos, e ‘ruim’, como aquele em que pode causar prejuízos à natureza e desarmonia entre as pessoas; portanto, o dinheiro pode ser simultaneamente bom e ruim.

A noção de economia e poupança já vem com o valor do dinheiro, em resposta, possivelmente, ao modelo dos pais. O afeto também está embutido no valor do dinheiro, e as crianças percebem que é com ele que são alimentados, presenteados, e assim por diante.

Categoria 2 - Como os filhos usam o dinheiro

“eu gasto com material escolar que eu compro ou com brinquedo... mas eu compro brinquedo muito de vez em quando, mas eu gasto mais dinheiro com material escolar, lápis, estojo... o brinquedo, eu tenho estante de brinquedo, não tem porque ficar comprando...”

“ah, eu gasto um pouco e fico com um pouco”

“eu compro brinquedo... tem vez que eu compro pra mim comer...”

“eu compro brinquedo e quando sobra mais um pouco eu vou no Açai Mania com meus amigos...”

“eu não gasto nada, às vezes nada”

“eu só guardava, porque eu ia ter mais...”

“eu já guardo uns R\$ 5,00... gasto R\$ 5,00 da mesada que eu ganho... eu guardo tanto o dinheiro da minha mesada que eu já tenho R\$ 50,00”

Nesta categoria, as crianças de 7 a 8 anos relataram a maneira como usam o dinheiro. Foi possível perceber que algumas delas usam o dinheiro somente para comprar coisas; outras o utilizam para comprar e guardar; e outras, ainda, guardam todo o dinheiro que ganham. Diante disso, pode-se dizer que há várias maneiras de as crianças usarem o dinheiro.

As maneiras como as crianças usam o dinheiro podem estar relacionadas com o que FERREIRA (2007) considerou como desconto hiperbólico e escolha intertemporal. Isso quando faz opção por gastar para ter um prazer imediato ou por não ceder às tentações da compra imediata, com intuito de obter satisfação maior, no futuro. O ato de guardar o dinheiro ou o ato de comprar estão relacionados à obtenção

de satisfação no futuro. Por outro lado, há aqueles que gastam tudo em função de alcançar um prazer imediato.

Um outro estudo compreende que o ato de poupar não é somente uma opção por adiar uma satisfação. Segundo SONUGA-BARKE & WEBLEY (1993, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006), as crianças economizam porque percebem aprovação social e recompensa. Do ponto de vista funcional, economizar é uma resposta adaptável ao constrangimento da renda. A idéia de que o dinheiro gasto no presente não poderá ser gasto no futuro pode levar as crianças a entender a relação entre o consumo presente e o futuro, e, também, a importância de economizar.

Pode-se presumir que as crianças economizam frente ao incentivo dos pais, porque podem ajudar na renda familiar e, de certa forma, a família pode sentir-se menos ameaçada de perder dinheiro, no futuro.

Categoria 3 - As repercussões positivas das práticas educativas adotadas pelos pais

“eu acho que tem que guardar dinheiro pra economizar e comprar uma casa... comprar um carro... essas coisas”

“acho importante a família conversar sobre dinheiro porque aí eles conversam e podem comprar mais coisas..”

“porque eu acho importante a família conversar sobre dinheiro, porque assim elas combinam de gastar o dinheiro com alguma coisa...”

“ele fala que é pra guardar pra ter bastante dinheiro no futuro..”

“tem que colocar no banco”

“quando eu gasto muito meu pai fala pra eu guardar”

As repercussões positivas das práticas educativas adotadas pelos pais dizem respeito ao fato de a família conversar sobre o dinheiro. Assim, as falas estão relacionadas às compras e às formas de se aplicar o dinheiro.

Há várias repercussões positivas que os filhos demonstram na educação financeira que recebem dos pais, tais como: a importância de ter uma conversa, em família, para decidir os gastos que poderão efetuar; o poupar como mecanismo de se obter mais dinheiro; e, o banco como uma maneira de guardar o dinheiro.

A prática de guardar o dinheiro é considerada muito importante, numa educação financeira, pois, de acordo com GIANETTI (2005, apud FERREIRA, 2007), as pessoas ficam menos sujeitas a dívidas, juros e ônus, no futuro, se aprenderem a poupar para suprir as necessidades. O poupar só é possível se houver tolerância a frustrações, para não ceder ao prazer imediatista, ou seja, para que o indivíduo não faça uma escolha intertemporal, satisfazendo um desejo de comprar no momento atual e tendo que pagar juros, no futuro.

A importância de conversar sobre dinheiro, em família, é ressaltada nos estudos sobre socialização econômica. Segundo WEBLEY (2006), os estudos indicam que, quando a criança entra mais cedo em contato com o mundo do dinheiro, este será um aspecto importante para sua socialização econômica, na infância, e isso influenciará sua conduta econômica e seu status econômico, quando se tornar adulta. Considera-se que uma das formas pelas quais a criança entra em contato com o dinheiro é a conversação, que pode ser um caminho facilitador para que ela aprenda a lidar com o dinheiro.

Com relação ao banco ser uma forma de a criança guardar o dinheiro e ser uma repercussão positiva da educação dos pais, há um estudo estrangeiro que compreende o uso do banco como forma de economizar. SONUGA-BARKE & WEBLEY (1993, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006) afirmam que, ao trabalhar com a

economia, as crianças percebem que pôr o dinheiro no banco representa ambas as funções defensivas e produtivas. Dessa forma, podemos dizer que o banco é uma outra ferramenta utilizada para guardar o dinheiro.

Categoria 4 - As repercussões negativas das práticas educativas adotadas pelos pais

“eu não acho importante ficar conversando sobre dinheiro, porque ficam conversando, conversando... e não adianta nada”

“um dia meu pai tava conversando tanto sobre dinheiro, que um dia, de noite, eu e minhas irmãs e meu irmão, nem eu nem elas conseguia dormi... porque eles tavam falando tão alto, discutindo tão alto no quarto dele por causa de dinheiro que a gente não conseguia nem dormir...”

“conversar sobre dinheiro atrapalha as vezes.... ah, porque às vezes a gente fica falando com eles e eles nem falam... eles não dão bola pra gente”

“eu não gosto quando eles falam sobre dinheiro, porque de vez em quando eles falam que vão pegar o meu dinheiro... porque no meu cofrinho tem jeito de você segurar no buraquinho que põe a moeda e abrir eles pegar todas as moedas... daí um dia eu tava cheio de moedinhas e daí eu abri o porquinho num outro dia e só tinha umas moedinhas.. já tinha R\$ 73, 00... ah, eu não gostei, porque os R\$ 73,00 eu tava esperando, faltava R\$ 4,00 pra eu conseguir comprar uma pista da ‘hot wills’... daí, na hora que eu vi que meu dinheiro tinha acabado e não dava pra comprar, aí eu fiquei doido, aí eu comecei a falar: quem pegou meu dinheiro?... e aí meu pai começou a falar que era ele,s aí eu falei que eles iam devolver tudo que tinham pegado...”

“eu não acho interessante conversar sobre dinheiro com os amigos... ah, meu pai fala que não é bom falar sobre dinheiro”

“é bom conversar sobre dinheiro com os pais, com as tias, com gente só da família... é porque com gente estranha aí rouba a gente”

“a minha mãe fica falando do dinheiro, porque quando ela não consegue trabalhar, ela fica nervosa porque não consegue dinheiro pra ela poder pagar o curso dela... daí, ou também que eu acho importante é que ela usa o dinheiro dela pra pagar a chácara onde eu moro... o meu pai, ele fala de dinheiro e fica reclamando que ele trabalha e não ganha dinheiro...”

“a minha mãe fica falando de dinheiro que é pra gente deixar na poupança e agora a gente deixa... e o meu pai, é porque ele também não ganha dinheiro suficiente”

“o meu pai fala que se eu quero ficar rico quando eu crescer, aí eu falo que quero, aí ele fala que sempre quando eu ganhar dinheiro é pra guardar um pouquinho”

“o meu avô, ele tem mais de 2 mil reais, porque ele trabalhava desde os 9 anos de idade... ele tá trabalhando até agora... tá com 62... é ele que paga a escola, paga o trabalho da minha mãe, paga a chácara, ele que fez a chácara com o dinheiro dele, é ele que paga a escola da minha mãe e ele também paga os lugares importantes onde o meu pai vai... é ele que paga com o dinheiro dele...”

As repercussões negativas das práticas educativas com relação ao dinheiro adotadas pelos pais estão relacionadas ao tabu em falar sobre dinheiro com amigos, às discussões ao falar sobre dinheiro e aos empréstimos que os pais fazem junto a seus filhos.

Os filhos acreditam que conversar sobre dinheiro deve ser somente com as pessoas da família, e não com estranhos. Essa associação pode estar ligada ao não entendimento de assaltos, golpes, entre outros atos de que as crianças ficam sabendo por meio da mídia e dos próprios familiares. Ao mesmo tempo, os filhos dizem que não é

importante conversar sobre o dinheiro, pois acreditam que esse assunto traz discussões e brigas na família.

WEBLEY (2006) diz que aqueles pais que discutem as decisões econômicas da casa e da família com suas crianças irão promover uma orientação futura e uma habilidade de controlar os gastos. Podemos pensar que aqueles pais que brigam ou não têm o hábito de conversar sobre dinheiro não geram nos filhos possibilidades de lidar com o dinheiro; ao contrário, ensinam que ele pode ser ruim.

Os pais criam nas crianças a ilusão de que poderão ficar ricas, no futuro, e, para isso, usam a possibilidade de riqueza para ensinar a criança a guardar dinheiro. Segundo FURBY (1980) & SIEGAL (1981, apud LEISER & HALACHMI, 2006), as jovens crianças acreditam em recursos mágicos para se obter dinheiro; mas, aos 8 anos e nos primeiros anos da escola primária, consideram ricas aquelas pessoas que trabalham duro, por mais tempo, ou melhor. Pode-se dizer que as crianças de 7 a 8 anos acreditam que, ao guardar o dinheiro, poderão ficar ricas, no futuro. Ao crescerem, associarão o ganho ao trabalho e terão, assim, uma dupla forma de se relacionar com o dinheiro.

Outra queixa dos filhos se relaciona com o seu próprio dinheiro economizado, que às vezes é “emprestado” pelos pais. Isso pode levar a um comportamento de inutilidade do poupar, e pode também ser desmotivador, pois coloca em risco o real sentido do poupar. Vale fazer uma distinção entre pedir emprestado o dinheiro para os filhos e pegar o dinheiro sem sua autorização, pois o empréstimo pode ser menos prejudicial, se for autorizado pelos filhos e se a quantia for devolvida. Assim, ensina-se à criança que, às vezes, parentes e amigos podem se ajudar.

Um outro dado interessante está relacionado ao significado do trabalho e à remuneração. Há duas falas interessantes e que vale a pena ressaltar: 1- a criança fala que a mãe não tem dinheiro porque

não consegue trabalho e, ao mesmo tempo, que o pai trabalha mas não tem dinheiro suficiente; e, 2- uma criança fala que seu avô economizou e trabalhou muito e que hoje tem 2 mil reais. Com essas idéias, as crianças de 7 a 8 anos demonstram que ainda não têm maturidade para compreender o ganho do dinheiro, segundo o estudo de BERTI & BOMBI (1988) & BURRIS (1983, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006). Esses autores realizaram estudos relacionados ao trabalho e remuneração e dedicaram-se a avaliações e explicações sobre desigualdades econômicas. Em seus estudos, encontraram que as crianças 3 anos e 6 meses são capazes de reconhecer que nem toda atividade profissional recebe o mesmo pagamento.

Embora as crianças de 7 a 8 anos, em suas falas, apresentem pouca maturidade para entender que a remuneração varia conforme o trabalho executado, talvez essa maturidade não tenha sido alcançada em decorrência de poucas conversas sobre o dinheiro, em suas famílias.

Categoria 5 - As técnicas que os pais utilizam para educar os filhos financeiramente

“só que tem uma coisa, pra eu guardar dinheiro, não é todo dia... minha mãe faz uma tabela, que é a tabela do comportamento, daí cada coisa que a gente faz no dia... ajuda a lavar louça, arrumar o quarto que a gente bagunça... daí, no final do dia a gente ganha um coração brilhante, aí ela pega e desenha num papel, daí, no final do mês, se a gente conseguir 30 corações, aí a gente ganha uma estrela e ela dá R\$ 10,00 pra cada um...”

“ah, agora minha mãe vai colocar na poupança... eu aceitei porque eu quero comprar uma tartaruga”

“sabe o que o meu avô faz... ele... ou minha mãe... ela fica... de vez em quando, eu tomo banho só que eu não lavo o rosto... sabe o

que é cravo?.. daí fica no meu rosto, daí ela fica tirando e cada um que tira ela me dá R\$ 1,00... e quando cai dente permanente, ela me dá R\$ 1,00 e meu avô me dá R\$ 50,00”

Há aqueles pais que adotam o controle do comportamento como forma de educar os filhos em relação ao dinheiro. No condicionamento que tem como recompensa final o dinheiro, à criança é ensinado que atitudes de ajuda e civilidade, nas relações familiares, devem ser remuneradas, o que pode ocasionar divergências e distorções na compreensão da criança em relação à cidadania, à prática altruísta e ao uso do dinheiro.

Uma técnica que os pais adotam é a de usar o banco como fonte de uso do dinheiro. O banco pode representar para a criança algo imaginário, ou seja, algo que ela não vê concretamente. Ela não vê o dinheiro sendo guardado na poupança, o que é diferente de quando guarda o dinheiro no cofrinho, por exemplo, pois essa forma permite a ela sentir o peso do dinheiro no cofre.

Embora o banco possa ser imaginário, para a criança, os estudos de Sonuga-Barke e WEBLEY (1993, apud DIEZ-MARTINEZ & OCHOA, 2006) enfatizam que as crianças economizam porque tal ato é socialmente aprovado e recompensado, e que, do ponto de vista funcional, economizar é uma resposta adaptável ao constrangimento da renda. Por esse motivo, o poupar é incentivado pelos pais, ao utilizarem o banco como uma ferramenta para guardar o dinheiro.

WEBLEY (2006) afirma que se torna um hábito de formação, quando as crianças usam a conta bancária (aberta pelos pais), ou quando gerenciam suas rendas cuidadosamente. Quando adultos, estarão aptas a desenvolver essas habilidades. Portanto, os pais precisam supervisionar os filhos, na administração de seu dinheiro no banco, para que se desenvolva uma rotina financeira duradoura, na vida da criança.

Uma outra técnica está relacionada com uma fala do participante, de que ganha dinheiro por deixar que o avô ou sua mãe tirem cravos do seu rosto. Essa situação pode ser muito particular da família, e o contexto desse fato deveria ser ampliado, para que se pudesse proceder a uma análise mais pertinente. Na modelagem do comportamento, percebe-se, no entanto, que uma atitude de higiene pessoal é distorcida, talvez para satisfazer o prazer dos familiares em remover cravos.

Segundo o dicionário HOUAISS (2000), a educação é um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança. A educação financeira também é um processo similar ao apresentado nessa definição. Por esse motivo, os pais utilizam técnicas para desenvolver nas crianças habilidades para o uso do dinheiro. Vale ressaltar que, por mais que essa educação possa desenvolver as capacidades citadas acima, os pais educam os filhos com relação ao dinheiro de forma intencional e, por isso, não há uma preparação para haver um processo educacional financeiro.

Nesses relatos, percebem-se algumas formas de educação financeira realizadas pela família, ou seja, quando o uso do dinheiro é ensinado para a criança sob diferentes condições: troca por serviços prestados, manipulação do comportamento, poupar para o futuro, e assim por diante.

2 - GRUPO FOCAL COM CRIANÇAS DE 9 A 10 ANOS

Categoria 1 - Como é caracterizado o valor do dinheiro, na família

“ah.. porque se não tivesse o dinheiro assim, certas coisas a gente não pode, é... ficar mostrando que a gente tem dinheiro... fica ganancioso”

“é... fica se achando todo bonzão, só que daí, por exemplo, assim, só que a gente tem dinheiro, a gente tá lá num esporte, e aí,

pensando que é bonzão, daí um menino que não é, que não é bem de situação, vai lá e ganha nosso ué...”

“porque dinheiro não compra felicidade...”

“porque senão, se você não tem dinheiro, como você vai comprar comida pra você sobreviver, roupa no inverno você não vai ter, daí você não vai sobreviver...”

“é, porque senão a gente não vai ter dinheiro pra se vestir, pra se alimentar, pra comprar os remédios...”

“se a gente tiver dinheiro, a gente não vai ganhar a felicidade, vai ser normal”

“pra mim, por causa da ganância, se você tiver com bastante dinheiro, vai acontecer o que eu falei, porque ele vai se achar o bonzão só porque tem dinheiro e acaba perdendo, no bar, por exemplo, assim... a gente tem um monte de dinheiro, daí a gente vai chega no bar, compra uma cerveja, aí, compra outra, compra outra, compra outra, vai comprando só porque tem dinheiro...”

“O dinheiro é importante pra ter uma casa... pagar a faculdade, os estudos... ter carro” “o dinheiro não compra a vida e não compra amigos”

É possível observar que as crianças valorizam o dinheiro como sendo importante na vida das pessoas quando serve para comprar casa, roupas, remédios, comida, carro e para financiar os estudos, porque acreditam que esses elementos são fundamentais para as pessoas sobreviverem.

Em um outro momento, as crianças consideraram gananciosas aquelas pessoas que têm muito dinheiro e que compram em grande quantidade. Essa forma de pensar provavelmente vem de crenças transmitidas no ambiente familiar.

Um outro valor está relacionado ao fato de que não é possível comprar a felicidade e a amizade, o que indica que deve haver outras formas de conquistar uma rede de amizade sem atribuir à moeda a responsabilidade de ser feliz e de ter amigos. Essa idéia pode estar associada à de que as pessoas que têm muito dinheiro se tornam gananciosas e não são capazes de ajudar as pessoas. Isso demonstra, talvez, uma opinião das crianças, assumida em consequência da generalização de uma experiência imposta pelo meio em que vivem.

Em uma outra fala, a criança entende que quem tem dinheiro não pode ser feliz, idéia que está na base de um ditado popular transmitido familiar e culturalmente.

Pode ser observado, nas falas, que as crianças chamam de “bonzão” aqueles que têm muito dinheiro e que o ostentam. As crianças podem acreditar que as pessoas compram muito para exibir ao seu semelhante que têm dinheiro e o poder de adquirir.

Categoria 2 - Como pais e filhos usam o dinheiro

“eu guardo no meu cofrinho e depois quando ele tá cheio eu gasto no 1,99”

“guardava e colocava na poupança...”

“pra quando eu crescer, eu tivesse dinheiro na poupança...”

“eu guardava na poupança pra quando eu crescer ter dinheiro pra Faculdade...”

“eu guardaria dinheiro, pra mim guardar e pra quando eu tiver bastante dinheiro, quando minha tia me convidar pra sair, daí eu tenho dinheiro e não preciso pedir pro meu pai...”

“guardaria na poupança pra quando eu for fazer Faculdade, daí eu vou ter dinheiro...”

“sei lá, quando minha irmã pedisse, daí eu emprestaria pra ela...”

“emprestaria pra minha família, pro meu pai...”

“emprestaria pra algum amigo também...”

“Ah, por exemplo, assim... se a gente, por exemplo, se a gente tivesse chupando sorvete, daí tivesse um amigo, por exemplo, tivesse um grupo que nem aquele, daí tivesse um amigo... é que nem ela, eu não conheço, e que nem tivesse dinheiro, daí eu emprestava pra ela...”

“pra mim também, se eu tivesse chupando sorvete e passava um menininho com vontade, eu ia dar dinheiro pra comprar outro pra ele...”

“eu tenho uma caixinha que eu ponho os dinheirinhos dentro...”

“eu... eu guardo numa caixinha assim, ou então na minha carteira mesmo, e eu quero colocar na poupança...”

Um dado interessante, nesta categoria, é que se pode dizer que todas as crianças usam o dinheiro guardando-o, mas a forma de usá-lo depois de poupado é diferenciada. O motivo de talvez todas as crianças guardarem primeiro o dinheiro para depois usufruírem pode estar relacionado a uma maior maturidade, na idade de 9 a 10 anos, para lidar com o dinheiro, uma vez que as experiências anteriores, na educação financeira, podem ter-lhe ensinado o valor do poupar.

As crianças poupam o dinheiro usando uma caixinha, carteira, cofrinho e a poupança no banco; por esse motivo, há diferentes formas de entender a consequência do poupar. Com o uso do cofrinho, da carteira ou de uma caixinha para guardar dinheiro, é possível sentir o peso das moedas, ao segurá-las, diferentemente de quando se abre uma conta poupança no banco, pois, nesse caso, a criança não vê concretamente o dinheiro.

As crianças usam o dinheiro poupado em diferentes formas e tempos. Há aquelas que usam o dinheiro de maneira imediata; quando o cofrinho está cheio de moedas, vão até a uma loja de 1,99 e gastam toda a poupança. E há outras que guardam o dinheiro para não precisar pedir para os pais. Além das crianças que gastam em curto prazo o dinheiro guardado, há aquelas que o deixam para ser gasto em uma finalidade em longo prazo, por exemplo, o estudo universitário, quando crescerem.

Outra maneira de as crianças usarem o dinheiro poupado é emprestá-lo a pessoas da família, amigos e desconhecidos, ou até mesmo doá-lo para pessoas com menor poder aquisitivo. Presume-se que a idéia de gastar o dinheiro socialmente, no nível do pertencimento ao grupo e à sociedade, também está presente quando as crianças gastam com amigos e até com desconhecidos, no sentido de ajudá-los.

Categoria 3 - As repercussões positivas das práticas educativas adotadas por pais e filhos

“que a gente tem que saber gastar, saber usar o dinheiro, porque a gente vai usando, usando e chega uma certa hora que não tem mais...”

“por exemplo, chega numa padaria com R\$10,00 e compra tudo de bala, daí isso não é saber usar o dinheiro, tem que ver se tiver sobrando... compra 10 centavos, 15 centavos de bala, mas não compra tudo que tem, compra um alimento melhor, ou então compra um alimento pra pessoa necessitada, no lugar de comprar bobeira...”

“você precisa ter tolerância com o dinheiro, porque se você gastar tudo, depois, quando precisar, não vai ter mais, você já gastou nas coisas que você não precisa...”

“eu, a mesma coisa que ele... por exemplo, quando a gente crescer, se a gente tiver um dinheiro assim, por exemplo, se tiver mil

reais, e um ingresso de um show custar mil reais, você não pode, porque senão com quê vai pagar as contas, as coisas...”

“meu pai fala pra mim guardar pra quando eu crescer eu tiver um dinheiro eu começar a fazer alguma coisa, dar inicio a alguma coisa pra mim ser alguma coisa na vida, daí eu sempre tô guardando dinheiro...”

“porque eles já têm muitos anos de vida, eles já tem experiência, nós somos apenas uma criança, né, nós nascemos faz pouco tempo, né, nós não sabemos lidar com o dinheiro, daí as famílias falam as coisas pra gente, pro nosso bem, porque elas já passaram por nossa idade e já sabe tudo...”

“porque senão uma pessoa vai lá e gasta tudo, então tem que conversar, porque não pode...”

As repercussões positivas da prática de uma educação financeira estão ligadas à importância que os filhos dão ao poupar, à conversa em família e ao modo de saber usar o dinheiro.

Os filhos relatam a importância do poupar, pois entendem que, se gastarem todo o dinheiro que tiverem, poderão ser prejudicados. Por esse motivo, compreendem que, para gastar o dinheiro, é preciso eleger as necessidades, em função de um futuro remoto, como a educação.

Uma repercussão positiva de possível observação na educação financeira é o fato de as crianças gastarem dinheiro com pessoas que têm menor poder aquisitivo do que comprar bobagens. Isso pode mostrar que as crianças têm o sentimento de pertencer e solidariedade em relação ao próximo.

As crianças também relatam a importância de a família conversar sobre dinheiro, pois acreditam que a experiência dos pais é maior do que a delas. Provavelmente, essas crianças já presenciaram uma

conversa sobre dinheiro, em sua família, cujos efeitos foram benéficos.

Segundo WEBLEY (2006), os pais que discutem as decisões econômicas da casa e da família com suas crianças promovem uma orientação futura e uma habilidade de controlar os gastos. Portanto, a experiência das crianças em participar das conversas sobre dinheiro, com suas famílias, pode repercutir em uma orientação no modo de lidar com os gastos e com poupança.

Em uma das falas das crianças, os ensinamentos da família foram valorizados, por reconhecerem que os pais são modelos confiáveis para os filhos.

Categoria 4 - As repercussões negativas das práticas educativas adotadas por pais e filhos

“ah... porque se não tivesse o dinheiro assim, certas coisas a gente não pode, é... ficar mostrando que a gente tem dinheiro...”

“e o jogo, joga só porque tem muito dinheiro, vai lá achando que ganha mais, porque, só porque tem o dinheiro, acha que tem sorte, vai lá e perde tudo...”

Algumas crianças acreditam que as pessoas que têm muito dinheiro podem menosprezar os outros. Essa idéia pode mostrar um tratamento injusto com as pessoas de posse, sendo esta uma discriminação que, possivelmente, é aprendida no ambiente social. Essa visão reducionista sobre esse fato pode prejudicar o entendimento do que é poupar, pois seria justificativa para gastar todo o dinheiro, com o intuito de não acumular. Seria uma forma de escapar da desigualdade.

Um outro dado que as crianças consideram é o fato de não poder mostrar, ou dizer para as pessoas estranhas, quanto ganha ou quanto dinheiro a família tem. Essa é uma forma de pensar que caracteriza o

tabu sobre o dinheiro, devido, talvez, às crenças sobre inveja, segurança, e mesmo à idéia de que é feio falar sobre dinheiro.

Categoria 5 - As técnicas que os pais utilizam para educar os filhos financeiramente

“meu pai e minha mãe conversam sobre dinheiro... quando eles vão... é separando dinheiro pra pagar conta, daí eles vão lá e conversam comigo..”

“quando meu pai tá contando dinheiro, daí ele me chama, daí eu conto junto com ele..”

“cada um tem um cofrinho na casa da nossa vó, até quando ela vai no mercado e sobra dinheiro, trocado assim, daí ela põe no cofrinho... e só no final do ano que usa o dinheiro... só assim, quando é aniversário de alguém e a gente quer alguma coisa...”

“nossa vó não deixa a gente ficar pegando toda hora, ela não deixa a gente pegar o dinheiro que tá lá dentro... quando não deixa tem que pegar escondido... ela não sabe, porque depois a gente vai lá e põe de volta, de outro cofrinho que a gente pode pegar dinheiro...”

As técnicas utilizadas pelos pais na educação financeira das crianças estão inseridas no cotidiano da família: ajudar o pai a contar o dinheiro, ficar com o troco, guardar para ocasiões especiais, e assim por diante. Quando a geração mais velha convive com a família, outros padrões aparecem no manuseio do dinheiro e na maneira de economizar.

A participação dos pais na educação financeira de seus filhos acontece durante as conversas sobre o orçamento familiar, as contas para pagar e sobre como quitar as despesas. Essa é uma forma encontrada pela família para a criança entrar em contato com o dinheiro e com a prática de seu uso, o que poderá ajudá-la a controlar seus gastos quando for adulto.

3 - CATEGORIAS DO GRUPO FOCAL DOS PAIS

Categoria 1 - Como é caracterizado o valor do dinheiro na família

“eu falo pra minha filha assim: toda a oportunidade que você esta tendo hoje é o ensino... só que pra você ir lá e estudar, o seu pai tá pagando por isso e tá pagando caro... então aquele lance de ganhar presente ao passar de ano, eu coloco assim, que sorte dela ter passado de ano, caso contrario iria pra uma escola mais barata com ensino inferior... eu coloco assim, e falo que, a partir do momento que ela parar de valorizar a escola, ela vai pro ensino público... e nisso o menino vai pegando carona na minha conversa com ela..”

“eu falo que eu e meu marido acordamos cedo pra trabalhar, pra poder pagar a escola deles, o clube, então, tudo isso tem que valorizar e saber usar com sabedoria...”

“eu falo que elas têm que valorizar o que elas têm e que as coisas não vêm de graça...”

“eu acho que a gente tem que tentar passar algo que eles tenham o controle sobre aquilo também... como é o caso da mesada, por exemplo, por que senão, graças a Deus a gente pode de certa forma estar oferecendo esses extras pra eles, e muitas vezes a gente tem que estar prestando a atenção se a gente não está atendendo uma necessidade nossa... porque muitas vezes, pode estar fazendo pra eles aquilo que você queria que tivessem feito pra você...”

“meu pai não podia pagar pra mim... aí eu fui pra escola pública, mas queria ter mudado de escola, isso foi com 14, 15 anos... aí logo eu comecei a trabalhar, então, quando eu fui pro colégio eu paguei uma escola pra mim e eu queria fazer curso de inglês, então, eu pagava pra mim... e assim foi, nunca mais eu parei de trabalhar, paguei minha faculdade... então, eu não tive a oportunidade que hoje eu tenho e posso dar pras minhas filhas... então, eu acho que é o que

“você falou, eu quero dar pra elas aquilo que eu não tive... quero dar oportunidades pra elas... coisas que eu não pude... meus pais não puderam pagar escola particular pra mim, não puderam pagar jazz... tudo era eu que pagava trabalhando, então eu queria dar isso pra elas... mas eu percebo pela mais velha que ela não dá valor pra isso... então, essas dificuldades que a gente passou na infância, a gente procura passar pra elas...”

“então, dinheiro pra você viver, não que ele seja essencial pra felicidade, mas que você precisa dele pra comer, se vestir, fazer um passeio, pra você ter conforto...em casa eu passo muito isso, que tem que valorizar esse lado, não que a pessoa se faz pelo dinheiro que ele tem...”

“eu acho que é saber que você pode ser feliz, ter as coisas, o seu trabalho sem ter que passar por cima de ninguém, ganhar a vida honestamente e ser feliz com aquilo que você pode conquistar... porque a felicidade é você estar realizado na profissão, estar feliz com aquilo, ganhar dinheiro honestamente... eu quero que minhas filhas tenham isso no futuro ou até ser donas de casa, eu acho legal poder ficar com os filhos... eu pretendo passar pra elas isso... claro que eu falo pra elas que eu queria que elas tivessem uma profissão legal, mas não depende do que eu quero... então eu falo pra elas, escolham a profissão que vocês escolherem e sejam felizes... o mais importante é passar o caráter...”

“porque elas não sabem que a água do chuveiro, quando vai tomar banho, e a energia que aquece aquela água, eu pago... a minha filha mais nova não sabia, ela achava que era de graça... então eu falo que tem que ter o tempo pra tomar banho, que não é meia hora embaixo do chuveiro... uma vez eu peguei as contas e aproveitei, mostrei o que era a da água, o que era isso e aquilo...”

Os pais falam de como o valor do dinheiro pode ser caracterizado na família: por meio de melhor qualidade de estudo, da felicidade que

os filhos terão quando adultos, da profissão que irão escolher, da comida, vestimenta e lazer. Por isso, pode-se dizer que o dinheiro está implicitamente relacionado com esses elementos que os pais apontam como valores numa família.

O ditado popular “dinheiro não traz felicidade” foi lembrado pelos pais, nessa categoria, no sentido de que o dinheiro é necessário para se ter casa, escola, alimentos e roupas, embora não seja capaz, por si só, de construir o caráter de uma pessoa.

Um dos valores que os pais tentam passar é chamar os filhos para participar do orçamento familiar. De acordo com o relato de uma mãe, as contas de água, luz e telefones foram apresentadas para as filhas como despesas para manter em funcionamento uma casa. Portanto, explicar que há gastos dentro de casa, como esses pagamentos de contas, torna compreensível para os filhos que poderão ganhar menos dinheiro na mesada, quando houver maiores despesas no orçamento familiar.

Um outro valor que a família dá ao dinheiro é com relação ao ensino dos filhos. Os pais acreditam que, quanto mais caro for o estudo dos filhos, melhor aprendizado eles terão. De acordo com a fala de uma das mães, os filhos estudam em escolas particulares e, por isso, o estudo é pago; no entanto, essa escolha pode ser com o intuito de satisfazer as expectativas dos pais, de proporcionar o melhor para seus filhos.

Outra forma para ensinar os filhos a valorizar o dinheiro aparece em uma das falas: “nada vem de graça”. Isso mostra que as conversas podem ser um meio de ensinar as crianças o valor que os pais querem passar, mas sabemos que o modelo vem mais pela imitação do comportamento.

Segundo uma fala mencionada, as oportunidades que as filhas têm nos dias de hoje não existiam quando a mãe era criança; por isso,

o valor do dinheiro, para essa mãe, está ligado às experiências que tenta passar para as filhas, por meio de palavras. Essa mãe enfatiza o que ela não pôde ter na sua família de origem, mas afirma que está sendo proporcionado para as suas filhas, no momento atual.

A experiência dessa mãe em proporcionar à filha o que não teve em sua vida está ligada ao conceito de antimodelo. De acordo com CERVENY (2001), o sistema familiar atual muitas vezes preserva e valoriza os padrões de interação e, em alguns casos, tenta até melhorá-los, ou, então, pode haver tentativas de não melhorá-los, ou seja, faz-se pelo seu oposto, e assim é adotado o antimodelo. A forma de repetir o antimodelo é rígida e tão forte como a do próprio modelo, pois, de qualquer maneira, continua sendo a referência.

Categoria 2 - Como os pais usam o dinheiro

“primeiro mostrar pra eles o que era o dinheiro, pra que servia o dinheiro... até mesmo pra eles conhecerem a moeda, a nota, essa coisa toda, e comecei pela semanada, não era nem uma mesada, era uma semanada pra eles... usei o critério de 1 real por um ano, idade deles... isso começou por volta dos 4 anos... então todo sábado eles ganhavam 4 reais, o de 3 anos não ganhava, era a partir dos 4... e foi interessante, porque, assim, hoje eu não tenho uma disciplina certinha, mas foi legal, porque eu comecei a mostrar pra eles o que podia comprar e o que não podia, o que o dinheiro dava pra comprar e o que não dava... eles ficam tão soltos nessa idéia de que não sei o que é, o quanto custa, né... foi legal porque você entra na loja de brinquedo com 3 e fica louca, né... e com essa historia e quando eles falam: mãe quero isso, quero aquilo, eu parei... quanto você tem na carteira?... o seu dinheiro dá pra comprar isso?... então eu comecei até a selecionar a compra deles e falei: se você gastar tudo isso você vai ficar sem... eu percebi, assim, que ate a personalidade deles eu senti que é diferente... senti quem é o gastão, quem morre de dó de gastar o dinheiro... então, o critério que eu usei

foi o da mesada... no meu ponto de vista, tem que mostrar pra eles o que é o dinheiro e o quanto vale isso...”

“porque em casa nós fizemos a mesma coisa, só que o ano passado, porque esse ano eu quebrei... rsrs... eu falhei com eles... rsrs... mas foi isso da mesada... pra menina, a mais velha a gente estipulou 4 reais, e pro menor, que tinha dois anos, eu achei que ia ser outro valor, de dois reais, então também era semanal, toda semana.. .mas só que pegava os 4 reais e ia comprar bala, comprar chiclete... aí eu disse: olha, o seu irmão tá guardando e você tá gastando... em pouco tempo ele tava com 10, 12, e ela, zero... aí ela começou a se ligar e eu falei que ela não ia ter nunca nada... até, até que um dia ela me fez o favor de ter um chilique, uma crise em casa e chutou minha porta de vidro, quebrou o vidro... aí eu falei que tudo bem, que a partir de hoje acabou a mesada dela, que enquanto não juntar o dinheiro da sua mesada pra poder pagar o vidro, não tem mais mesada... nunca mais dei mesada pra ela, e com isso fez perder a mesada dele também, porque não é justo, né, não dava pra ela e dava pra ele, aí pronto, ficou... só que ele também tem esse lado assim, ela sempre questionou quando ia poder voltar a receber a mesada, e ele nunca falou nada...”

“...mas também a gente dá mesada pra criança saber trabalhar com o dinheiro... e se tudo que acontecer na casa e a gente for tirando dela, ela não vai ter a oportunidade de estar usando aquele dinheiro, de conhecer...”

“...se sobrou guarda, se não sobrou, o mês que vem você pega e gasta daquele que sobrou... mas não, esse dinheiro tem que ser um dinheiro intocável, esquecido, que você guarda... você não pode mexer no 10% que guardou... e a gente tá fazendo isso com as crianças, ele dá os 15 reais por mês e eles têm que dar R\$1,50... a gente tá fazendo uma poupança pros dois... então é legal, esse negocio de guardar é legal..”

“então, o Sr X, todo ano, ele põe moedinha pra todos os netos... ele tem cofrinho no nome de cada um... então, no final do ano eles ganham cento e pouco, duzentos... eles ficam que ficam... aí, quando chegou esse ano, eu falei assim: vocês ganharam tantos brinquedos... e ganharam mesmo, ganharam uns brinquedos legais esse ano... não tem por que ir na loja comprar mais brinquedo, eu tô até querendo esvaziar o baú e vocês vão comprar mais?... que tal se a gente abrir uma caderneta de poupança e todo ano que seu avô der o dinheiro, vocês guardam... todo dinheiro que vocês conseguirem guardar, você põe lá de novo...”

“ele falou pras crianças guardar dinheiro, mas não é guardar por guardar, tem que ter um motivo... dinheiro tem utilidade, você tem que guardar pra um dia você comprar uma coisa que você queira, e não guardar por guardar..”

“...se você tem objetivos, ambição de adquirir alguma coisa, é prazeroso você trabalhar mais, economizar e guardar o dinheiro... eu gosto de ter objetivos... por exemplo, eu quero trocar meu carro ou eu quero viajar, então vou economizar pra isso, nem que seja daqui uns 5, 10 anos... porque senão a vida também fica sem graça, economizar por economizar... tem que ter objetivo, motivação, porque senão, vou guardar pra quê, vou morrer e vai ficar tudo aí... então é legal você guardar...”

“tipo, agora eu tô tendo uma experiência nova de ter dois filhos e tal, e aí eu acho que pra você ter um critério de divisão, de justiça e tal, aí eu acho que a mesada é um lance legal pra você ter esse tipo de relação... a menina, ela nunca teve mesada, hoje ela questiona... agora ela tá estudando, tá crescendo e tal, então ela já ganha, mas antes eu não sentia a necessidade de rolar... o fato de ser filho único... não acho que seja o problema ou o agravante...”

“se vai na escola e eu tô sem trocado, dou 10 reais pra ela, só que depois eu fico sabendo que de repente ela comprou sorvete pra

amiga, pagou lanche pra outra e volta zerada... aí chega no dia seguinte... rsrs... por um lado, legal, porque tá exercitando uma solidariedade, uma amizade e tal, mas eu falo pra só tomar cuidado pra que de repente isso não seja um fator de você só ter amiguinhos disso, né...,eu não tinha irmão, então, ao mesmo tempo, você não briga, mas não recebe aquele certo carinho...,então a amizade pra quem é filho único tem que ser mais legal, né, embora eu sempre cultivei muitos amigos, mas não por conta disso...”

“ já eu não tô o tempo todo com a menina, mas o tempo que tô, é claro que eu quero mais é curtir né... quer tomar um sorvete, vamos tomar, quer tomar 3 sorvetes, vamos tomar... mas eu não tenho esse lance de passar a culpa, entendeu..”

“eu, com os meus filhos, eu passo muitas regras com relação ao dinheiro... eu estipulo... quando a gente sai com a família, amigos, eu estipulo sempre, são dois sorvetes por dia, porque senão, não tem limite.. .dinheiro leva pra escola uma vez por semana... toda sexta-feira leva dinheiro pra escola... o outro menino já nem quer mais levar dia de sexta, porque ele é muito ansioso, nervoso, e não quer enfrentar fila, então prefere levar de casa.. .eu não dou dinheiro pra eles à toa... eles ganham dinheiro do meu sogro todo final de ano, ganham 50 reais, então, esse dinheiro eu deixo eles gastarem da maneira que eles quiserem... nem que compre um brinquedo que eles não vão brincar, mas vão ter que arcar com as conseqüências deles... isso é uma maneira deles trabalharem, né, porque se não comprou uma coisa que não é tão legal, da próxima maneira vai pensar direito... então é assim, é a única vez no ano que eles têm dinheiro... mas agora, esse ano nós adotamos a mesada, que também é uma coisa nova pra gente, mas assim, até então eles nunca tinham dinheiro pra nada..”

“...mas a gente tem que se policiar pra não dar a mesada e continuar comprando tudo que eles querem... vamos deixar claro que

a gente vai dar mesada, mas estipular algumas coisas, como figurinha e tal... não dá pra ficar comprando..”

“não acho que uma criança de 7, 8 deva ter mesada... demorar um mês pra ela receber é muito tempo, então a minha dúvida é: será que ela sabe administrar isso?... a criança... o tempo pra ela é bem mais rápido... acho que um mês ela até esquece... e eu procurei deixar pra eles bem claro o que é a mesada pra eles, ou pra que que serve aquele dinheiro... então, comida, qualquer coisa que seja de comida, eles não vão precisar da mesada deles... eu coloquei pra eles que a mesada é pra qualquer coisas que eles queiram comprar e que seja fora de época... então, assim, dia de natal, aniversário, dia das crianças, vocês vão ganhar presente, fora isso, vocês que vão comprar... se querem qualquer brinquedo, vão comprar com o dinheiro da mesada...

“...elas já estão sabendo controlar, tão sabendo que dinheiro não gasta à toa.. .antes gasta à toa, agora não, agora já tem objetivo... vai comprar isso, comprar aquilo...”

“...a noção do dinheiro, por exemplo, os meus já adquiriram... entram numa loja de brinquedo... fora de época eu também não dou nada, não ganha... aí entra na loja e pede um carrinho, ele fala que é baratinho, só 5 reais, mas eu não compro presente nenhum fora de época...”

“...eu me propus dar a mesada aos sábados, então, quando o sábado é tumultuado e eu acabo não dando, eles ficam cobrando: mãe, tá faltando 3 sábados... então, assim, acho que é disciplinar, e também não sei esse lance do valor, da quantia do dinheiro... então eu não sei o quanto... temos que dar disciplina e também o lance da poupança, né, gente...”

“...a minha ficava indo me cobrar lá no salão e, além disso, não sabia gastar o dinheiro, aí acabei cortando, não era nem mesada, era

semanada... mas aí eu acho que elas acabam aprendendo... eu guardo dinheiro extra e quando tá precisando de algo eu vou lá e compro...”

Nesta categoria, os pais expõem experiências variadas sobre o modo como educam seus filhos em relação ao dinheiro. Um aspecto interessante que foi possível notar, dentre todas as falas citadas, diz respeito à não intencionalidade de alguns pais para educarem financeiramente seus filhos, ou seja, não há uma preparação prévia desses pais para ensinarem seus filhos a lidar com o dinheiro. Assim, tanto os pais, quanto as crianças, vão descobrindo maneiras de lidar com o dinheiro quando estão na prática e, mesmo assim, os pais não têm uma atitude consistente para educar. Nas falas, é possível notar que esses pais introduzem o dinheiro na vida das crianças quando elas solicitam uma mesada ou um dinheiro para comprar algo, e não por terem a intenção de educá-las financeiramente.

Outro modo de os pais introduzirem o dinheiro na vida das crianças foi oferecendo-lhe uma mesada, sendo esta também uma forma de as crianças conhecerem o dinheiro e compreenderem sua serventia. De acordo com a fala de uma mãe, com a prática da mesada foi possível conhecer a personalidade dos filhos, quando eles usavam o dinheiro. Para isso acontecer, a mãe estabeleceu limites claros para o uso do dinheiro, e também os orientava, ao observar a forma como o dinheiro estava sendo usado por eles. Foi possível perceber que a mãe deixava nítidas as conseqüências da compra para a criança, da mesma forma que ela própria se controlava para não comprar coisas que o seu filho poderia comprar com o dinheiro da mesada.

Conforme o relato de outra mãe, as filhas também recebiam mesada e, por elas estarem o tempo todo cobrando da mãe para receber o dinheiro, ela achou melhor cortar a mesada, pelo motivo de estar sempre sendo cobrada e pelo fato de as filhas não saberem usar o dinheiro. Nesse caso, ficou estabelecido que, à medida que elas precisassem de algo, pediriam para a mãe o dinheiro que ela mesma guardava para uso das filhas. Essa situação mostra que o fato de cortar

a mesada porque os filhos não sabem lidar com o dinheiro torna-se prejudicial, uma vez que eles não têm o dinheiro para ser usado responsabilmente.

Nas falas citadas, é possível observar que, com relação à mesada, não há uma continuidade nas atitudes dos pais, na educação financeira dos seus filhos. Embora existam pais que usam a mesada conforme D'AQUINO (2001) a entende, eles cessam essa prática e não dão continuidade ao que foi iniciado com intuito de as crianças aprenderem a lidar com o dinheiro.

De acordo com relatos de outros pais, a mesada foi utilizada pelas crianças, mas cortada na educação, como forma de castigá-las em decorrência de um determinado comportamento, como no caso em que a filha quebrou o vidro da porta. Por acontecer esse episódio, os pais decidiram cortar a mesada de todos os filhos, além de deixá-los sem explicações concretas pelo motivo dessa decisão. Tal atitude é altamente prejudicial à maneira como as crianças vão lidar com o dinheiro. Explicar o motivo de deixar de dar mesada para os filhos é importante, para que as crianças entendam que são responsáveis pelos gastos no orçamento da família. A conversa é um meio facilitador para compreensão das crianças de como o dinheiro pode ser utilizado e para demonstrar que elas também podem ajudar os pais a pensar em formas de gerar dinheiro.

Segundo D'AQUINO (2001), tirar a mesada dos filhos por punição significa minar as responsabilidades deles, pois a única função da mesada é ensiná-los a lidar com o dinheiro. Essa autora compreende que a mesada não deve ser vista como uma forma fácil de ganhar dinheiro, ou por ser uma acomodação; pelo contrário, ela pode fornecer aos filhos um autocontrole, além de ensinar-lhes os limites.

Além desses entendimentos sobre a mesada, segundo o relato de um pai a mesada pode ser usada também como forma de estabelecer justiça e igualdade, quando há irmãos, diferentemente de quando há

um filho único, pois ele acredita que não há necessidade de dar a mesada para este. Isso significa que esse pai não entende a mesada como forma de a criança aprender a lidar com o dinheiro, mas como uma mediação para estabelecer uma suposta igualdade entre os irmãos.

Em seu relato, uma das mães afirma que utiliza a mesada na educação dos filhos para que eles usem o dinheiro para comprar coisas que eles querem, exceto a comida. Além disso, os presentes que as crianças ganham dos pais são de acordo com as datas comemorativas, como Natal, aniversários e dia das crianças, e não há presentes fora dessas datas, mesmo que sejam ‘baratinhos’. Essa forma de educar as crianças significa que há limites e regras a serem seguidas e respeitadas, tanto pelos pais, quanto pelos filhos. Este pode ser um caminho para se educar os filhos em relação ao dinheiro, desde que as regras sejam preservadas, em especial pelos pais. Quando sujeitas a mudanças, essas regras devem ser reformuladas em família, explicando-se o motivo, para que a responsabilidade seja compartilhada no grupo.

Existe essa mãe que estabelece e cumpre as regras estipuladas para o uso da mesada em sua família, percebendo que a mesada serve exclusivamente para os filhos saberem lidar com o dinheiro; no entanto, há uma outra mãe que, mesmo quando não se trata de uma data comemorativa, mas de uma pechincha, ela compra e dá para seus filhos. Com a atitude dessa mãe, percebe-se que o consumismo é muitas vezes irresistível e que as pessoas cedem à sedução das propagandas. Além disso, os pais que não compreendem a diferença entre necessidade e desejo prejudicam a educação financeira de seus filhos, pois, não estabelecendo limites, levam-nos a exercer um papel de consumistas, na sociedade. A crítica não é quanto ao ato de comprar algo “baratinho”, mas ao fato de os pais continuarem comprando presentes para os filhos, mesmo quando eles recebem o dinheiro da mesada para essa finalidade. Essa mãe poderia orientar

seu filho a priorizar o que ele deseja e necessita no momento da compra, pois, conforme ZAGURY (2003), ao se discriminar desejos de necessidades, é possível criar limites numa educação.

Em seu relato, uma mãe que utiliza a mesada como forma de educar os filhos, em relação ao dinheiro, diz que estipulou um dia da semana para dar o dinheiro para as crianças, porém muitas vezes ela não cumpre o acordo, quando o dia da mesada é tumultuado. Por conta disso, parece ter uma forte cobrança dos filhos em receber esse dinheiro atrasado, o que mostra que o não cumprimento do estabelecido entre pais e filhos pode gerar nos filhos a falsa noção de que não assumir uma responsabilidade pode ser algo tolerado.

Além do uso da mesada ser uma das formas de se educar financeiramente os filhos, a conversa dos pais no sentido de orientá-los também é uma outra maneira de ensinar as crianças a lidarem com o dinheiro. Nessa conversa, os pais falam de vários assuntos, incentivam os filhos a gastarem o dinheiro com coisas úteis e não com 'bobeiras', ou seja, com brinquedos que já têm em excesso; orientam os filhos a gastar e poupar uma quantia do dinheiro, a guardar o dinheiro em um mês e no outro gastar com o que querem.

Os pais também conversam sobre outros assuntos, tais como: não orientarem os filhos financeiramente quando o dinheiro é dado por parentes; alertarem os filhos a não gastar dinheiro comprando coisas para os amigos; e, por último, orientarem o filho sobre como pode gastar o dinheiro que ganhou na mesada.

De acordo com WEBLEY (2006), aqueles pais que discutem com suas crianças as decisões econômicas da casa e da família irão promover uma orientação futura e uma habilidade para controlar os gastos. Dessa forma, a conversa dos pais com os filhos sobre dinheiro torna-se imprescindível.

Uma outra forma adotada pelos pais, na educação financeira, é dando dinheiro à criança para ela comprar lanche na escola, ou quando vai fazer um passeio sem a presença dos pais. Essa pode ser uma forma para a criança aprender a lidar com o dinheiro, mesmo que não receba mesada ou semanada. Por outro lado, os pais criticam quando os filhos usam esse dinheiro para comprar um lanche ou sorvete para os amigos, pois a criança gasta todo o dinheiro dado pelos pais. É importante perceber que, ao dar o dinheiro para a criança, é considerável que os pais expliquem para qual motivo vai servir o gasto, como também o fato de comprar um lanche para o amigo pode ser compreendido como uma forma de ajudar as pessoas.

Uma das coisas que os pais relatam é a questão do poupar, que pode ser entendida por eles como uma maneira diferente de realizar uma economia. Há aqueles que consideram o poupar como válido somente quando se tem um objetivo para guardar o dinheiro, e não guardar por guardar. Há, também, pais que pensam o poupar como algo prioritário, e que, de todo o dinheiro que dão aos filhos, nas mesadas, 10% sempre devem ser poupados. Os pais que orientam os filhos a sempre pouparem o dinheiro que ganham, independentemente da finalidade do uso da poupança, vêem nisso uma forma de proteger o dinheiro, para ajudar numa emergência de gastos. Diferentemente de poupar somente com um objetivo, os pais que realizam essa educação acreditam que, pelo fato de o dinheiro ser usado com o objetivo de comprar coisas, basta saber o que comprar, do contrário não há validade, nesse comportamento. Portanto, considera-se que essa forma de educar as crianças pode desenvolver nelas um consumismo desenfreado.

Um outro dado interessante foi que alguns pais, por terem de cumprir uma dupla jornada de trabalho, acreditam que isso dá para os filhos uma possibilidade ilimitada de comprar o que desejam, por exemplo, tomar quantos sorvetes quiserem, durante um passeio. Seria uma forma de recompensar o pouco tempo de que dispõem para ficar

com os filhos. Pode-se pensar na hipótese de que essa forma seja altamente prejudicial às crianças, tanto na educação financeira, quanto na educação alimentar, devido à falta de limites e de uma exagerada valorização dos desejos, em decorrência da culpabilidade dos pais.

Na educação financeira que os pais realizam com seus filhos, há também a participação dos avós. Nas falas mencionadas, há referências ao fato de eles darem dinheiro aos netos no final do ano, como presente. Algumas crianças guardam esse dinheiro num cofre. Alguns pais, com o dinheiro dado pelos avós, decidem abrir uma conta poupança no banco, para os filhos. A participação dos avós é presente na educação financeira das crianças, em nossa cultura, mas o que fazer com o presente passa pelo crivo dos pais.

Categoria 3 - As repercussões positivas das práticas educativas adotadas pelos pais

“os meus já sabem, ganhou dinheiro, tira a parte da poupança, os 10%, e ai já tá guardando...eles já sabem, é engraçado, outro dia o pai deu 15 e ele ficou me cobrando pra trocar pra dar pro pai...”

“a outra quer trabalhar comigo no salão porque quer guardar dinheiro pra comprar um carro... ela tá com 13 e já pensa em comprar um carro com 18... ela não pensa que a gente pode dar pra ela... e a outra é com o negócio da massagem, ela quer fazer massagem pra ganhar dinheiro... até oferece pros outros... rsrs... mas o que eu achei legal foi esse lance de guardar...”

Nesta categoria, os pais apresentam quais são as repercussões positivas das práticas educativas que realizam com seus filhos, as quais estão relacionadas com a questão do poupar e com o significado do trabalho.

Segundo o relato de uma mãe, ao dar a mesada para o filho, ele era orientado a guardar 10%, como forma de poupar. Por ser uma prática rotineira, as próprias crianças já separavam o dinheiro, para

guardá-lo, sem precisar da ajuda dos pais. Isso aconteceu pelo motivo de as próprias crianças estarem acostumadas, quando recebiam a mesada, a reservar uma quantia de dinheiro para guardar na poupança, o que foi possível devido ao fato de haver um ato contínuo na educação.

Segundo WEBLEY (2006), as crianças às quais são dadas responsabilidades para aprender sobre decisões financeiras e habilidades econômicas serão mais aptas a economizar. A forma como esse autor compreende o poupar é uma maneira de justificar a repercussão positiva quando os próprios filhos tomam uma decisão quanto ao uso do dinheiro, como foi o fato das crianças que tomaram a iniciativa de reservar parte do dinheiro da mesada com a finalidade de poupar.

A outra repercussão considerada positiva foi a citada por uma das mães: sua filha demonstrou interesse em trabalhar para ganhar dinheiro e, por meio desse trabalho, comprar um carro, dentro de alguns anos. Para a mãe, a atitude da filha em trabalhar para adquirir algo com o seu próprio dinheiro pareceu-lhe estranha; no entanto, é interessante observar que a iniciativa da menina demonstra que ela foi capaz de pensar em adquirir dinheiro em função do trabalho e do poupar para alcançar uma satisfação futura. Para ela, esta seria uma maneira de conquistar materialmente as coisas e também de ser independente das condições financeiras da mãe.

Categoria 4 - As repercussões negativas das práticas educativas adotadas pelos pais

“a minha menina ainda não tem essa coisa do objetivo, às vezes ganha e não sabe por que vai guardar...”

“deixa eu explicar, comigo aconteceu uma coisa que rolou com o lance de mostrar a conta e tudo mais... um dia o telefone em casa, a conta veio 1 barão... pô, eu pago a do escritório mil reais... aí eu

peguei e tirei o telefone de casa, vamos ficar com o meu celular... não, não foi a minha filha, foi eu também, né, eu tinha utilizado... aí eu, na minha vasta ignorância, achei que um celular pra cada um, com crédito, ia ficar mais fácil... aí eu peguei e dei um celular pra minha filha, pra gente poder estar se comunicando e lá em casa ficou sem telefone... isso foi na época que eu achei que tinha que controlar um pouco isso..."

Nesta categoria, são discutidas as repercussões negativas na educação financeira que os pais realizam com seus filhos. Embora os pais não as considerem como negativas, elas podem causar sérias conseqüências na formação moral da criança e na forma de lidar com o dinheiro.

Diante da fala de uma mãe, de que sua filha, quando ganha dinheiro, não sabe o motivo de guardá-lo, observa-se que tal fato pode ser prejudicial a uma educação financeira. Isso pode advir da falta de uma instrução dos pais em ensinar aos filhos o modo de usar a poupança, explicando-lhes que o ato de poupar determinará sua futura vida financeira. A mudança de comportamento e a aquisição de noções sobre a importância do poupar serão possíveis somente por meio de uma conversa com os filhos. Se a criança guarda o dinheiro sem saber o porquê de estar fazendo isso, pouco vale o poupar, pois ela não desenvolverá habilidades para lidar com o dinheiro.

De acordo com o relato do pai, a conta telefônica só foi mostrada para a família pelo motivo de ele ter que pagar mil reais. Em seguida, considerou a troca do telefone fixo pelo celular como uma saída para ter menos despesa. Ao ser modelo para os filhos, os pais muitas vezes esquecem que são imitados e, quando vêem os filhos se comportando de tal modo, criticam-nos. No entanto, estão denunciando o seu próprio comportamento nas ações dos filhos. O fato de o pai ter dado um celular para a filha, pelo motivo de a conta do telefone fixo da casa ter sido alta, não garante que o consumo possa diminuir. É importante considerar que, ao explicitar o orçamento familiar para a

compreensão de todos os membros, para que eles levantem dados sobre a origem dos gastos mais elevados, a própria família pode estudar formas de diminuir as despesas. Essa é uma maneira de todos perceberem que são co-responsáveis pelas despesas e receitas da família.

Outras repercussões negativas na educação financeira dos filhos estão relacionadas com algumas falas da categoria sobre o uso do dinheiro na família: cortar a mesada dos filhos, atrasar o pagamento da mesada e pegar o dinheiro poupado dos filhos sem autorização deles. São ações que podem ser consideradas como altamente prejudiciais às crianças, quanto à sua noção sobre o uso do dinheiro e quanto ao desenvolvimento de habilidades para lidar com ele, no futuro.

Categoria 5 - A influência da intergeracionalidade na educação financeira dos filhos

“eu nunca adotei o sistema de mesada, mas é porque eu nunca recebi mesada...”

“é a disponibilidade de coisas... hoje, por exemplo, eu mexo no computador o básico, já minha filha teve escola de informática, hoje ela brinca de barbie pela internet... aí que você começa a ter... eu acho que a diferença é isso, eu acho que hoje tá muito mais fácil de estimular o pique na criança de consumo do que antigamente...”

“sabe o que acontece hoje em dia, mudou muito... no nosso tempo de adolescente, quem tinha mobilete era o máximo... então, assim, hoje os valores mudou muito...”

“já não é mais de classe media... as minhas filhas, elas têm um monte de bonecas barbie da originais, umas 8, 9... cada uma tem telefone no quarto, entendeu... o nível subiu, mas porque, porque as mulheres... antigamente era só o meu pai que trabalhava... na maioria das casas... hoje é o homem e a mulher... então subiu o padrão...”

“eu aprendi muito, que a pessoa não vale pelo que ela tem, que a pessoa vale pelo que ela é... meu pai sempre passou isso pra gente... lógico que dinheiro é importante, mas é muito o caráter da pessoa, se a pessoa é honesta... outra coisa que meu pai dizia é que todo trabalho é digno... meu pai vem de uma família humilde e venceu, entre os irmãos é o que ficou de melhor situação... meus avós eram imigrantes, então eu aprendi com a família inteira, não só com os meus pais... de trabalhar, ir à luta e não ficar esperando as coisas caírem do céu...”

“eu lembro que meu pai sempre falava sobre honestidade... ele tinha um porto de areia... eu queria subir naquele monte... mas gente, ele não deixava nunca a gente fazer isso... o ambiente de trabalho era um ambiente muito sério, raramente a gente ia e quando ia tinha que respeitar, não podia pôr a mão em nada... passado esse tempo todo, eu tive a minha empresa e passei a perceber que eu era muito rígida, muito seria... não sorria, não dava risada... eu achava que, se fosse muito descontraída, ninguém iria me respeitar... aí eu disse: opa, isso tá parecendo algo que eu conheço... então eu comecei a relaxar com isso e hoje eu levo... hoje mesmo eu levei meu filho, mas no sentido de trabalhar... eu aprendi muito disso, minha mãe sempre foi uma pessoa que nunca deixava a gente reclamar que tava cansada... você nunca conseguia...”

“já em casa meu pai, era muito postura, comportamento, educação, moral, respeito né... nunca pegue nada, nunca coloque mão em nada que não é seu e ele sempre passou isso de uma maneira muito feia... quando a gente saía e ia na casa de alguém, a gente não podia aceitar nada.. até na casa de um tio, não podia aceitar nem uma fatia de bolo senão a gente apanhava... rrsrs.. acredita como a gente era bobo... mas ele passou uma coisa de respeito e valor pra gente, que eu tô conseguindo passar pros meus filhos...”

“eu vi na minha mãe uma pessoa mais do que guerreira, mas ela passar a paixão por aquilo que você faz... então você poder mostrar

pro seu filho né... não é só pelo objetivo da grana, porque isso aí é uma consequência, mas por gostar daquilo que você faz, por mostrar que aquilo tem uma função social, que aquilo é uma coisa que te dá muito prazer..”

Nesta categoria, pode-se perceber que há uma forte influência da intergeracionalidade, no que diz respeito ao modo como os pais educam seus filhos financeiramente. Os pais remetem-se à maneira como foram educados, em relação ao dinheiro, na família de origem, e, muitas vezes, esse padrão é repetido na família atual. Um exemplo é o uso da mesada: como não foi uma técnica usada na infância dos pais, também não é realizada atualmente, na educação financeira de seus filhos.

Os valores que se apresentam, nos dias de hoje, relacionados com aqueles vividos na família de origem, são ressaltados pelos pais, na demonstração das diferenças entre essas épocas. Os pais referem a grande mudança de valores e costumes que aconteceu em nossa sociedade, e apontam que, com isso, a família e os papéis do homem e da mulher também passaram por grande modificação. Em sua fala, uma das mães relata que, quando era criança, o provedor era somente seu pai, e observa que, nos dias de hoje, a mulher e o homem exercem o papel de prover a família, o que contribui para uma melhor renda. O fato de o homem e a mulher estarem no mercado de trabalho torna possível o maior acesso ao consumo, e isso pode até ser um empecilho para os pais controlarem as despesas da família, pois este novo cenário familiar é diferente daquele de tempos atrás.

Os pais explicam as mudanças ocorridas no cotidiano familiar, tais como: os constantes passeios aos shoppings, o ato de comprar a todo instante, o fato de as crianças na tenra idade iniciarem o contato com o mundo tecnológico e com o manuseio do dinheiro, e a desorientação dos pais frente aos inúmeros desafios na arte de educar os filhos neste mundo globalizado.

Um outro aspecto que a família de origem transmitiu aos pais foi a idéia de que, para conseguir dinheiro, é preciso muita luta e dedicação. Acrescente-se, a essa idéia, a consideração de que o importante é o que a pessoa demonstra ser, pelo seu caráter, e não por seus bens materiais.

Em outros relatos, despontam as experiências que passaram com seus pais. É interessante notar que, em dois relatos, é possível perceber que, quando eram crianças, seus pais mantinham um comportamento agressivo e de pouca conversa, quando estavam no trabalho e mesmo em casa. Talvez porque não foram criados em uma família em que não havia espaço para a conversação, atualmente os pais repetem esse comportamento com os filhos. Assim, deixam-nos, muitas vezes, sem saber o motivo por que foram obrigados a adotar determinado comportamento, conforme visto na maneira como ensinam seus filhos a usarem o dinheiro, por exemplo, não conversando sobre o porquê da necessidade de poupar.

Categoria 6 - As dificuldades que os pais enfrentam ao lidar com o dinheiro

“é esse consumismo exagerado que hoje em dia a mídia impõe, né... Eu acho que é uma grande dificuldade...”

“acho que o próprio mercado tá mais ostensivo, né, você compra hoje parcelado em várias vezes...”

“existe muita variedade hoje, de coisas... hoje há uma infinidade... com essa historia de TV a cabo, antes era só aqueles programinhas, domingo no parque... rsrs... hoje, eu não sei nem o que que rola, não sei nem o nome dos personagens que tem... então, você vê que hoje tudo é consumismo...”

“quem não quer todo ano trocar o carro, pintar a casa, ter móveis legais... e as crianças também... ah, meu amiguinho tá na colônia de férias de não sei aonde... ah, fulano foi viajar pra Natal, e

não sei o que... tudo é muito gasto... tá difícil da gente controlar isso...”

“eu volto a bater na mesma tecla, pode até ser que eu esteja errada, mas é mais difícil você controlar a ansiedade dos pais... todos os coleguinhas têm igual e você fica querendo dar pro seu filho...”

Nesta categoria é possível observar que a grande dificuldade que os pais enfrentam para educar seus filhos financeiramente é a maneira como lidam com o consumismo vigente na sociedade contemporânea. Os pais atribuem as dificuldades para educar os filhos ao consumismo desenfreado e à questão do imediatismo, que faz parte da cultura do comprar, quando se valoriza o “ter coisas”, e não o ser.

O consumo, como afirmam os pais, está cada vez mais ostensivo e acessível às pessoas, pois o mercado facilita formas de pagamento, o que inspira fortes desejos de comprar. Além disso, as crianças começam desde muito cedo um contato com o dinheiro e, dessa forma, torna-se de suma importância prepará-las para saber distinguir entre desejos e necessidades, evitando-se, assim, uma falência financeira e emocional.

Segundo ZAGURY (2003), a necessidade está relacionada com um desejo que precisa ser atendido. O desejo corresponde àquilo que o indivíduo tem vontade de possuir ou realizar, o que não compromete o seu desenvolvimento e que está relacionado apenas com o seu prazer. Portanto, é importante que os pais façam a distinção entre necessidades e desejos, para subsidiarem a educação quanto aos limites sobre o que se pode ou não comprar. E também para treinar as crianças a serem mais altruístas e menos interesseiras. Assim, elas serão mais participativas, colaborando para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

Presume-se que, em primeiro lugar, é preciso conter a ansiedade dos pais, para que exerçam o controle sob os desejos das crianças de

comprar produtos ditados pelo consumo e pelos padrões preestabelecidos na sociedade. Em segundo lugar, os pais que expressam os limites numa educação, manifestam também o seu carinho e proteção para com a criança, o que contribuirá para o seu crescimento sadio, para que venha bem exercer sua cidadania, protelando, assim, o consumismo.

Embora os pais admitam que, antes de tudo, é preciso começar um controle consigo mesmos, eles ficam perdidos, em situações que envolvem o consumismo exagerado, e deixam margem para que as crianças se sintam ser menos valorizadas por não participarem das tendências ditadas pela moda atual. Por outro lado, os pais são seduzidos pelos encantos de gastar dinheiro com passeios, viagens e produtos inéditos, o que muitas vezes a renda familiar não permite. Isso mostra que os pais perdem a referência do que pode ser necessário e do que são vontades e desejos estimulados pela sociedade.

Categoria 7 - As dificuldades do casal em lidar com o dinheiro, para educar financeiramente os filhos

“e eu sinto assim, eu em casa tive que educar o marido primeiro pra depois...porque esse negócio de brinquedo...chegava no natal e ainda hoje ainda é assim, ele não compra um brinquedo, é no mínimo três pra cada criança... escreve aquela cartinha pro papai Noel e se deixar ele segue a cartinha inteira dele... rsrs...”

“eu escutei uma cliente falar isso que o marido comentou, que o assoalho da casa tava estragado... aí ela estragou mais um pouco pra ver se incentivava o marido a trocar... aí ele falou pra ela que isso não era prioridade..”

Esta categoria foi criada devido ao fato de os pais trazerem para a conversa a experiência de lidar com as idéias não compatíveis entre o casal e o modo como vão usar o dinheiro. Diante da fala dos pais, é

possível perceber que, muitas vezes, há um desacordo sobre a forma de gastar o dinheiro. Isso mostra que, entre o casal, não há conversas sobre a maneira como poderão gastar o dinheiro. Mostra, também, que a família não faz um orçamento familiar para planejar os gastos e para prevenir fracassos financeiros. Considera-se que, quando não há uma compreensão entre os cônjuges sobre a maneira como o dinheiro pode ser usado, essa confusão pode ser transmitida aos filhos, no momento em que forem usar o dinheiro.

Em uma outra fala, é possível perceber que há um tabu em falar sobre gastos, e parece que só se fala sobre esse assunto quando surge uma necessidade, como trocar o assoalho da casa, por estar estragado. Isso mostra que talvez os casais não conversem sobre dinheiro, o que pode ser prejudicial para a compreensão dos filhos sobre a maneira de usá-lo.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de desenvolver uma pesquisa qualitativa fundamentada na abordagem familiar sistêmica juntamente com a Psicologia Econômica foi instigadora. Proporcionou ao pesquisador, por meio do levantamento bibliográfico, da metodologia e da forma de interpretar os dados, uma possibilidade de construir o fenômeno estudado com um olhar interdisciplinar.

Diante do objetivo geral de compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos, nas idades de 7 a 10 anos, em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, no interior de São Paulo, foi possível entender as experiências dos pais e dos filhos de uma forma mais ampla. É importante ressaltar que, embora exista um processo de educar os filhos financeiramente, não há intencionalidade de alguns pais para realizar essa educação. Por isso, eles deparam situações surpreendentes, no cotidiano familiar, as quais acabam por exigir medidas educativas em relação ao dinheiro.

Foi importante constatar que os modelos parentais de valor, crenças, usos e manejo com relação ao dinheiro passam para os filhos, mesmo sem essa intencionalidade educativa.

As crianças de 7 a 8 anos já conseguem diferenciar os fatos positivos e negativos em relação ao dinheiro, assim como as crianças de 9 a 10 anos já aliam sentimentos ao fato de ter ou não mais ou menos dinheiro.

Dinheiro e estudo aparecem em íntima relação, pois o primeiro proporciona às crianças a possibilidade de estudar em escolas melhores, a aprender a poupar para estudos futuros e, ainda, a valorizar pessoas que ganham mais porque têm mais estudos. Isso vai ao encontro de pesquisas sobre os valores da classe média paulista, em que a educação e o futuro dos filhos ocupam o primeiro lugar nas prioridades dos pais.

O ato de poupar é considerado diferentemente, entre crianças maiores e menores. As crianças de 7 a 8 anos gastam todo o dinheiro ganho de uma vez, ou guardam e vão gastando aos poucos. As crianças de 9 a 10 anos poupam mais e juntam o dinheiro para gastar em ocasiões especiais ou com coisas especiais.

Isso também pode estar associado ao modo como os pais dão o dinheiro aos filhos. Há uma tendência a dar “semanada” para os mais novos e mesada para os mais velhos, pois os pais entendem que os pequenos não têm capacidade de planejar e esperar pelo dinheiro. Alguns pais antecipam e começam a dar o dinheiro para os filhos quando acham que estão aptos a entenderem a educação financeira, e outros só passam a dar mesada por solicitação dos filhos. Acredita-se que os primeiros pais já têm em mente a educação financeira das crianças.

A prática de alguns pais de adotarem a mesada foi pelo motivo de considerarem que seria uma forma de mediar a igualdade e desenvolver o senso de justiça entre os irmãos; porém, quando esta foi cortada por motivos de comportamento inadequado da criança, impediram a continuidade na forma de educar financeiramente os filhos, pois a mesada serve exclusivamente para as crianças aprenderem a lidar com o dinheiro, e não deve estar associada a nenhuma outra condição de recebê-la.

A atitude das crianças em gastar o dinheiro socialmente, considerando o nível de pertencimento a um grupo, está presente quando as crianças gastam com os amigos. Tal atitude é ignorada e às vezes criticada pelos pais, principalmente em relação às crianças maiores.

Uma forma de os pais transmitirem a educação financeira é por meio de conversas com os filhos, sendo este um momento principalmente para orientá-los sobre o que se pode gastar e quando se deve poupar o dinheiro.

Quanto à orientação dos pais para as crianças pouparem o dinheiro, alguns consideram que só é válido poupar quando se tem um objetivo para comprar, enquanto outros pais consideram o poupar prioritário numa educação, independentemente de como o dinheiro no será utilizado, no futuro.

Acredita-se que o poupar é uma das maneiras mais importantes para educar financeiramente uma criança, por ser uma forma de aprender a controlar o emocional e a situação financeira, tolerando a não satisfação imediata dos desejos. Dessa forma, considera-se que o poupar deve ser contínuo em uma educação e prioritário na vida financeira das famílias.

Tanto os pais como as crianças revelaram a participação dos avós na educação financeira. Eles guardam moedas durante todo o ano, nos cofrinhos de cada neto, ou então dão dinheiro a eles, quando chega o final do ano. Essa participação é presente em nossa cultura, mas os pais se tornam orientadores de seus filhos também no uso desse dinheiro extra.

Além da repercussão positiva das práticas de uma educação financeira, também foi possível averiguar as negativas que acontecem quando as crianças pouparam o dinheiro sem saber o motivo desse procedimento, o que pode ser prejudicial à sua educação. Um dos caminhos para recuperar essa atitude dos pais é estabelecer uma conversa com a família, sobre o dinheiro. Nessa conversa, pode ser ensinada a importância de poupar e outras experiências que contribuam para o bom uso do dinheiro.

O tabu para falar sobre o dinheiro com estranhos é uma repercussão negativa dessa educação que foi mostrada pelas crianças de 7 a 10 anos. Já as crianças de 9 a 10 anos consideram as pessoas que têm muito dinheiro como exageradamente ambiciosas para ganhar, e por isso são discriminadas, quando demonstram algum tipo de poder.

O comportamento de emprestar dinheiro dos filhos aconteceu com as crianças de 7 a 8 anos, e a forma de como se procedeu esse empréstimo repercutiu de forma negativa na educação. O empréstimo, quando não autorizado pelos filhos, pode ser prejudicial, pois leva a um comportamento de inutilidade do poupar, como pode ser também desmotivador para a criança economizar; no entanto, quando o empréstimo é autorizado pelos filhos e o dinheiro é devolvido, ensina-se às crianças que elas podem ajudar parentes e amigos.

As técnicas que os pais utilizam para educar financeiramente seus filhos não foram propostas como objetivo, nesta pesquisa; no entanto, dados apresentados nas falas dos participantes sobre as estratégias usadas foram consideradas para melhor compreensão da educação financeira.

Para educar os filhos em relação ao dinheiro, alguns pais adotam ferramentas para subsidiar a arte de educar, tais como: controle do comportamento, banco como fonte de uso do dinheiro, troca por serviços prestados, poupar, conversas, mesadas e cofrinhos.

As técnicas utilizadas pelos pais para educar financeiramente as crianças de 7 a 8 anos foram o controle do comportamento, o banco, o poupar e a troca de serviços prestados. Para as crianças de 9 a 10 anos, alguns pais utilizam a conversa, e outros usam a prática de separar com os filhos o dinheiro gasto nas despesas, ocasião em que explicam a eles sobre o orçamento familiar. A prática do banco é adotada por alguns pais, quando abrem uma conta bancária para os filhos guardarem o dinheiro. Acredita-se que o banco representa para a criança algo imaginário, diferentemente de quando guarda dinheiro no cofrinho, quando ela pode ver as moedas e sentir o seu peso; portanto, para as crianças entenderem o poupar é importante, primeiramente, assimilar o conceito dessa prática, e o uso do cofrinho pode facilitar esse entendimento.

Atualmente existem mudanças nos costumes das famílias, devido a inúmeros fatores, e os passeios normalmente são feitos nos shoppings. Assim, o ato de comprar ocorre a todo instante e é de maior acessibilidade. As crianças, já na tenra idade, têm contato com o mundo tecnológico e também com o manuseio do dinheiro.

Apesar dessas transformações ocorridas no cotidiano das famílias contemporâneas, a intergeracionalidade é refletida quando os pais consideram que a dedicação e a luta aprendidas na família de origem são fatores importantes para transmitir aos filhos a educação financeira.

Um outro dado observado pelos pais diz respeito à mesada, que não foi utilizada em sua infância e que, por esse motivo, não é adotada na educação financeira de seus filhos. Uma outra repetição de padrões é com relação ao comportamento de pouco diálogo entre pais e filhos, sobre o uso do dinheiro; isso acontece devido ao fato de ter acontecido na família de origem dos pais, e também, pelo fato de os pais terem sido agredidos fisicamente, quando burlavam as regras de sua família em relação ao dinheiro.

As dificuldades que os pais enfrentam ao lidar com o dinheiro, atualmente, devem-se ao consumismo, à questão do imediatismo, que faz parte da cultura do comprar; assim, os pais devem ter autocontrole, para lidar com situações que envolvam um desejo veemente de comprar.

Os pais acreditam que, nos dias de hoje, há uma infinidade de propagandas que facilitam formas de pagamento, o que lhes permite realizar uma determinada compra. Acreditam também que o marketing é uma ferramenta muito forte e que atinge adultos e crianças, seduzindo-os a comprar. Esta é uma dificuldade enfrentada pelos pais, quando educam seus filhos.

Considerando essa dificuldade para educar, os pais acreditam que eles próprios são os modelos para seus filhos. Por isso, em primeiro lugar, precisam controlar a ansiedade de querer realizar todos os desejos dos filhos. Devem incentivá-los a discriminar o que são desejos e necessidades, para que tenham limites quanto ao que podem comprar, sendo esta uma forma de educar as crianças a serem menos consumistas e a exercerem com mais afinco a cidadania.

Visto que os pais caracterizam o valor do dinheiro para os filhos como sendo de grande importância, considerando o caráter da pessoa, e não o que o dinheiro é capaz de comprar, pode-se dizer que eles enfrentam dificuldade para transmitir esse valor. Isso quando se deparam com o consumismo, com a vontade de adquirir de forma imediata e com a ansiedade deles próprios em suprir os desejos dos filhos.

Embora não tenham sido propostas como objetivo da pesquisa as dificuldades do casal em lidar com o dinheiro para educar financeiramente os filhos, também foram observadas nos dados e levadas em consideração, pois estão presentes nas famílias, atualmente.

Foi observado que, em relação a essas dificuldades, não há um acordo entre os cônjuges, sobre o modo de como gastar o dinheiro. Considera-se que, quando não acontece uma compreensão mútua entre o casal, sobre a maneira de usar o dinheiro, isso pode refletir na educação financeira de seus filhos e até mesmo prejudicar o ensinamento do valor e do uso do dinheiro.

Neste trabalho, foi possível refletir sobre as formas de educar os filhos em relação ao uso do dinheiro e compreender a importância do papel da família nessa educação. É válido salientar que todo o conhecimento adquirido neste trabalho não se esgota. Será possível ampliar a leitura desta pesquisa e aprofundar as várias maneiras de

educar os filhos financeiramente, o que permitirá uma diversidade de investigações.

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber a falta de material científico sobre família e educação financeira. Portanto, acredita-se que uma das maiores contribuições desta dissertação foi difundir o assunto educação financeira na família contemporânea e inserir, no meio acadêmico, este importante tema, tão pouco discutido no campo da Psicologia Clínica no Brasil.

Em decorrência do forte consumismo que invade os meios de comunicação e se estende até as relações familiares, é de suma importância, em especial para a Psicologia, considerar o dinheiro como presente em nossas relações. Isso, para propiciar às famílias uma melhor forma de compreender as fronteiras entre o que é ser cidadão e o que é ser consumista, em nossa sociedade.

Considera-se que, tendo como referência esta dissertação, será possível fazer várias indagações e conseguir outras respostas, para que as contribuições nessa área possam ser cada vez mais expandidas no mundo acadêmico.

É possível apontar alguns questionamentos para pesquisas posteriores: Como se dá o processo de lidar com o dinheiro nas famílias pertencentes à fase adolescente do ciclo vital da família? Qual o significado do dinheiro para as crianças e adolescentes? Quais técnicas os pais podem utilizar, para educar financeiramente as crianças entre 3 e 12 anos de idade? Quais são os principais e necessários aspectos em relação ao dinheiro que devem constar da preparação dos pais, para que possam educar seus filhos?

O dinheiro é uma ferramenta que participa da vida, tanto das crianças, jovens e adultos, quanto dos idosos; por isso, é importante aprender e aprimorar formas de lidar com ele, para que se possa construir um mundo mais ético e próspero.

*VI - REFERÊNCIA
BIBLIOGRAFIA*

ARAÚJO, Anna Gabriela. *Retratos do desejo*. Revista Marketing, São Paulo: Referência, ano 38, nº 368, Setembro, 2003.

ARGYRIS, Chris. *A Integração indivíduo – organização*. Tradução: Márcio Cotrim. São Paulo: Atlas, 1975.

BERTIN, Ivone P. *Repetições (In)desejadas: uma questão de família*. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. “*Focus Groups*”: uma opção metodológica de Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Artigo não publicado. 2002.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. “*Ressignificando a parentalidade. Desafio para toda vida*.” Tese de Doutorado, PUC-SP, Psicologia Clínica, 2000.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. *O método de grupo focais*. Apostila elaborada para o curso de pós-graduação PUC-SP. 2003

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. (org) *Coleção “Assuntos de família” – vol. 1. Re-significando a parentalidade – os desafios de ser pais na atualidade*. Taubaté/SP: Cabral Editora Universitária, 2003.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Visitando a Fase de Aquisição. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper & col. *Visitando a Família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper & BERGAMI, Nancy Benedita Berruezo. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper & col. *Família e Ciclo Vital – Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BLACKWELL, Roger et al. *Comportamento do consumidor*: tradução técnica Eduardo Teixeira Ayrosa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

BOWEN, M. *De la familia al individuo - La diferenciación de si mismo em el sistema familiar*. Barcelona, Espanha: Paidós, 1991.

CAMPOS, Rose. *Parceiros do imaginário*. Revista viver psicologia. No 133- ano XII – fevereiro de 2004

CERVENY, Ceneide M de Oliveira. *A família como modelo – desconstruindo a patologia*. 1.ed. São Paulo: Livro Pleno, 2001.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper & col. *Família e Ciclo Vital Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHIAVENATO, Idalberto. *Introdução à teoria geral da administração*. Edição especial. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHRISTOPHER, Martin. *A logística do marketing*. Tradução: Nota Assessoria. São Paulo: Futura, 1999.

D'ÁQUINO, Cássia. *Educação Financeira*. Disponível em: http://www.Educacaofinanceira.com.br/conteúdo.asp?id_conteudo=15>. Acesso em: 12 de Outubro de 2006.

D'ÁQUINO, Cássia. *Educação Financeira*. Disponível em < <http://www.educfinanceira.com.br/educ.htm>>. Acesso em: 04 de Novembro de 2001.

D'ÁQUINO, Cássia. *Educação Financeira: 20 dicas para ajudar você a educar seu filho*. 2.ed. São Paulo: Me Poupe, 2001

DENEGRI, Marianela DENEGRI et al. *Socialização econômica em famílias chilenas de classe média: educando cidadãos ou consumidores?*. Psicol.Soc., Porto Alegre, v.17, n.2, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-7182200500020001&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 de Outubro de 2006

DIEZ-MARTINEZ, Evelyn & OCHOA, Azucena. *Occupational hierarchy as a device to study Mexican children's and adolescents' ideas about consumption and saving in adults*. Special Issue: Economic Socialization. Journal of Economics Psychology, vol.27, 20-35, 2006.

DUQUE, Aline Morais e MANFREDINI, Andreza Maria Neves. *Compreendendo o significado do dinheiro para os pais*. Monografia (Formação em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2003.

DUQUE, Aline Morais & MANFREDINI, Andreza Maria Neves. *Dinheiro e Família: a opinião dos pais sobre a educação financeira dos filhos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2002.

FELTON – COLLINS, Victória. *Casais e Dinheiro: nova abordagem completa para uma parceria amor – dinheiro que*

realmente funciona. Tradução: Henrique Amat Rego Monteiro. São Paulo: Maltese – Editorial Norma, 1992. (Série vida e família)

FERREIRA, Vera Rita M. *Is Economic Psychology being born in Brazil? – a review of the scientific production in the economic-psychological area looking into the future*. Anais da IAREP-SABE Conference Behavioral Economics and Economic Psychology. Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, Elsevier, INRA, Regionelle de France, Centre National de la Recherche Scientifique, Université Paris 5 René Descartes, Paris, França, 2006.

FERREIRA, Vera Rita M. *A Contribuição da Psicologia Econômica – trajetória e perspectivas de trabalho*. Disponível em: www.verarita.psc.br/portugues.php?id=art_psico2. Accesible em: 12 de Outubro de 2006.

FERREIRA, Vera Rita M. *Psicologia Econômica*. Disponível em: www.verarita.psc.br/portugues.php?id=psico. Acesso em: 15 de Outubro de 2006.

FERREIRA, Vera Rita M. *Psicologia Econômica: origens, modelos, propostas*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

GRÜNSPUM, Haim; GRÜNSPUM, Feiga. *Assuntos de família – relacionamento, sexo, tv, violência, droga, escola*. Editora Almed, 198-. p.259

HOUAISS – Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Versão 1.0, 2001.

JACOB, Mariane Krause. *La construcción conjunta de la investigación – Metodologias cualitativas*. Seminario realizado em INTERFAS, 1993.

KLAINER, Pámela York. *Converse mais sobre dinheiro*. Revista Veja, São Paulo: Abril, ano 35-1780/A, ed.especial no21, Dezembro, 2002.

LEISER, David & HALACHMI, Reut Beth. *Children's understanding of market forces*. Special Issue: Economic Socialization. Journal of Economics Psychology, vol.27, 06-19, 2006.

MARCHIORI, Berta. *O \$ da questão*. Revista: Veja. Edição especial, São Paul: Abril. ano 39, no65. ed 1958. Junho de 2006.

MINUCHIN, Patrícia et al. *Trabalhando com famílias pobres*. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MOON, Sidney M., DILLON, Deborah R. & SPRENKLE, Douglas. *Terapia Familiar e Pesquisa Qualitativa*. Journal of Marital and Family Therapy. vol 16.no.4, 357-373, 1990.

MOREIRA, Alice da Silva. *Valores e dinheiros: um estudo transcultural das relações entre prioridades de valores e significado do dinheiro para indivíduos*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2000.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. 2nd ed, vol.16. SAGE Publication, 1997.

NICHOLS, M; SCHWARTZ, R. *Terapia Familiar*. Conceitos e Métodos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

OLIVEIRA, A. L. *Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: A dinâmica das relações fraternas no recasamento*. Tese de Doutorado, PUC-SP, Psicologia Clínica, São Paulo, 2005.

OSORIO, Luiz Carlos. *Casais e Famílias: uma visão contemporânea*. São Paulo: Artmed, 2002.

PAPALIA, Diane E. & OLDS, Sally Wendkos. *Desenvolvimento Humano*. Tradução: Daniel Bueno. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PEIC – Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor. Disponível em: www.fecomercio.com.br. Acesso em: 15 de Julho de 2007.

PIAGET, Jean. *Seis Estudos de Psicologia*. Trad. Maria A.M. D'Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

ROSA, Miriam Debieux. *Histórias que não se contam: O não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*. Cabral Editora Universitária, Taubaté/SP. 2000.

SARTI, C. A. Família e Individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de.(org.). *A família contemporânea em debate*. 3.ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000.

SPECTOR, Paul E. *Psicologia nas organizações*. Tradutor Solange Aparecida Visconte; revisor técnico Maria José Tonelli. São Paulo: Saraiva, 2002.

STRAUSS, A.;CORBIN, J.*Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. California: Sage, 2 Edition, 1998

VAN RAAIJ, W. Fred. *História da Psicologia Econômica*. Tradução: Vera Rita de Mello Ferreira. Disponível: www.verarita.psc.br/portugues.php?id=fredvanraaij . Acesso em: 12 de Outubro de 2006

VILLELA, Ana Lúcia. Prefácio à edição Brasileira. In: LINN, Susan. *Crianças do consumo: a infância roubada*. Tradução: Cristina Tognelli. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

WATZLAWICK, P., BEAVIM.J e JACKSON,D. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1973.

WATZLAWICK,P., WEAKLAND, J.H. e FISH, R. *Mudança: princípios de formação e resolução de problemas*.Tradução: Jamir Martins. Cultrix: São Paulo, s/d.

WEBLEY, Paul e NYHUS, Ellen K. *Parent's influence on children's future orientation and saving*. Special Issue: Economic Socialization. Journal of Economics Psychology, vol.27, 140-164, 2006.

ZAGURY, Tânia. *Limites sem traumas*. 48ªed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI

ANEXO

Pais e Filhos: um estudo da educação
financeira em famílias na fase de
aquisição

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI

ANEXO

Pais e Filhos: um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

SÃO PAULO

2007

SUMÁRIO

VII - ANEXOS	04
Anexo I – Descrição do Perfil dos Participantes.....	05
Anexo II – Roteiro de Pautas para o Grupo Focal dos pais.....	07
Anexo III – Roteiro de Pautas para o Grupo Focal das crianças.....	09
Anexo IV – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	11
Anexo V – Consentimento Pós – Esclarecido.....	14
Anexo VI – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	16
Anexo VII – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	19
Anexo VIII – Grupo Focal de Criança de 7 a 8 anos.....	22
Anexo IX – Grupo Focal de Criança de 9 a 10 anos.....	30
Anexo X – Grupo Focal dos Pais.....	46

VII - ANEXOS

*ANEXO I – Descrição do Perfil
dos Participantes*

1 – Sexo:

- a) () Feminino b) () Masculino

2 – Número de filhos:

- a) () 1 c) () 3 d) () acima de 4 filhos
b) () 2 d) () 4

2.1 - Quais as idades deles? _____

Cidade em que mora: _____

4 – Idade: _____

5 - Nível de instrução do pai:

- a) () Ensino Fundamental completo e) () Formação técnica
b) () Ensino Fundamental incompleto f) () Ensino Superior completo
c) () Ensino Médio completo g) () Ensino Superior incompleto
d) () Ensino Médio incompleto

6 – Nível de instrução da mãe:

- a) () Ensino Fundamental completo e) () Formação técnica
b) () Ensino Fundamental incompleto f) () Ensino Superior completo
c) () Ensino Médio completo g) () Ensino Superior incompleto
d) () Ensino Médio incompleto

7 - Renda Familiar

- a) () de 1000 a 1.500
b) () de 1.500 à 3.000
c) () de 3.100 à 4.500
d) () de 4.600 à 6.100
e) () acima de 6.000

8- Esta renda é mantida por quem?

- a) () Somente pelo homem;
b) () Somente pela mulher;
c) () Pelo homem e complementado pela mulher;
d) () Pela mulher e complementado pelo homem;
e) () Por ambos igualmente;
f) () Complementado por parentes;
g) () Outros: _____

9- Tipo de Moradia:

- a) () alugada; c) () Cedida;
b) () própria; d) () Mora com parentes;

*ANEXO II – Roteiro de Pautas
para o Grupo Focal para os Pais*

1 Na opinião de vocês, como as crianças devem ser educadas para usar o dinheiro.

2 Que estratégias vocês consideram importantes para ensinar uma criança a lidar com o dinheiro

3 O que vocês consideram que as crianças devem e o que não devem aprender sobre o dinheiro

4 O que vocês, como pais, acham importante transmitir para os filhos em relação ao dinheiro?

5 O que diferencia na maneira de como vocês foram educados quando criança em relação ao dinheiro, e no modo como educam seus filhos atualmente

6 Que coisas vocês aprenderam com seus pais que hoje, transmitem para seus filhos

7 Nos dias de hoje, quais as dificuldades para ensinar as crianças a lidar com o dinheiro

8 Dentre todas as coisas que discutimos, o que vocês consideram mais importante

*ANEXO III – Roteiro de Pautas
para o Grupo Focal para as
crianças*

1- O que vocês fazem com o dinheiro que recebem dos seus pais? Caso negativo, E se você recebesse todo mês, o que você faria com o dinheiro?

2- Você acha que o dinheiro é importante na vida das pessoas? Por que?

3- Quem você acha da sua família que conversa sobre dinheiro com você? Se caso negativo, com quem da sua família você gostaria de conversar sobre dinheiro?

4- O que essa pessoa fala sobre dinheiro que você acha importante? Se caso negativo o 3: O que essa pessoa teria para falar com você e porque você escolheria esta pessoa para falar com você?

5- Você acha importante as famílias conversarem sobre dinheiro?

6- Você conversa com seus amigos sobre dinheiro?

7- Cada um vai fazer um desenho sobre o que acharam de mais importante sobre o que conversamos.

*ANEXO IV - Termo De
Consentimento Livre E
Esclarecido*

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Andreza Maria Neves Manfredini do **Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP**, como uma das atividades que compõem seu aprendizado na pós – graduação em Strictu Sensu (Mestrado) do Programa de Psicologia Clínica no Curso de Família e Comunidade, sendo orientada e supervisionada pela Prof^a. Dr^a.Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será **absolutamente sigilosa**, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa.

Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em qualquer dano a sua pessoa. Os danos previsíveis serão evitados, mas estarei atenta há qualquer possibilidade e necessidade de intervenção. A seguir, damos informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação que você desejar, poderá ser fornecida a qualquer momento, pela aluna-pesquisadora ou pela professora responsável.

TEMA DA PESQUISA: Pais e Filhos: um estudo sobre a educação financeira em famílias na fase de aquisição.

OBJETIVOS:

Geral: compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, localizadas no interior de São Paulo.

Específicos:

- 1- caracterizar o valor e o uso do dinheiro para pais e filhos na dinâmica familiar;
- 2- averiguar as repercussões positivas e negativas das práticas de educação financeira adotadas na visão dos pais e dos filhos;
- 3- compreender a questão da intergeracionalidade sobre a educação financeira dada na família de origem dos pais e como esta é refletida na educação que os pais fornecem a seus filhos atualmente;

4- identificar as principais dificuldades que a família enfrenta ao lidar com o dinheiro.

. **PROCEDIMENTO:** Reunir grupos focais de pais com filhos na faixa de 7 a 10 anos para discutir sobre o processo de como se realiza a educação financeira na família.

. **SUA PARTICIPAÇÃO:** fazer parte do grupo focal e permitir sua gravação.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para Agosto de 2007, um relatório final contendo os dados e conclusões estarão a disposição para consulta na biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri na PUC – SP, edifício Reitor Bandeira de Mello, térreo, Rua Monte Alegre, 984 – São Paulo, como também com a pesquisadora.

Você tem a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão dos seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo ao seu cuidado.

Agradeço imensamente a sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribuiu para a minha formação e para construção de um conhecimento atual nesta área de Psicologia.

Tremembé, _____ de 2007.

Andreza Maria Neves Manfredini

Psicóloga

C.R.P.: 06/74380

Tendo ciência das informações neste termo de Consentimento, eu

_____, portador do RG no.
_____, autorizo minha participação
nesta pesquisa.

Assinatura

*ANEXO V – Consentimento Pós –
Esclarecido*

Nós conversamos com a pesquisadora sobre o estudo, e foi-me dado uma cópia deste consentimento. Nós entendemos o que lemos ou o que ouvimos deste consentimento e todas a nossas perguntas foram respondidas. A nossa participação neste estudo é voluntária.

Local e data: _____
____/____/____

Assinatura dos participantes:

Pesquisadora que obteve o consentimento:

Nome: _____

Assinatura: _____

*ANEXO VI - Termo De
Consentimento Livre E
Esclarecido*

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Andreza Maria Neves Manfredini do **Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP**, como uma das atividades para seu aprendizado.

É importante dizer à você que, a sua participação será **em segredo**, seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo não aparecerá na minha pesquisa, portanto, ninguém vai saber que você participou. Uma outra coisa importante é que, a sua participação na pesquisa não irá acontecer nenhum problema na sua vida.

A seguir, damos informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação que você desejar, poderá ser fornecida a qualquer momento, pela aluna-pesquisadora ou pela professora responsável.

TEMA DA PESQUISA: Pais e Filhos: um estudo sobre a educação financeira em famílias na fase de aquisição.

OBJETIVOS:

Geral: compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, localizadas no interior de São Paulo.

Específicos:

- 1- caracterizar o valor e o uso do dinheiro para pais e filhos na dinâmica familiar;
- 2- averiguar as repercussões positivas e negativas das práticas de educação financeira adotadas na visão dos pais e dos filhos;
- 3- compreender a questão da intergeracionalidade sobre a educação financeira dada na família de origem dos pais e como esta é refletida na educação que os pais fornecem a seus filhos atualmente;
- 4- identificar as principais dificuldades que a família enfrenta ao lidar com o dinheiro.

. **PROCEDIMENTO:** Reunir grupos focais com crianças na faixa de 7 a 10 anos para discutir sobre o processo de como se realiza a educação financeira na família.

- **SUA PARTICIPAÇÃO:** fazer parte do grupo focal e permitir sua gravação.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para Agosto de 2007, você pode ter acesso aos resultados, podendo solicitar aos seus pais ou a pesquisadora.

Você tem a total liberdade para recusar sua participação, assim como você pode, tirar o seu consentimento não havendo qualquer punição.

Agradeço com muito carinho a sua participação, pois você ajudou muito em meus estudos.

Tremembé, _____ de 2007.

Andreza Maria Neves Manfredini

Psicóloga

C.R.P.: 06/74380

Tendo ciência das informações neste termo de Consentimento, eu

_____,
participo desta pesquisa por livre e espontânea vontade.

Assinatura da criança

*ANEXO VII - Termo De
Consentimento Livre E
Esclarecido*

Esta pesquisa está sendo realizada pela psicóloga Andreza Maria Neves Manfredini do **Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC - SP**, como uma das atividades que compõem seu aprendizado na pós – graduação em Strictu Sensu (Mestrado) do Programa de Psicologia Clínica no Curso de Família e Comunidade, sendo orientada e supervisionada pela Prof^a. Dr^a.Ceneide Maria de Oliveira Cervený.

Seguindo os preceitos éticos, informamos que sua participação será **absolutamente sigilosa**, não constando seu nome ou qualquer outro dado que possa identificá-lo no relatório final ou em qualquer publicação posterior sobre esta pesquisa.

Pela natureza da pesquisa, sua participação não acarretará em qualquer dano a sua pessoa. Os danos previsíveis serão evitados, mas estarei atenta há qualquer possibilidade e necessidade de intervenção. A seguir, damos informações gerais sobre esta pesquisa, reafirmando que qualquer outra informação que você desejar, poderá ser fornecida a qualquer momento, pela aluna-pesquisadora ou pela professora responsável.

TEMA DA PESQUISA: Pais e Filhos: um estudo sobre a educação financeira em famílias na fase de aquisição.

OBJETIVOS:

Geral: compreender como ocorre o processo de educação financeira dos filhos em famílias de classe média, na Fase de Aquisição, localizadas no interior de São Paulo.

Específicos:

- 1- caracterizar o valor e o uso do dinheiro para pais e filhos na dinâmica familiar;
- 2- averiguar as repercussões positivas e negativas das práticas de educação financeira adotadas na visão dos pais e dos filhos;
- 3- compreender a questão da intergeracionalidade sobre a educação financeira dada na família de origem dos pais e como esta é refletida na educação que os pais fornecem a seus filhos atualmente;

4- identificar as principais dificuldades que a família enfrenta ao lidar com o dinheiro.

- **PROCEDIMENTO:** Reunir grupos focais com crianças na faixa de 7 a 10 anos para discutir sobre o processo de como se realiza a educação financeira na família.

- **SUA PARTICIPAÇÃO:** fazer parte do grupo focal e permitir sua gravação.

Após a conclusão da pesquisa, prevista para Março de 2007, um relatório final contendo os dados e conclusões estarão a disposição para consulta na biblioteca Nadir Gouvêa Kfourri na PUC – SP, edifício Reitor Bandeira de Mello, térreo, Rua Monte Alegre, 984 – São Paulo, como também com a pesquisadora.

Você tem a total liberdade para recusar sua participação, assim como solicitar a exclusão dos seus dados, retirando seu consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo ao seu cuidado.

Agradeço imensamente a sua participação, enfatizando que a mesma em muito contribuiu para a minha formação e para construção de um conhecimento atual nesta área de Psicologia.

Tremembé, _____ de 2007.

Andreza Maria Neves Manfredini

Psicóloga C.R.P.: 06/74.380

Tendo ciência das informações neste termo de Consentimento, eu

_____, portador do RG no.
_____, pai ou mãe ou responsável
de, _____
autorizo meu (inha) filho (a) a participar desta pesquisa.

Assinatura do pai, mãe ou responsável

*ANEXO VIII - Grupo Focal de
Crianças de 7 a 8 anos*

Moderadora – então, é isso que eu estou estudando...como que os pais e como que os filhos usam o dinheiro, então é isso que a gente vai conversar aqui...é isso que eu vou querer saber de vocês, como você usam o dinheiro...e isso vai me ajudar muito...tudo que a gente vai falar aqui vai ser em segredo...não vamos falar pra ninguém o que vocês vão falar ta...tudo bem...

Cça B – igual eu faço...porque meu pai e minha mãe brigam muito e quando eu vou na psicóloga eu conto e ela não fala pra ninguém...

Moderadora – isso mesmo...a gente não vai contar pra ninguém ta...outra coisa, tudo que você falarem vai estar escrito...vai estar gravando...e a gravação serve pra gravar o que vocês vão falar aqui, que são coisa muito importante...tudo bem...não vai ter o nome de vocês na gravação ta...agradeço muito a vocês por terem vindo aqui ta...(explicando sobre o termo de consentimento e a forma de como responder as perguntas)...então a gente ta começando a fazer esse grupo pra falar de como as famílias usam o dinheiro ta, eu quero saber como os pais lidam com o dinheiro e como que os filhos usam também...então gente, não vai ter resposta errada nem certa, apenas aquilo que cada um aprendeu com sua família...vão ter opiniões diferentes ta, e a gente tem que respeitar ta bom – bom, vamos começar nosso grupo... quem recebe dinheiro dos pais?...então eu vou fazer uma pergunta para os que recebem e depois vou fazer uma outra pergunta para os que não recebem ta bom- então, a primeira pergunta é para quem recebe dinheiro dos pais...pra quem recebe, o que vocês fazem com o dinheiro que vocês recebem?

Cça A – eu gasto com material escolar que eu compro ou com brinquedo...mas eu compro brinquedo muito de vez em quando, mas eu gasto mais dinheiro com material escolar, lápis, estojo...o brinquedo, eu tenho estante de brinquedo, não tem porque ficar comprando...é com isso que eu gasto dinheiro...

Moderadora – e você, o que você faz com o dinheiro que você recebe?

Cça B – ah, eu gasto um pouco e fico com um pouco...

Moderadora – e você Cça C, também recebe?

Cça C – de vez em quando...

Moderadora – e o que você faz com o dinheiro que você recebe?

Cça C – eu compro brinquedo...te vez que eu compro coisa pra mim comer...

Moderadora – o que mais que você faz?

Cça C – só...

Moderadora – e você?

Cça D – eu compro brinquedo e quando sobra mais um pouco eu vou no açai mania com meus amigos...

Moderadora – e você, o que você faz com o seu dinheiro?

Cça E – guardo...

Moderadora - tudo que você recebe você guarda? E o que que você gasta?

Cça E – nada, as vezes nada...

Cça F – eu gasto um pouco e guardo um pouco...

Cça A – só que tem uma coisa, pra eu ganhar dinheiro, não é todo dia...minha mãe faz uma tabela, que é a tabela do comportamento, daí, cada coisa boa que a gente faz no dia...ajuda a lavar louça, arrumar o quarto que a gente bagunça...daí no final do dia a gente ganha um coração brilhante, ai ela pega e desenha num papel, daí no final do mês, se a gente conseguir 30 corações, ai a gente ganha uma estrela e ela da R\$10,00 pra cada um...

Moderadora– todo mundo já falou...então ta, agora é pra aqueles que não recebem dinheiro dos pais...e se vocês recebessem dinheiro todo mês, o que vocês fariam com o dinheiro?

Cça X – eu guardava...

Moderadora – só guardava?

Cça X – é...

Cça B – eu recebo dinheiro, só que é do meu vô...

Moderadora – ah ta, você recebe dinheiro do seu vô...e o que você faz com o dinheiro do seu vô?

Cça B – ah, agora a minha mãe vai colocar na poupança...

Moderadora – e você aceitou?

Cça B – sim...

Moderadora – por que você aceitou?

Cça B – ah, aceitei, porque eu quero comprar uma tartaruga...

Moderadora - e vocês duas, vamos imaginar...se vocês recebessem dinheiro dos pais de vocês, o que vocês faziam com o dinheiro?

Menina A – eu gastava um pouco e guardava o resto...

Menina B – eu só guardava...

Moderadora – por que você só guardava?

Menina B – porque eu ia ter mais...

Cça B – sabe o que meu avô faz...ele...ou minha mãe, ela fica...de vez em quando, eu tomo banho só que eu não lavo o rosto...sabe o que é cravo?...dai fica no meu rosto, daí ela fica tirando e cada um que ela tira ela me da R\$1,00...e quando cai dente permanente, ela me da R\$1,00 e meu vô me da R\$50,00...

Moderadora – então vamos lá, segunda pergunta...você acham que o dinheiro é importante na vida das pessoas?

Todos – sim – eu não acho...

Moderadora – agora a turma do sim vai falar porque que acha que o dinheiro é importante na vida das pessoas...

Menina A – os grande né...eles economizam pra comprar umas coisas economizam pra comprar coisas pra eles...

Moderadora – que mais?

Cça D – é...pra alimentar os filhos, pra comprar coisas pra eles e também pros filhos que precisam...

Menina B – pra comprar uma casa pra não ficar na rua...

Moderadora - quem mais, quem ainda não falou e pode falar?...por que vocês acham que o dinheiro é importante na vida das pessoas?

Menina A – eu também acho que é pra comprar comida...a mesma coisa que ele falou...

Moderadora – e você, o que você acha?...acha a mesma coisa?

Cça C – acho a mesma coisa que eles falaram...

Moderadora – e o que eles falaram mesmo?

Cça C – comprar comida pra comer...

Menina B – pra compra comida e roupa pra gente e sapato pra gente...

Moderadora – alguém que falar mais alguma coisa porque o dinheiro é importante?...então ta, então agora ele vai falar porque ele acha que o dinheiro não é importante...

Cça F – eu acho importante pra comprar comida, objeto útil...mas eu acho que o dinheiro, de vez em quando, ele causa briga...quando você corta uma floresta pra fazer papel, eles fazem isso por causa do dinheiro, por isso eu não acho o dinheiro bom...

Moderadora – então ta, agora uma outra pergunta...quem vocês acham que da família de vocês conversam sobre o dinheiro com vocês?

Cça A – minha mãe...

Cça C – minha mãe...

Cça D – minha e meu pai...

Menina A – minha mãe...

Cça B – de vez em quando o meu pai...

Moderadora – o que essa pessoa fala sobre o dinheiro e que vocês acham importante?

Todos – não entendi...

Moderadora – o que essa pessoa que vocês falaram, fala sobre dinheiro e que vocês acham importante?

Cça A – a minha mãe fica falando do dinheiro, porque quando ela não consegue trabalhar, ela fica nervosa porque não consegue dinheiro pra ela poder pagar o curso dela...dai, ou também que eu acho importante é que ela usa o dinheiro dela pra pagar a chácara onde eu moro...o meu pai, ele fala de dinheiro e fica reclamando que ele trabalha e não ganha dinheiro...

Cça B – a minha mãe fica falando de dinheiro que é pra gente deixar na poupança e agora a gente deixa...e o meu pai, é porque ele também não ganha dinheiro suficiente...

Moderadora – então vamos lá, você, o que você acha que essa pessoa que fala sobre dinheiro com você é importante?

Cça X – que é pra guardar...

Moderadora – o que ela fala pra você que é importante?

Cça x – que é pra guardar pra ter bastante dinheiro no futuro...

Cça D – o meu pai fala que se eu quero ficar rico quando eu crescer, ai eu falo que quero, ai ele fala que sempre quando eu ganhar dinheiro é pra guardar um pouquinho...

Moderadora – que tem que guardar...

Cça D – é, que tem que colocar no banco...

Cça B – o meu vô, ele tem mais de 2 mil reais, porque ele trabalhava desde os 9 anos de idade...ele ta trabalhando ate agora...ta com 62...é ele que paga a escola, paga o trabalho da minha mãe, paga a chácara, ele que fez a chácara com o dinheiro dele é ele que paga a escola da minha mãe e ele também paga os lugares importantes onde o meu pai vai...é ele que paga com o dinheiro dele...

Moderadora – e vocês, o que as pessoas que falam com vocês...o que é importante sobre o dinheiro?

Menina B – quando eu gasto muito meu fala pra mim guardar...

Moderadora – e você, você lembra o que seu pai fala, sua mãe?

Cça C – não sei...

Moderadora - Alguém quer falar mais alguma coisa?

Cça A – eu...um dia né, eu viajei pra Ubatuba, nas férias, em janeiro, daí eu fui lá em laranjeiras, uma praia, e ai naquela praia, quando a gente tava voltando... e ai

tinha uma família milionária, com quatro helicópteros, vários carrinhos desses de kart e eles ficavam andando pelo, porque eles tinham até um parque, tinha campo de golfe, avião, prédio...e elas tinham uma kombi e elas pagavam pra gente não pisar no condomínio...

Moderadora – e o que você acha disso?

Cça A – eu?...eu acho uma bobeira...porque...porque elas, o dinheiro, foi bom que elas gastaram o dinheiro, mas o que eu não gostei foi disso, de não pisar no condomínio, no chão...no chão da casa dela, no chão do parque...ela paga pra gente não pisar...

Acompanhante A – então é assim, o que eu entendi que vocês falaram até agora, é que o dinheiro é importante pra ter um lugar pra morar e pra comprar coisas que vocês precisam...e que os pais de vocês, os avós, os parentes de vocês, sempre falam pra guardar um pouquinho, porque quem guarda sem tem...vocês concordam com isso?

Todos – sim...

Acompanhante A – e vocês conseguem fazer isso?...guardar dinheiro?

Todos – sim...

Moderadora – seis levantaram a mão...

Acompanhante A – então vocês me disseram que é importante mas que também é difícil...

Cça B – eu já guardo uns R\$5,00...gasto R\$5,00 e guardo R\$5,00 da mesada que eu ganho...eu guardo tanto o dinheiro da minha mesada que eu já tenho R\$50,00...um dia eu tava andando perto da minha casa e vi na rua um cheque de mil reais...se eu fosse um menino que não taria interessado em quem perdeu, eu ia levar pra casa e ficar com ele...mas não, eu levei pra casa e fiquei procurando dois dias a pessoa que perdeu o dinheiro...ai um dia eu tava passando na rua de casa e ouvi uma conversa por telefone e era da mulher desse lado da rua conversando com a outra mulher sobre o cheque...dai eu toquei a campainha da mulher e vi que era uma amiga da minha mãe, daí eu falei assim: você perdeu um cheque de mil reais?...ai ela falou que perdeu e eu devolvi pra ela...

Moderadora – por que que você fez isso?

Cça B – porque eu fiz isso?...porque eu não gosto de pegar pra mim, porque eu sempre fico preocupado com quem perdeu né...não fico preocupado pelo dinheiro...dai eu sempre procuro a pessoa e se eu não achar depois de um mês, ai eu pego pra mim...

Menina A – uma vez eu fui com a minha irmã na padaria do lado e encontrei uma nota de R\$2,00, ai quando eu tava saindo eu vi a nota e falei: pega ai...e ela falou: não, vamos pra casa...ai quando a minha mãe foi falar com a minha irmã, ela falou: se você achar um baú de R\$10 mil você não vai pegar?...ai ela disse que não, que não era dela...

Moderadora – e o que você acha disso?

Menina A – eu acho esquisitona a minha irmã...

Moderadora – por que?

Menina A – eu acho uma coisa muito seria...

Menina B – eu acho que tem que guardar dinheiro pra economizar e comprar uma casa...comprar um carro...essas coisas...um dia, na casa da minha avó eu achei uma moeda e perguntei pra ela se tinha sido ela, ai ela falou que não, ai minha mãe chegou e perguntou se eu tinha visto uma moeda de R\$0,50, ai eu falei assim: é essa aqui, ai ela falou que era, senão eu ia ficar pra mim...porque eu não sabia que era dela...

Moderadora – ta bom...então vamos passar pra próxima...vocês acham importante as famílias conversarem sobre dinheiro?

Menina A – eu acho...

Moderadora – por que?

Menina A – porque ai eles conversam e podem comprar mais coisas...

Menina B – eu não acho...

Moderadora – você não acha por que?

Cça E – ah, não sei porque...

Moderadora – mas porque você pensa assim?

Cça E – porque senão o pai e a mãe ficam conversando...

Moderadora – e não dão atenção pra você?

Cça E – é...

Cça B – porque eu acho importante a família conversar sobre dinheiro, porque assim elas combinam de gastar o dinheiro com alguma coisa...

Moderadora – e vocês, vocês acham importante as famílias conversarem sobre dinheiro?

Cça F – eu não acho porque ficam conversando, conversando...e não adianta nada...

Moderadora – o que que não adianta nada?

Cça F – ah, ficar conversando...não adianta nada ficar conversando sobre o dinheiro...

Moderadora – mas por que que você acha que não adianta nada?

Cça F – ah, porque sim...

Cça A – um dia meu pai tava conversando tanto sobre dinheiro, que um dia, de noite, eu e minhas irmãs e meu irmão, nem eu nem elas conseguia dormi...porque eles tavam falando tão alto, discutindo tão alto no quarto dele por causa de dinheiro que a gente não conseguia nem dormir...

Cça D – eu acho importante por ai, vai, junta o dinheiro dos dois e compra um carro, uma casa, um terreno...

Cça C – ah, porque eles não dão atenção pra gente, e a gente fica chamando, chamando e eles não vem...

Acompanhante A – e se eles chamassem você pra conversar sobre isso, você acharia legal?

Cça C – não...

Acompanhante A – não...você não acha importante falar sobre isso?

Cça C – não...

Acompanhante A – ta me dando uma impressão Andreza, que conversar sobre dinheiro é uma coisa de adulto

Todos – não...

Moderadora - ou então o dinheiro acaba atrapalhando...conversar sobre dinheiro acaba atrapalhando a vida de vocês?

Cça C – as vezes...

Moderadora – por que as vezes?

Cça C – ah, porque as vezes a gente fica falando com eles e eles nem falam...

Cça B – eles não dão bola pra gente...

Moderadora – então, tem uns que acham que é importante a família falar sobre o dinheiro, e tem outros que parece que não acham importante e tem outros que acham que os pais não da atenção pros filhos, é isso?

Todos – é...

Cça C - algumas pessoas não gosta que conversa, mas gosta do dinheiro que ganha...

Moderadora – o que os pais ficam falando, falando e que você não acha legal?

Cça C – não sei...

Moderadora – o que os pais falam que vocês não gostam?

Cça B – eu não gosto quando eles falam sobre dinheiro, porque de vez em quando eles falam que vão pegar o meu dinheiro...porque no meu cofrinho tem jeito de você segurar no buraquinho que põe a moeda e abrir eles, pegar todas as moedas...daí um dia eu tava cheio de moedinhas e daí eu abri o porquinho num outro dia e só tinha umas moedinhas...já tinha R\$73,00

Moderadora – e você sabia que eles é que tinham pego?

Cça B – sim, depois eu fiz eles pagarem tudo que tinham pegado...

Moderadora – e como que você sentiu quando seus pais pagaram?

Cça B – ah, eu não gostei, porque os R\$73,00 eu tava esperando, faltava R\$4,00 pra eu conseguir comprar uma pista da “Rot Wils”...daí na hora que eu vi que meu dinheiro tinha acabado e não dava pra comprar, aí eu fiquei doido, aí eu comecei a falar: quem pegou meu dinheiro?...e aí meu pai começou a falar que era eles aí eu falei que eles iam devolver tudo que tinham pegado...

Moderadora – mais alguém quer falar?

Todos – não...

Moderadora – você conversam com seus amigos sobre dinheiro?...levanta a mãe quem conversa...só 2 conversam sobre dinheiro...o que que você conversa?

Menina A – assim, toda vez eles começam assim: você ganha mesada do seu pai?...aí eu falo que não, aí eles chegam na outra menina e fala que ganha, fica falando, falando as coisas...entendeu, só isso...

Cça A – eu converso com eles assim, se eles ganham mesada...e também converso o que eles fazem com o dinheiro...o que compra com o dinheiro que ganhou...a gente conversa e daí depois que a gente conversa, eu pergunto pra ele se ele leva o dinheiro pra escola...coisa assim...

Menina A – uma vez um menino levou todo dinheiro na escola, levou a carteira com R\$50,00...aí eu contei pra professora e a professora quase tomou dele...

Cça C – eu nunca mais levo dinheiro na escola há anos, porque lá um dia, eu levei dinheiro e toda escola veio pra cima de mim pedindo uma moeda e eu falei que não ia dar não...porque eu tinha levado pra pagar a cantina, eu tinha uma nota de R\$50,00 aí todo mundo veio pulando em cima de mim...eu não tinha troco, por isso levei uma nota de R\$50,00 no bolso...

Moderadora – e vocês que não gostam de conversar sobre dinheiro?

Cça E – ah, eu não acho interessante...

Cça B – ah, meu pai fala que não é bom falar sobre dinheiro...

Moderadora – com quem que é bom conversar sobre dinheiro?

Menina B – com os pais, com as tias...

Cça F – com meu pai e com minha mãe...

Cça D – com gente da família só...

Menina B – é, porque com gente estranha ai rouba a gente...

Moderadora – vocês tem mais alguma coisa pra falar?...não?...então ta, a nossa conversa foi essa...agora eu vou escrever aqui pra vocês...vocês devem desenhar ou escrever o que vocês acharam que foi mais importante que a gente conversou aqui...depois que vocês desenharem a gente vai mostrar aqui pro grupo ta bom...

*ANEXO IX – Grupo Focal de
Crianças de 9 a 10 anos*

- **Cç 1 – M. 9 anos - menina**
- **Cç 2 – N. 10 anos - menina**
- **Cç 3 – M. 10 anos - menina**
- **Cç 4 – J. 10 anos - menino**
- **Cç 5 – I. 10 anos - menino**
- **Cçs - todos**
- **A – Moderador**
- **X – Assistente de pesquisa**

A – meu nome é Andreza para alguns que eu não conheço...é, eu sou psicóloga e eu to estudando como que as crianças lidam com o dinheiro e como que os pais ensinam as crianças a lidar com o dinheiro...

Cç 2 – minha mãe é mãos de vaca...

A – e aí eu tive um encontro com os pais, do jeito que eu to reunindo aqui com vocês, eu também chamei alguns pais pra gente sentar e vamos conversar...eu perguntei como que eles ensinam vocês a lidar com o dinheiro né, os filhos, aí eles me falaram...e aí eu reuni também as crianças de 7 a 8 anos e crianças de 9 à 10 anos...vocês todos tem 9 ou 10 anos não tem?...

Cç 3 – eu vou fazer 11...

A – e você, tem...tem 10 né, vai fazer 11...então aí, o que que acontece, eu quero saber o que as crianças de 9 e 10 anos pensam sobre o dinheiro e como vocês lidam com o dinheiro, certo...isso porque eu tô estudando isso e é muito difícil de eu saber, encontrar em livros o que que as crianças de 9 e 10 anos fazem como o dinheiro né...e como é difícil achar um livro que fale sobre isso, eu tenho que perguntar para crianças de 9 e 10 anos, como que elas lidam com o dinheiro...por isso a gente que a gente tá...vai se reunir hoje aqui para eu ter essa conversinha com vocês, e essa conversa vá durar 1 hora, 1 hora e ½...eu não pretendo passar de 1 hora e ½, mas a gente atrasou um pouco né, porque fui buscar as meninas, são 18hs30, mas acho que até 20hs00 a gente já terminou ta bem...e assim, ela é X, ela também é psicóloga e ela vai me ajudar aqui a entender como vocês lidam com o dinheiro, então algumas vezes ela vai escrever...ela vai só olhar a gente conversar...ela vai escrever algumas coisas, mas que depois é pra eu poder lembrar, e como essa conversa que a gente vai ter é muito importante pra mim, porque eu tô estudando isso e eu preciso saber como que as crianças que são vocês de 9 e 10 anos, lidam com o dinheiro, então vocês vão falar coisas pra mim muito importantes, que eu acho que vai ser muito importante né, e eu não posso perder uma palavrinha de vocês e pra eu não perder nenhuma palavrinha de vocês, eu preciso gravar e filmar, certo?...então vocês autorizam eu gravar e filmar?

Ccs – sim...

A - então, essa gravação, tudo que vai ser, ninguém vai ver, só eu...e não vai ter o nome de vocês pra todo mundo saber – (distribuindo papel e caneta) - aí ta escrito...vou ler junto com vocês...ta escrito assim...tô explicando que eu sou psicóloga e que eu to estudando, o que é minha escola que é em São Paulo, e aí, é importante dizer pra vocês que a participação de vocês será em segredo, então assim, eu e a X não vamos contar pra ninguém o que vocês vão contar pra gente tá, como vai ser gravado né, e eu também não vou colocar o nome verdadeiro de vocês ta, posso inventar um outro nome...eu não vou contar pra ninguém que foi cça 1 ou cça 2...depois, tem um outra coisa que é importante, é que a sua antecipação nesse grupo não vai acarretar nenhum problema na vida de vocês ta bom, vocês não vão sair daqui com problemas...ninguém vai ter problemas aqui ta bom – a seguir eu vou dar

algumas informações do que tô estudando...é pais e filhos tá, um estudo sobre a educação financeira na família ta...aqui ta o que eu vou estudar, eu tenho que reunir um grupo de meninos e meninas com a idade de vocês, depois que eu terminar esse trabalho, você podem pedir pra mim que eu dou pra vocês lerem, pra vocês saberem o que eu fiz, o que vocês me ajudaram entender...e vocês tem a total liberdade de recusar a participação de vocês tá, é livre e espontânea a participação de vocês, ninguém ta obrigando vocês a virem aqui tá, e por último, eu agradeço muito a participação de vocês porque vocês vão me ajudar muito na pesquisa, nesse meu trabalho, então, vocês concordam com isso tudo?

Cç2 – eu concordo...

Cçs – concordamos...

A – então pode assinar ai embaixo...cada um fala o nome e a idade tá – então, é o seguinte, como eu tenho a dizer, cada grupo tem uma regra né, esse grupo também tem uma regra, primeiro, tudo que a gente falar aqui, como eu já falei, eu e a X não vamos falar pra ninguém, o que a gente ta conversando tá bom, em segundo lugar, quando eu fizer 6 ou 7 perguntas pra vocês, vocês vão ter que me responder essas perguntas ta, e cada resposta vai ser diferente uma da outra...eu entendo que cada um tem uma história de vida, uma maneira de ver as coisas, de compreender o mundo, então, vão ter respostas diferentes, daí cada um vai ter que respeitar as respostas do outro, não pode dar risada, risadinha...não pode ter esse tipo de coisa, porque a gente tem que respeitar a opinião do outro, o jeito que o outro faz né...não pode fazer gracinha, brincadeira e ao existe resposta certa e errada, existe a que cada um vice né, cada um compreende o mundo de uma forma, então vai dar uma resposta diferente, não tem nada certo e errado, o que pode ser certo pra mim, pode ser errado pra você, então a gente, então a gente não vai tá discutindo isso, eu simplesmente quero que tenha respostas diferentes, eu tô atenta a isso né...se tiver respostas diferentes, vamos entender essas respostas tá...outra coisa, como a gente ta gravando e só tem a gravação e como eu falei assim, que o lanche daqui a pouco eu vou tirar, porque faz barulho na hora de comer e na hora de gravar eu não consigo escutar direito o que cada um falou certo, então eu preciso do máximo silêncio pra quando eu for escutar o que vocês falaram na hora de gravar, que eu escute certinho, entendeu...outra coisa, vocês não podem falar quando um estiver falando tá, se vocês quiserem falar, ergam a mão que eu já sei que vocês querem falar ta bom, porque não da pra falar todo mundo junto, senão atrapalha a gravação, depois quando eu for escutar eu não consigo entende ro que vocês vão falar né, então é muito importante pra mim o que cada um de vocês vai dizer e eu não vou conseguir entender, então se todo mundo falar a mesma coisa...então eu acho que até as 20hs00 a gente já terminou e eu conto com a ajuda de vocês ta bom...X, você tem alguma coisa mais que eu não falei?

X – acho que é isso mesmo, não faltou nada não...

A – então tá bom...eu também vou tá escrevendo alguma coisa, mas é só pra lembrar depois o que a gente falou, tudo bem...agora vou tirar o lanche, vocês querem mais um pouquinho?...quando a gente terminar o grupo eu já dou pra vocês comerem tá...bom, eu vou começar e se alguém não entender a pergunta, levanta a mão, ai vocês falam o que tem duvida pra eu repetir de novo e eu repito até vocês entenderem ta...agora, erga a mão primeiro quem de vocês recebe a mesada dos pais?...quem recebe?

Cç2 – (levanta a mão)...

A – tá...vocês 4 não?...tá, então eu vou fazer uma pergunta pra Cç2 e depois eu vou fazer uma outra pergunta pra vocês...cç2, o que vocês faz com o dinheiro que recebe dos seus pais?

Cç2 – eu guardo no meu cofrinho...

A – só isso?

Cç2 – eu guardo no cofrinho e depois quando ele ta cheio eu gasto no 1,99

A – tem mais alguma coisa que você faz com esse dinheiro?

Cç2 – não...

A – não...agora pra quem não recebe mesada...se vocês recebessem todo mês uma mesada, o que vocês fariam?...o que vocês fariam com o dinheiro?

Cçs – guardava...

Cç5 – eu guardava e colocava na poupança...

A – você guardava Cç4?

Cç4 – guardava...

A - por que vocês guardavam?...o Cç5 disse que guardava na poupança...

Cç5 – pra quando eu crescer, eu tivesse dinheiro na poupança...

Cç4 – eu guardava na poupança pra quando eu crescer ter dinheiro pra faculdade...

Cç3 – eu guardaria dinheiro, pra mim guardar e pra quando eu tiver bastante dinheiro, quando minha tia me convidar pra sair, dei eu tenho dinheiro e não preciso pedir pro meu pai...

Cç1 – guardaria na poupança...

A – e por que você guardaria na poupança?

Cç1 – quando eu for fazer faculdade daí eu vou ter dinheiro...

A – tem mais alguma coisa fora essas que vocês falaram, que vocês fariam com o dinheiro?

Cç2- sei lá, quando minha irmã pedisse, daí eu emprestaria pra ela...

Cçs – ah!...eu também...

A – emprestaria pra quem?...só pra irmã?...

Cç4 – emprestaria pra minha família, pro meu pai...

Cç5 – eu também, pra minha mãe...

A – todo mundo concorda de emprestar dinheiro pra família?

Cçs – sim...

A – então ta, então vocês dizem...vocês falaram...eu entendi que o que vocês fazem com o dinheiro é, ou guarda tudo e gasta, e depois guarda na poupança pra usar futuramente ou pra usar quando precisar né...nos dias de hoje e quando tiver...também dinheiro, assim, vocês podem ter emprestado pra família...só pra família né, que vocês emprestam?

Cç4 – não, pra algum amigo também...

A – pra um amigo também...então, isso que eu falei vocês concordam?

Cç5 – sim...

A – tem mais alguma coisa?

Cç2 – eu não...

Cç3 – eu também não...

A – tem mais alguma coisa Cç5 pra falar?

Cç5 – Ah, por exemplo, assim...se a gente, por exemplo, se a gente tivesse chupando sorvete, daí tivesse um amigo, por exemplo, tivesse um grupo que nem aquele, daí tivesse um amigo...é que nem ela, eu não conheço, e que nem tivesse dinheiro, daí eu emprestava pra ela...

A – e você Cç4, tem mais alguma coisa pra falar?

Cç4 – pra mim também, se eu tivesse chupando sorvete e passava um menininho com vontade, eu ia dar dinheiro pra comprar outro pra ele...

A - então, além de guardar o dinheiro na poupança ou gastar tudo, vocês também emprestariam dinheiro pra um amigo né, um amigo ou uma pessoa desconhecida...

Cç4 – um necessitado...

A – Ah ta...uma pessoa carente, emprestaria ou dava?

Cç4 – dava...

Cç3 – dava...

A – mas essa quantia de dar é muito grande...ou quanto que vocês dão?

Cç2 – cinco...

A – R\$5,00 para uma criança desconhecida...

Cç2 – é, cinco...

Cç5 – três...

A – Dez...

Cç5 – três...de três a cinco...

A – três ou cinco, nem mais, nem menos...

Cç4 – de R\$15,00 a quatro...

A – então ta...então vocês...deixa eu só fechar a ultima vez...então vocês, ou guardariam tudo na poupança ou guardava...guarda o dinheiro no cofre e depois gasta tudo...ou dão, emprestam dinheiro pra família ou pro amigo, ou ajuda dando uma...dando um dinheiro pra uma pessoa desconhecida...então ta – numero dois: vocês acham que o dinheiro é importante na vida das pessoas?

Cç2 – é, ué...

A – e vocês, acham que o dinheiro é importante?

Cç4 – é...de uma certa forma é, de uma certa forma não é...

Cç2 – porque senão você não vai ter dinheiro pra comprar comida, nem roupa...

A – por que vocês acham que o dinheiro é tão importante assim?

Cç5 – ah...porque se não tivesse o dinheiro assim, certas coisas a gente não ode, é...ficar mostrando que a gente tem dinheiro...

Cç4 – fica ganancioso...

Cç5 – é...fica se achando todo bonzão, só que daí por exemplo assim, só que a gente tem dinheiro, a gente ta lá num esporte, e ai, pensando que é bonzão, daí um menino que não é, que não é bem de situação, vai lá e ganha nosso ué...

Cç4 – porque dinheiro não compra felicidade...

Cç5 – é...

A – e vocês o que é que vocês acham?...vocês acham que o dinheiro é importante?...vocês concordam com o que eles falaram?

Cç3 – eu concordo...

Cç5 – fala o que eu falei ué...

Cç2 – porque eu não concordei...

A – você não concordou com ele?

Cç2 – eu não...

A – por que?

Cç2 – porque senão, se você não tem dinheiro, como você vai comprar comida pra você sobreviver, roupa no inverno você não vai ter, daí você não vai sobreviver...

Cç4 – daí você vai no bom prato lá, 1 real a comida..

A – e ai o que mais...porque o dinheiro é importante?...vamos falar porque o dinheiro é importante?

Cç4- eu acho que não é...

Cç5 – de uma certa forma...

Cç4 – é, de uma certa forma é, de outra não...

Cç5 – é, porque senão a gente não vai ter dinheiro pra se vestir, pra se alimentar, pra comprar os remédios...

A – e isso é importante?

Cç5 – é...

Cç4 – se a gente tiver dinheiro a gente não vai ganhar a felicidade, vai se normal...

A – até um ponto o dinheiro vai ser importante, depois não é mais...e até que ponto o dinheiro vai ser importante?

Cç5 – é pra pagar os remédios, pra gente vestir, comer, ser rico...é dinheiro pra essas coisas...

Cç2 – é o dinheiro pra gente se sustentar, comprar tudo o que a gente puder...

A – em que e quando que o dinheiro não é importante?

Cç2 – fala você çç4, você que é o especialista...

Cç5 – pra mim por causa da ganância, se você tiver com bastante dinheiro, vai acontecer o que eu falei, porque ele vai se achar o bonzão só porque tem dinheiro e acaba perdendo, no bar, por exemplo, assim...a gente tem um monte de dinheiro, daí a gente vai chega no bar, compra uma cerveja, ai, compra outra, compra outra, compra outra, vai comprando só porque tem dinheiro...

Cç4 – e o jogo, joga só porque tem muito dinheiro, vai lá achando que ganha mais, porque, só porque tem o dinheiro, acha que tem sorte, vai lá e perde tudo...

A – e vocês?...vocês acham que o dinheiro é importante na vida das?

Cç3 – ah, que nem ele falou ai né...por um lado tem o que precisa, o outro, tem o lado que não precisa do dinheiro...

A – que lado vocês acham que o dinheiro é importante?

Cç3 – pra...comida...

A – e que lado você acha que o dinheiro não é?...no que mais vocês acham que o dinheiro não é importante?...como ela falou, ou vocês não acham isso?

Cç1 – eu acho...

A – você concorda com o que eles falaram?

Cç2 – concordo...

A – então vocês falaram assim, que o dinheiro é importante na vida das pessoas pra sobrevivência, pra comer, pra comprar remédio, roupa né...

Cç4 – ter uma casa...

Cç5 – pagar a faculdade, os estudos...

Cç2 – ter carro...ter carro né...

Cç4 – mas não precisa ter carro, existe ônibus pra que?

Cç5 – ônibus, o pé, a perna, a bicicleta...

A – e por um outro lado vocês acham que o dinheiro não é tão importante na vida das pessoas porque traz a ganância, porque não compra a felicidade...é isso?

Cç5 – não compra a vida...

Cç2 – não compra amigos...

A – quem mais tem alguma coisa que a gente não falou sobre isso?...alguém quer falar?

Cç5 – não, porque assim, quando a pessoa ta no hospital, ela ta precisando de um rim, daí, tem pessoas que podem passar um fígado pra outra, daí, por exemplo o rico...

Cç4 – o rico vai conseguir comprar o rim de outra pessoa...

Cç5 – daí...se por exemplo, o rico vai falar: não, deixa ela lá, deixa que morra...daí, vai uma pessoa melhor do que o rico e daí...

Cç4 – o rico fica doente e daí precisa...

Cç5 – é, o rico precisa de um rim, de um fígado, daí os outros não vão dar, no atropelamento...vão fazer que nem ele...

Cç2 – eu concordo porque senão, vai que você esta precisando de uma ajuda, uma pessoa precisando de uma ajuda né, e você não ajuda ela, você é ganancioso, daí quando você precisar de ajuda, ninguém vai te ajudar...

Cç5 – é...certas pessoas né...porque quando a pessoa é muito boa e carinhosa, ela até da pro rico, se ela for muito boa, mas se a pessoa ficar com raiva dele e não dar...tem pessoas que até da, que oferece ajuda...

A – alguém mais tem alguma coisa a dizer?...não?...

Cçs – não...

A – a terceira pergunta: quem vocês acham da sua família que conversa sobre dinheiro com vocês?

Cç5 – meu pai, minha mãe e meu irmão...

Cç2 – meu pai...

A – no seu caso é só seu pai?

Cç2 – é, porque meu pai conta dinheiro...

Cç1 – mau pai e minha mãe...

Cç3 – meu pai...

Cç4 – meu pai e minha mãe...quando eles tão...é separando dinheiro pra pagar conta, daí eles vai lá e conversam comigo...

Cç2 – quando meu pai ta contando dinheiro, daí ela me chama, daí eu conto junto com ele...

A – e você, seu pai, sua mãe e seu irmão?

Cç5 – é...

A – o que essa pessoa fala sobre o dinheiro que você acha importante?

Cç4 – que a gente tem que saber gastar, saber usar o dinheiro, porque a gente vai usando, usando e chaga uma certa hora que não tem mais...

Cç5 – por exemplo, chega numa padaria com R\$10,00 e compra tudo de bala, daí isso não é saber usar o dinheiro, tem que ver se tiver sobrando...compra 10 centavos, 15 centavos de bala, mas não compra tudo que tem, compra um alimento melhor, ou então compra um alimento pra pessoa necessitada no lugar de comprar bobeira...

A – você ergueu o dedo, pode falar...

Cç2 – você precisa ter tolerância com o dinheiro, porque se você gastar tudo, depois quando precisar não vai ter mais, você já gastou nas coisas que você não precisa...

A – é isso que você escuta te falarem que vai acontecer...

Cç4 – meu pai fala que a gente tem que gastar um tanto de dinheiro, a gente já tem que separar o dinheiro certo pra pagar o conta, essas coisas...

A – você, pode falar...

Cç5 – eu a mesma coisa que ele...por exemplo, quando a gente crescer, se a gente tiver um dinheiro assim, por exemplo, se tiver mil reais, e um ingresso de um show custar mil reais, você não pode porque senão com é que vai pagar as contas, as coisas...

A – e vocês, o que é que acham?...o que essa pessoa fala com vocês sobre dinheiro que vocês acham importante?...tem alguma coisa que ela fala com você sobre dinheiro?

Cç1 – ela fala pra eu não gastar com bobeira...

A – e a mãe de vocês? ...o pai, vocês falaram a mãe e o pai, o que o pai fala?...

Cç1 – o pai também fala...

A – também fala pra não gastar com bobeira?...e o que é bobeira?

Cç1 – bala, chiclete, pirulito, chocolate...

Cç2 – tudo que não sustente...

Cç4 – tudo que a gente não precisa...

A – tem mais alguma coisa que essa pessoa fale sobre dinheiro que vocês achem importantes?...tem mais alguma coisa?...

Cç5 – meu pai fala pra mim guardar pra quando eu crescer, eu tiver um dinheiro eu começar a fazer alguma coisa, dar início a alguma coisa pra mim ser alguma coisa na vida, daí eu sempre to guardando dinheiro...

A – mais alguma coisa?...ta, então vocês falaram que o pai e a mãe conversam com vocês sobre dinheiro, não é?...e o irmão também...e vocês disseram que essas pessoas que falam com vocês sobre dinheiro, falam pra guardar...uns falam pra guardar o dinheiro pra ser alguma coisa quando forem adultos, outros falam que é pra gastar um pouquinho e guardar a metade e outros falam que pode gastar, mas que não é pra gastar com bobeira, com coisas que não vão usar, é assim por tanto tempo, e isso?...vocês concordam com o que eu falei?...vocês querem falar mais alguma coisa?...

Cçs – não...

A – quinta pergunta: vocês acham importante as famílias conversarem sobre o dinheiro?

Cçs – acho...

A - acham?

Cçs – sim...

Cç3 – eu acho...

A – agora me diz, por que?

Cç2 – você primeiro...rs...

A – por que vocês acham importante as famílias falarem sobre o dinheiro?

Cç5 – porque eles já tem muitos anos de vida, eles já tem experiência, nós somos apenas uma criança né, nós nascemos faz pouco tempo né, nós não sabemos lidar dinheiro com o dinheiro, daí as famílias falam as coisas pra gente, pro nosso bem, porque elas já passaram por nossa idade e já sabe tudo...

A – e você, você ia falar... por que é importante as famílias falarem sobre dinheiro?

Cç4 – é a mesma coisa que ele falou, eles já são mais experientes, eles já vai passando isso pra gente, não gasta com bobeira, porque ai, no futuro não vai ter...

A – é o que mais, e vocês três, por que acham importante conversar com a família sobre o dinheiro?...vocês falaram que sim, por que falaram que sim?

Cç2 – porque senão uma pessoa vai lá e gasta tudo, então tem que conversar, porque não pode...

Cç3 – é isso...

A – e vocês, acham importante as famílias conversarem sobre o dinheiro?

Cç3 – mesma coisa que ela, mesma coisa que os dois também...

A – o que você achou que eles falaram de mais importante?...porque cada um tem uma resposta não é, cada um acha de um jeito, por mais que seja igual, ache que é a mesma coisa, cada um tem seu modo de pensar, então, por isso que eu to perguntando pra você, quero saber de você...tem alguma coisa a completar o que já falaram?

Cç3 – não...

A – então vocês falaram pra mim que acham importante as famílias conversarem sobre o dinheiro, porque as pessoas da família são pessoas que podem ensinar a melhor forma de lidar com o dinheiro, porque eles já tem mais experiências em relação a vocês que são crianças...

Cç5 – é, a gente não pode brigar com eles, porque eles só tão falando pro nosso bem...

Cç4 – é verdade...

A – e também, vocês falaram que é importante conversar sobre dinheiro na família, que é pra um ajudar o outro né, e não estar levando a família a falência né...e não estar gastando tudo e depois não ter essa conversa, e por isso é importante conversar, pra que não gaste tudo, é isso?...vocês concordam com o que eu falei?

Cçs – é isso...concordamos...

X – eu tava escutando vocês falarem, me deu uma curiosidade, vocês escutam assim, na escola, os amiguinhos de vocês falando sobre o dinheiro, que os pais conversam com eles sobre o dinheiro, ou vocês nunca ouviram falar?

Cçs –0 não...

X – não?

Cçs – não...

A – então, já que a X falou nisso, vocês conversam com seus amigos sobre dinheiro?

Cçs – não...

A – e você, o que ia falar?

Cç5 – tem um moleque lá na minha sala, que ele se acha todo...não, não...não é moleque, é uma menina...ela parece que é a toda, ela se acha a toda...daí ela tem dinheiro, ela quer se mostrar pros outros, fica falando que ela é tudo...

Cç4 – leva a mãe dela a falência pra se mostrar pros outros...

Cç5 – é...fala pra se mostrar, chega falando que tem 12 mil na poupança, fica falando que a mãe dela da 10 mil...é...dá sim...mil reais por mês pra ela, que ela ganha mais que todo mundo na sala, daí eu falo assim: ta bom ué, bom pra você...

A – e o que você acha dessa menina?

Cç5 – eu acho ela muito gananciosa, ela não vai ter nada na vida, não vai ter marido, não vai ter família, ninguém gosta dela...

Cç4 – sobre dinheiro, eu só converso com o cç5, só...

Cç5 – eu também, eu só converso com ele...

A – sobre dinheiro você só conversam entre vocês?

Cç4 – é...

Cç5 – isso mesmo...

A – e vocês conversam sobre dinheiro com os amigos de vocês?

Cç2 – não, só entre a gente mesmo...

A – só vocês três?

Cç2 – é...

A – tem mais alguém que vocês conversam sobre dinheiro?

Cç2 – não...

Cç3 – eu não...

Cç1 – também não...

Cç5 – só com ele...

A – e o que vocês conversam sobre dinheiro?...qual a conversa?

Cç4 – quanto que ganha...a gente fica falando...

Cç5 – a gente fica falando quanto que ganha, quanto que a gente ganhou no mês, quanto custa uma bicicleta...

Cç2 – quanto a gente tem no cofrinho e quanto a gente queria ter...

Cç5 – a gente faz as contas, eu faço né, as contas de quanto que eu gastei, de quanto eu ganhei no mês...

Cç4 – a gente faz assim, a gente tem bicicleta né, daí a gente quer reformar ela, daí a gente fica contando quanto é que vai custar...

Cç5 – daí a gente vai na bicicletaria e fala pro moço fazer um preço melhor pra gente...a gente tem pouco dinheiro, daí...a gente vê o preço de tudo, e vê quanto a gente tem e compra...

A – e daí, e vocês, o que mais?

Cç1 – nós também, conta o dinheiro que a nossa avó põe no cofrinho, a gente fica contando...

Cç3 – cada um tem um cofrinho na casa da nossa vó, ate quando ela vai no mercado e sobra dinheiro, trocado assim, daí ela põe no cofrinho...

Cç1 – daí depois a gente fica contando...

Cç3 – é...

A – e esse cofrinhos, vocês conseguem ver bem quantas moedas tem, tirar e por?

Cç1 – é...

Cç3 – consegue...

A – e quando vocês usam esse dinheiro que ta no cofrinho?

Cç1 – só no final do ano...só assim, quando é aniversario de alguém e a gente quer alguma coisa...

Cç3 – nossa vó não deixa a gente ficar pegando toda hora, ela não deixa a gente pegar o dinheiro que ta lá dentro...

Cç2 – quando não deixa tem que pegar escondido...

A – e ela sabe que vocês pegaram ou não?

Cç2 – não, porque depois a gente vai lá e põe de volta, de outro cofrinho que a gente pode pegar dinheiro...

A – ah...vocês pegam dinheiro de outras pessoas...

Cç2 – não, do nosso mesmo...

A – e daí, como vocês fazem pra repor?

Cç1 – o que sobra a gente coloca no outro...

A – ah ta, o que sobra do que tem pra gastar vocês colocam ali...

Cç2 – e pra inteirar o que a gente gastou, a gente pega de outro cofrinho que é nosso mesmo...eu tenho mais de um...

A – daí vocês colocam nesse cofrinho da vó?

Cç2 – é, daí ela não vai saber que a gente gastou, ela nem conta...

A – daí uma hora vocês usam esse dinheiro que esta nesse cofrinho?

Cç1 – não, ela não deixa nem a gente abrir o cofrinho pra colocar moeda...

A – mas...mas tem uma hora que vocês vão gastar, época de Natal, de aniversário, não é isso?

X – só uma pergunta: vocês três tem cofrinho assim com a avó, é isso?

Cç1 – é...

Cç2 – é todo mundo...

Cç3 – todas as primas...

Cç1 – todas as netas...

A – só os netos?

Cç1 – só...

Cç2 – é, só...

X – cada neto tem um cofrinho com a avó, é isso?

Cç2 – tem mais ou menos uns sete cofrinhos lá...

X – daí ela que toma conta dos cofrinhos e vocês vão pondo pra guardar?

Cç3 – é...

Cç1 – ela vai colocando lá dentro...

X – ela põe pra vocês?

Cç1 – é...

A – e vocês tem cofrinho?

Cç5 – ah, eu não tenho, eu guardo...

Cç4 – eu tenho uma caixinha que eu ponho os dinheirinhos dentro...

Cç5 – eu...eu guardo numa caixinha assim, ou então na minha carteira mesmo, e eu quero colocar na poupança...

A – e quem dá esse dinheiro pra vocês?

Cç5 – meu pai...meu pai da dinheiro pra mim...

Cç4 – meu tio...

Cç5 – meu pai, ou as vezes meus tios dão, no dia do meu aniversario eu ganho...

A – vocês querem falar mais alguma coisa sobre o que vocês conversam com os amigos sobre o dinheiro?...tem alguma coisa que não falou aqui...

X – então, aquela hora que eu perguntei pra vocês sobre os amigos, eu tava pensando no que vocês tavam falando sobre os pais conversarem com os filhos né, ai vocês falaram que os pais de vocês conversam, mãe, não é, dos amiguinhos de vocês...vocês sabem se alguém conversa com os pais...vocês já ouviram alguma coisa?

Cç5 – não...

X – não...que é legal a gente saber o que as outras crianças pensam e as vezes elas contam pra vocês, entendeu, por isso que eu to perguntando...

Cç5 – não, eu sei algumas crianças que são mal educadas, que nem essa menina que eu falei, ela só chega e fala assim: ah, mãe, me da dinheiro senão ce vai ver comigo, vou denunciar você...fica falando mentira: vou fingir que você bateu em mim, vou rasgar tudo minhas roupas, vou denunciar você...

X – tudo isso pra pedir dinheiro?

Cç5 – é...

X – por isso que você ta falando que não adianta brigar com os pais quando eles não dão dinheiro, porque eles são mais experientes, porque eles sabem quando que é bom, quando que não é...é isso?...então por isso você tava falando que você já viu crianças brigando com os pais querendo dinheiro, querendo as coisas...

Cç5 – é, e daí pressionando os pais...

X – agora eu entendi...na opinião de vocês meninas, vocês acham que as crianças de hoje em dia ficam pedindo muito as coisas para os pais?

Cç2 – com certeza...

X – é...elas brigam muito, batem o p'...

Cç2 – a minha prima até já deu um tapa na cara da mãe dela...

X – é, e ai?

Cç3 – ela tem 3 anos...

Cç1 – um dia ela falou assim: minha mãe vai dar 100 reais pra mim...

Cç2 – eu tenho uma prima, ela é toda metida sabe, ela fala assim pra mim que a mesada dela é de 50 e dia de festa ela fala que é de 70...

X – então na opinião de vocês, as crianças competem assim, quem tem mais dinheiro?

Cç5 – essa menina, ela fica competindo com todo mundo, daí ela vai lá e chaga e fala que ta namorando, que o namorado da tudo pra ela, que eles já tão de

aliança, uma aliança de plástico, ta quebrada...e ela fica se achando...ela nem ta namorando com ele nada, ele quer ficar com outra menina e ela ta se achando ainda...

A – ta bom...então, pra fechar essa daqui...o pouquinho que vocês conversam com seus amigos é sobre cofrinho, dinheiro que esta no cofrinho né...

Cç2 – quanto que a gente quer ter...

A – quanto que quer ter e o que vocês querem gastar, planejam juntos...não é isso?...tem mais alguma coisa que eu não falei?

Cç5 – não...

A – então ta bom de pergunta...e agora pro final, eu gostaria que vocês desenhassem...que desenhassem...um desenho sobre o que vocês acharam mais importante na nossa conversa, então vocês vão pensar na nossa conversa e vão desenhar algo que vocês acham de muito importante do que a gente conversou, se não quer desenhar, escreve só tá...

Cç2 – eu vou desenhar...

Cç4 – eu vou desenhar um cavalo com uma nota dinheiro lá...

A – então, vocês vão desenhar o que vocês acharam de mais importante da nossa conversa, e depois do desenho vocês vão colocar o titulo do desenho ta...

Cç2 – pode começar a fazer?

A – pode...coloca o titulo...o nome, a idade...o que você fez ai?

Cç4 – o menino foi ao banco pegar o seu dinheiro da poupança...

A – e você?

Cç5 – fiz um menino indo na poupança guardar o dinheiro dele...

A – ele foi guardar?...então ta bom...

Cç1 – eu fiz uma menina saindo do banco...

A – o que ela ta fazendo no banco?

Cç1 – foi pegar o dinheiro...

A – e você, o que fez ai?...esse é o titulo do seu desenho?...

Cç2 – doando agasalhos...

A – o que é isso no seu desenho?

Cç2 – eu to doando agasalhos...aqui é um banquinho que fica na farmácia, aqui tem um montão de chupeta e aqui é onde fica uns papeizinhos e aqui é onde fica os agasalhos...

A – olha, então a gente já terminou o nosso grupo, foi essa a nossa conversa...

ANEXO X – Grupo Focal dos Pais

Moderadora – bem, em primeiro lugar, boa noite a todos, obrigado por terem vindo e disponibilizado desse tempo, que é corrido, como vocês mesmos estavam dizendo aí...obrigado por estar vindo aqui...e nós vamos tentar entender como é a vida com o dinheiro...os pais, os filhos...então, muito obrigado mais uma vez – eu sou Moderadora, sou psicóloga, to fazendo mestrado na Puc em SP...to finalizando o meu mestrado...a parte teórica já foi e agora eu vou pra parte pratica, então eu vou estar estudando como que a família lida com o dinheiro, tanto o pai como os filhos...pais que tem filhos de 07 a 10 anos, e é por isso que vocês estão aqui, porque vocês têm filhos de 07 a 10 e também por classe média...e por ser um estudo que ainda não existe aqui no Brasil, só fora, na Europa, o Brasil não ainda não aderiu esse assunto que é tão polemico né...por isso que eu preciso deste contato mais de perto dos pais que estão ali no dia a dia com os filhos e tentar conhecer e aprender com vocês, como que vocês lidam com essa tarefa...eu também vou estar fazendo um grupo focal com crianças pra também estar vendo a visão delas e também com os pais...que são vocês...vou fazer com as crianças um grupo de 07 a 08 e um grupo de 09 a 10...pra não misturar de 07 a 10, porque o conhecimento é diferente – agora, uma coisa que é importante aqui pro grupo, não existe resposta certa ou errada, apenas as respostas que fazem parte da realidade de vocês...por favor, sintam-se à vontade pra falar o que vocês realmente fazem de fato e compartilhar os pontos de vista, mesmo que eles sejam diferentes...eu to interessada em como vocês lidam com isso, na realidade de vocês...mesmo o que for negativo, eu considero importante pra poder avaliar e estudar tudo isso, estudar o que ta acontecendo, quais são as dificuldades e aí poder ajudar no estudo em relação a isso...então, mantenham sempre em mente que eu estou querendo ver o lado positivo e o lado negativo ta...vou usar esses gravadores e sem eles não seria possível, porque vão ser ditas coisas interessantes e eu não vou conseguir anotar tudo né...essas fitas vão ser guardadas...vão ser transcritas e apagadas...vai ter uma analise integral no trabalho e a maneira que eu vou estar analisando eu não vou colocar a identidade de vocês, podem ficar tranquilos...depois vocês podem ler o trabalho, vai estar disponível na biblioteca lá na PUC ou podem estar pegando comigo ok...(instruções)...é uma conversa informal ta, um bate papo entre vocês...então fiquem a vontade...bem, vamos começar, vocês se apresentam e falam um pouco de vocês, dos filhos, ta bom...

Pais – meu nome é Valeria, trabalho no comercio, tenho duas filhas, uma de 9 ano e uma de 13...já trabalho aqui em Tremembé há 22 anos como cabeleireira...

♦ meu nome é Cristiane, sou dona de casa, tenho um casazinho também...tenho uma menina de 9 e um de 8...

♦...meu nome é Valeria, sou pedagoga, sou coordenadora de uma escola municipal aqui em Tremembé, tenho dois filhos – meu nome é Marcos, sou arquiteto, tenho uma filha de 9 anos...

♦... meu nome é Maria Teresa, trabalho aqui em Tremembé na prefeitura, moro aqui e tenho uma filha de 7 anos...

♦...meu nome é Alexandra, vocês me conhecem...rsrs...bati o recorde, sou a mais populosa aqui...rsrs...sou biomédica de formação, tenho 3 filhos homens, um de 8, um de 6 e um de 5...

Moderadora – então vamos lá, primeira pergunta: na opinião de vocês, como as crianças devem ser educadas para usar o dinheiro?

Pais:

♦ ...bom, no meu ponto de vista e o que eu fiz na pratica, foi assim, primeiro mostrar pra eles o que era o dinheiro, pra que servia o dinheiro...ate mesmo pra eles conhecerem a moeda, a nota, essa coisa toda, e comecei pela semana, não era nem uma mesada, era uma semana pra eles...usei o critério de 1 rel por um ano, idade deles...isso começou por volta dos 4 anos...então todo sábado eles ganhavam 4 reais,

o de 3 anos não ganhava, era a partir dos 4...e foi interessante porque assim, hoje eu não tenho uma disciplina certinha, mas, foi legal porque eu comecei a mostrar pra eles o que podia comprar e o que não podia, o que o dinheiro dava pra comprar e o que não dava...eles ao ficam tão soltos nessa idéia de que não si o que é, o quanto custa né...foi legal porque você entra na loja de brinquedo com 3 e fica louca né...e com essa historia e quando eles falam: mãe quero isso, quero aquilo, eu parei...quanto você tem na carteira?...o seu dinheiro da pra comprar isso?...então eu comecei ate a selecionar a compra deles e falei: se você gastar tudo isso você vai ficar sem...eu percebi assim, que ate a personalidade deles eu senti que é diferente...senti quem é o gastão, quem morre de dó de gastar o dinheiro...então, o critério que eu usei foi o da mesada...no meu ponto de vista tem que mostrar pra eles o que é o dinheiro e o quanto vale isso...

◆... interessante isso, porque em casa nós fizemos a mesma coisa, só que o ano passado, porque esse anos eu quebrei...rsrs...eu falhei com eles...rsrs...mas foi isso da mesada...pra menina, a mais velha a gente estipulou 4 reais, e pro menor que tinha dois anos, eu achei que ia ser outro valor, de dois reais, então também era semanal, toda semana...mas só que pegava os 4 reais e ia comprar bala, comprar chiclete...ai eu disse: olha, o seu irmão ta guardando e você ta gastando...em pouco tempo ele tava com 10, 12 e ela zero...ai ela começou a se ligar e eu falei que ela não ia ter nunca nada...eu entrava em muita loja, cobiçava e nem sempre comprava e eu vi que ela tava me acompanhando, meu Deus...rsrs...isso não pode acontecer...ai na hora que eu comecei a perceber eu comecei a falar e ai ate que um dia ela me fez o favor de ter um chique, uma crise em casa e chutou minha porta de vidro, quebrou o vidro...ai eu falei que tudo bem, que a partir de hoje acabou a mesada dela, que enquanto não juntar o dinheiro da sua mesada pra poder pagar o vidro, não tem mais mesada...só que assim, com esse vidro eu repus a casa inteira, nunca mais dei mesada pra ela, e com isso fez perder a mesada dele também, porque não é justo né, não dava pra ela e dava pra ele, ai pronto, ficou...só que ele também tem esse lado assim, ela sempre questionou quando ia poder voltar a receber a mesada e ele nunca falou nada...que chato né, se ela der uma outra gafe eu vou ficar no prejuízo...

◆...posso dar uma opinião...então, quando você disse que ela quebrou o vidro e ela pagou por isso...não foi um acidente?...

◆... não, foi tipo assim, como hoje... tinha uma reunião aqui e ela queria por que queria, ai não deixei, ela pegou e chutou a porta...mas ela chutou para chutar mesmo, para quebrar...ela tem um temperamento bem diferente do que o do garoto...o garoto, se você falar pra ele sentar e ficar quietinho ai, ele senta e fica...agora, ela não, ela fala que não vai sentar...ela é assim, então é super difícil de lidar com ela...eu to fazendo terapia com ela em Taubaté, já tem uns 3 anos que eu to fazendo terapia com ela...melhorou, porem vou te falar, é carne de osso que tenho em casa...

◆...esse negócio que você falou é interessante, porque acaba tendo atrito entre marido e mulher por causa das opiniões diversas né...a gente também começou a dar mesada pras crianças, então, a nossa era mesada mesmo, 15 reais por mês...e as crianças, o meu moleque mais velho por exemplo, ele adora jogar futebol e vive jogando na área e quebrando a lâmpada, e eu não desconto da mesada...ai eu falo que não foi por querer, mas ai ele diz que o menino tem que ter cuidado, que ele tem que saber que as coisas custam dinheiro...então isso, eu não concordo...eu concordei com a mesada, eu achei legal o fato deles terem mesada, mas ai, todo o dinheiro que eles tinham, ele pegava...quanto de dinheiro que você tem na carteira?...sempre tinha um dinheirinho, ai ele pegava 5 reais pra comprar outra lâmpada...e eu acabava não concordando porque não foi proposital, não tinha sido por querer...

◆...mas no caso dela foi diferente, foi proposital, tanto que a idéia partiu minha, que eu não ia mais dar mesada...ele não falou nada, deixou quieto...mas só assim, eu achei que falhei muito com o menino, na verdade eu deveria ter feito as

coisas...eu ate venho pensando nisso, que nesse ano eu vou dar mesada denovo...mas na verdade eu tenho que repor o dinheiro do menino, porque ele pagou por uma coisa que ele não fez...

◆...mas também a gente da mesada pra criança saber trabalhar com o dinheiro...e se tudo que acontecer na casa e a gente for tirando dela, ela não vai ter a oportunidade de estar usando aquele dinheiro, de conhecer...

◆...é, vincular castigo ao dinheiro, isso ai eu não sei ate que ponto é legal...

◆...é...a gente lê um livro lá em casa que se chama o “Homem mais rico da Babilônia”, muito legal o livrinho, 18 reais, fininho, mas muito legal, ele da varias dicas de como você trabalhar com o dinheiro...foi ate depois disso que a gente estipulou a começar dar a mesada...lá ele diz que todo dinheiro que você ganha, qualquer dinheiro seja, seja lá do que for, de coisas que você vendou...você tem que guardar 10% desse dinheiro...ai eu fiquei pensando: gente, se eu tivesse guardado 10% do meu salário todo mês, quanto que eu não teria... agente não faz isso né...

◆...é, primeiro a gente gasta tudo e depois vê o quanto que sobrou...

◆...se sobrou guarda, se não sobrou, o mês que vem você pega e gasta daquele que sobrou...mas não, esse dinheiro tem que ser um dinheiro intocável, esquecido que você guarda... você não pode mexer no 10% que guardou...e a gente ta fazendo isso com as crianças, ele da os 15 reais por mês e eles tem que dar R\$1,50...a gente ta fazendo uma poupança pros dois...então é legal, esse negocio de guardar é legal...

◆...então, o Sr X, todo ano, ele põe moedinha pra todos os netos...ele tem cofrinho no nome de cada um...então no final do ano eles ganham cento e pouco, duzentos...eles ficam que ficam...ai, quando chegou esse ano eu falei assim: vocês ganharam tantos brinquedos...e ganharam mesmo, ganharam uns brinquedos legais esse ano...não tem porque ir na loja comprar mais brinquedo, eu to ate querendo desvaziar o baú e vocês vão comprar mais?...que tal se a gente abri uma caderneta de poupança e todo ano que seu avô der o dinheiro, vocês guardam...todo dinheiro que vocês conseguirem guardar, você põe lá denovo...ai o menino falou: tudo bem mãe, pode guardar...já a menina: ah, eu não sei mãe, to pensando...rsrs...ai eu falei que ia ser melhor pra ela, mas ai ela falou que achava melhor deixar na carteira mesmo...ai eu disse: você vai gastar, eu sei, eu conheço as técnicas...rsrs...ai ela resolveu pra guardar pra comprar um cachorro...há dois anos ela ta me perturbando que ta querendo...e eu ficou tentando explicar pra ela quando a pessoa tem afinidade com o bicho e quando não tem, e ela acha que tem afinidade como o animalzinho...eu não ligo de brincar, alisar, mas dentro da minha casa é diferente, eu não vou querer dentro de casa...ai ela fala que vai fazer um cercadinho, vai cuidar...e eu falou que não vai dar certo...o pai dela já disse que se um dia pegar ele em cima da cama, ela vai embora de casa...e nem comprou o bicho ainda...rsrs...eu disse ontem, que eu acho que não vai dar certo ele entrar em casa...mas ela resolveu que vai guardar o dinheiro, então ta lá guardado...e eu ainda fiquei na cabeça dela: vamos comprar aquela boneca que você queria, mas ela quer o cachorro...rsrs...ai eu falei pra ela que o que ela quer é em torno de 800 a mil reais, se vô da 100, 150 por ano, ate você juntar esse valor, já dobrou o valor do bichinho...mas ai ela disse que vai guardar mesmo assim...e ai, esse ano o Sr deu 307 pra cada um...rsrs...ai ela falou: viu mãe, eu vou comprar o meu cachorro...só que ela ta chorando tanto por causa desse cachorro e semana que vem é o aniversario dela, e a gente concordou em comprar o cachorro...que dizer, vou ter que engolir o cachorrinho...então, mas ela ta assim, ela ta com esse propósito, então eu acho que ela vai aprender um pouco a guardar dinheiro com um objetivo...

◆...ele falou pras crianças guarda dinheiro, mas não é guardar por guardar, tem que ter um motivo...dinheiro tem utilidade, você tem que guardar pra um dia você comprar uma coisa que você queira e não guardar por guardar...

◆...se você tem objetivos, ambição de adquirir alguma coisa, é prazeroso você trabalhar mais, economizar e guardar o dinheiro...eu gosto de ter objetivos...por exemplo, eu quero trocar meu carro ou eu quero viajar, então vou economizar pra isso, nem que seja daqui uns 5, 10 anos...porque senão a vida também fica sem graça, economizar por economizar...tem que ter objetivo, motivação, porque senão, vou guardar pra que, vou morrer e vai ficar tudo aí...então é legal você guardar...se eu quero fazer uma plástica, então eu vou lá e economizo dois anos né...entendeu, vale a pena...

◆...a pessoa que ganha por dia assim, se deixar o dinheiro some né...

◆...é, pra mim foi difícil ter o controle...hoje eu ganhei 300, amanhã 400, então...no outro dia você ganha 100...aí você perde o controle se for gastar tudo...

◆...ah é, porque que senão acaba gastando...

◆...então, pra eu ter um controle maior, eu tenho duas contas, uma poupança e uma corrente...essa conta corrente, todos os boletos que eu tenho pra pagar eu vou colocando ali, porque eu só uso essa conta mais pro salário...e tem uma poupança que eu falo que é meu capital de giro, meu fundo de reserva e tal...então ali, se essa semana entrou mil reais, e 500 eu tenho de conta pra pagar, e 500 que sobrou eu ponho tudo na poupança ou se tem boleto pra pagar, aí eu vou lá e pago...mas se eu não guardo um dinheirinho na poupança pelo menos uma vez por semana, me dá um desespero gente...assim, eu tenho que guardar nem que seja uns 200 reais, ou 100, porque senão dá a impressão que eu to gastando tudo e que se eu ficar doente...eu trabalho por conta própria...eu tenho previdência, seguro de vida, plano medico, mas mesmo com tudo isso, eu fico insegura, porque eu fico pensando assim: nossa, mas tem as contas fixas todo mês, tem água, tem luz, tem telefone, a escola das crianças...então, eu fico insegura nessa parte, e eu tento passar isso pra elas...

Moderadora – que parte você fica insegura?

Pais:

◆...de não conseguir ter um fundo de salário...eu trabalho por conta própria, eu não tenho patrão...trabalho pra mim...então, quer dizer, se eu ficar doente, quem que vai arcar com isso pra mim?...se eu sofrer um acidente?...é uma segurança que eu não tenho...é o caso da pessoa que se não trabalha não ganha...antes eu não tinha nem um companheiro pra contar, meu marido...agora não, agora tem um ano que nós voltamos...e ele é funcionário publico e tal, entoa ele é meu anjo da guarda...mas antigamente eu não tinha isso, eu não ia poder ficar pedindo pra minha mãe, pro meu pai, falar que eu não tenho dinheiro esse mês...

Moderadora – então, eu vou fazer um resumo de tudo que vou dito ate agora...no começo, vocês começaram a falar que primeiro explicavam pro filho, pra daí entrar com uma noção do dinheiro e aí vocês usaram a semanada, mesada...e ao usar a semanada, a mesada, era também uma maneira de vocês se conhecerem...nossa, eu gasto ou eu não gasto, né...e também ver a personalidade e características dos filhos...e também vocês foram falando na questão do casal, de ter algum conflito e aí ter que entrar num acordo entre o casal pra daí estar educando os filhos...depois vocês entraram na questão dos objetivos, de ter um objetivo na vida pra daí poupar, porque poupar por poupar não dá...então, somente tendo um objetivo é que poupa...seria isso?

Pais:

◆...eu vou até colocar uma coisa um pouco diferente do que vocês colocaram...por exemplo, eu nunca adotei o sistema de mesada, mas é porque eu nunca recebi mesada...na verdade, eu acho esse lance de mesada...acho até que porque quando eu era moleque eu não entendi muito bem isso, meus amigos ganhavam mesada e eu não ganhava...mas o fato de você ser filho único, não é que você pode tudo e que você tem o que quer e na hora que quer, mas eu acho que a mesada...tipo, agora eu to tendo uma experiência nova de ter dois filhos e tal, e aí eu acho que pra você ter um critério de divisão, de justiça e tal, aí eu acho que a mesada é um lance legal pra você ter esse tipo de relação...a menina, ela nunca teve mesada, hoje ela questiona...agora ela tá estudando, tá crescendo e tal, então ela já ganha, mas antes eu não sentia a necessidade de rolar...o fato de ser filho único...não acho que seja o problema ou o agravante, era de certa forma tranquilo...mas eu sou filho único, minha esposa vem de 10 irmãos...dos 10 irmãos, 5 são solteiras, não tem filhos e adoram a menina...então é paparicada pelas tias dela..e tem também as tias avós dela, então...mas eu acho que é um lance que ela segura bem, eu vejo minha menina com dinheiro...por exemplo, se vai na escola e eu to sem torçado, dou 10 reais pra ela, só que depois eu fico sabendo que de repente ela comprou sorvete pra amiga, pagou lanche pra outra e volta zerada...aí chega no dia seguinte...rsrs...por um lado legal, porque tá exercitando uma solidariedade, uma amizade e tal, mas eu falo pra só tomar cuidado pra que de repente isso não seja um fator de você só ter amiguinhos disso né...eu não tinha irmão, então ao mesmo tempo, você não briga, mas não recebe aquele certo carinho...então a amizade pra quem é filho único tem que ser mais legal né, embora eu sempre cultivei muitos amigos, mas na por conta disso...eu procurei me tornar uma pessoa sociável pra estar sempre com companhias e tal...e aí a menina tem um pouco dessa relação com o dinheiro...aí tem o lado da mãe que eu acho que é realmente o que vocês comentaram no começo, ela é bem disciplinada e tal...ela procura disciplinar, já eu não to o tempo todo com a menina, mas o tempo que to, é claro que eu quero mais é curtir né...quer tomar um sorvete, vamos tomar, quer tomar 3 sorvetes, vamos tomar...mas eu não tenho esse lance de passar a culpa entendeu...

◆...eu com os meus filhos, eu passo muita regras com relação ao dinheiro...eu estipulo...quando a gente sai com a família, amigos, eu estipulo sempre, são dois sorvetes por dia, porque senão não tem limite...dinheiro leva pra escola uma vez por semana...toda sexta-feira leva dinheiro pra escola...o outro menino já nem quer mais levar dia de sexta, porque ele é muito ansioso, nervoso e não quer enfrentar fila, então prefere levar de casa...eu não dou dinheiro pra eles a toa...eles ganham dinheiro do meu sogro todo final de ano, ganham 50 reais, então, esse dinheiro eu deixo eles gastarem da maneira que eles quiserem...nem que compre um brinquedo que eles não vão brincar, mas vão ter que arcar com as consequência deles...isso é uma maneira deles trabalharem né, porque se não comprou uma coisa que não é tão legal, da próxima maneira vai pensar direito...então é assim, é a única vez no ano que eles tem dinheiro...mas agora, esse ano nós adotamos a mesada que também é uma coisa nova pra gente, mas assim, até então eles nunca tinham dinheiro pra nada...

◆...é engraçado...eu achei até legal quando você convidou a gente pra falar sobre isso...a minha filha, quando ela tem um dinheiro, ou quando vai viajar...vira e meche tem uma cunhada minha que leva ela pra viajar...então, é lógico que a gente deixa uma grana com ela...e ela, quer pagar a conta no restaurante, ela traz uma lembrança, traz um presente pra mim, pra mãe...mas é legal, acho interessante...então, eu acho que isso também se dá ao fato do que a criança acaba vivendo né...então, por exemplo, eu vejo que ela cresceu mais entre adultos do que entre crianças...então ela via essa participação do dinheiro...não sei se ela entendia a questão do valor, que é o que a gente quer passar pra ela e que eu acho que eu também não tenho essa noção do valor...eu particularmente tenho essa desconfiança sobre mim mesmo...mas a questão é essa, ela participa do dinheiro, e não vou dizer como uma adulta, porque é muito precoce, mas ela tem essa visão...então, eu acho

que nesse lance de mesada, eu até quero participar com ela dessa maneira, pra até aprender a sentir...

◆...mas a gente tem que se policiar pra não dar a mesada e continuar comprando tudo que eles querem...vamos deixar claro que a gente vai dar mesada, mas estipular algumas coisas, como figurinha e tal...não dá pra ficar comprando...

◆...isso que eu falei pro meu marido, da mesada pra eles, mas o que eu vou querer, o que eu vou esperar da mesada deles...então, se quer sorvete eu que vou pagar?...não, ele tem dinheiro, ele que compre...rsrs...mas é bobeira, já almoçou, já tomou refrigerante, mas toda hora eles querem alguma coisa...em casa tem muito sorvete no freezer, então eu não gasto com isso fora de casa...então, mas esse lance da filha dele, o meu menino tem...ele gosta de ter dinheiro na carteira pra pagar pra ela um suco...ele é uma gracinha, ele adora fazer a honra aonde ele vai...ele ia comprar um brinquedo de natal que era super caro e o pai combinou com ele de pagar 100 do dinheiro que o avô ia dar, aí chegou no dia o avô deu 307, mas só pai cumpriu direitinho, pegou só 100m mas aí ele falou pra pai que podia pegar tudo...o pai não quis, mas ele não gastou 1 real até agora porque ele falou que aquele dinheiro é do pai dele...a gente abriu a poupança e guardou, ele concordou, mas na cabeça dele aquele dinheiro é do pai dele...ele é assim...teve amigo secreto na escola e ele veio, escolheu um carrinho pra amigo, comprou um bem bonitinho e levou...chegou lá, o amigo olhou e disse que não queria o carro, disse que não gostou e que era feio...meu filho da uma lição de humildade, respeito, que deixa a gente no chão...rsrs...aí ele falou assim: eu vou dar mais uns minutinhos pra você pensar se não quer mesmo...aí o menino disse que não queria mesmo...aí ele ganhou o presente dele de amigo secreto e disse pro menino se ele não queria ficar com o dele...aí o menino quis e ele deu pro menino não ficar sem presente...e venho embora feliz porque o amigo recebeu o presente...eu falei: gente, eu jamais ia ter essa postura...

Moderadora – gente, se fosse analisar isso daí, vocês estão falando da mesada e da segurança de guardar...mas parece que a mesada não tá ainda bem definida...claro que em alguns momentos vocês entram no acordo, mas ainda parece que tá faltando alguma coisa aí...vocês acham que a mesada é isso?

Pais:

◆...eu acho que tem que ter um critério...

◆...já a minha dúvida é o seguinte, não acho que uma criança de 7, 8 deva ter mesada...demorar um mês pra ela receber é muito tempo, então a minha dúvida é, será que ela sabe administrar isso?...a criança...o tempo pra ela é bem mais rápido...acho que um mês ela até esquece...e eu procurei deixar pra eles bem claro o que é a mesada pra eles, ou pra que que serve aquele dinheiro...então, comida, qualquer coisa que seja de comida, eles não vão precisar da mesada deles...eu coloquei pra eles que a mesada é pra qualquer coisa que eles queiram comprar e que seja fora de época...então assim, dia de natal, aniversário, dia das crianças, vocês vão ganhar presente, fora isso, vocês que vão comprar...se querem qualquer brinquedo, vão comprar com o dinheiro da mesada...

◆...mas por exemplo, foi ao shopping, cada um chupou um sorvete, e um quer outro sorvete?

◆...eu não dou, se quiser compre com a mesada dele...o que eu procuro fazer quando eles querem o segundo, eu falo: já tomou um, chega...eu nem cogito essa história do dinheiro...mas se eles falam que querem gastar o dinheiro eu pergunto se é isso mesmo que eles querem, e nem eles querem gastar o dinheiro...

Moderadora – então tá, então vamos fechar dizendo que a mesada varia de acordo com o critério de cada família...e aí entra os valores da família, porque um da valor pra comida, o outro não da...então isso vai de acordo com o critério de cada família...então posso fechar essa dizendo isso né...que é de acordo com a maneira com a qual foi educado...

Todos – é...cada família da valor pra uma determinada coisa...é isso mesmo...

Moderadora – então a segunda questão...que estratégias vocês consideram importantes para ensinar uma criança a lidar com o dinheiro?

Pais:

♦...acabamos de falar né...a mesada é uma delas...economizar pra ter mais tarde...

♦...pra minha é bem assim, ela sabe que brinquedo é só natal, aniversário...quando ela sai ela não extrapola de pedir dois sorvete...eu ensino muito o desperdiço, eu não deixo ela desperdiçar...ela mesmo já sabe, eu não tenho preocupação com isso...ela vai toma um sorvete e eu nem preciso me preocupar de sair de perto do negocio de sorvete, porque ela não vai pedir mais de um...tudo é assim...se ela pediu, eu já sei que ela não vai pedir mais de um...

♦...acho que é tudo isso, ate de ir no restaurante e mostrar o desperdiço...eu ensino colocar só o que vai comer, se sentir mais fome, aí volta e pega mais...e eu sinto assim, eu em casa tive que educar o marido primeiro pra depois...porque esse negocio de brinquedo...chegava no natal e ainda hoje ainda é assim, ele não compra um brinquedo, é no mínimo três pra cada criança...escreve aquela cartinha pro papai Noel e se deixar ele segue a cartinha inteira dele...rsrs...

♦...as minhas filhas, é assim...ele quer saber o valor que eu dei pra cada uma...uma queria um celular mp3...eu acho um absurdo um celular de 600reais...eu já tentei dar mesada e não funcionou...mas minha mãe e meu sogro fazem o cofrinho e quando ela vê, tá com 400, 500 reais, e não sou eu que dou, é minha mãe que vai dando pra ela...então, no natal, uma queria um presente de 90 e a outra de 700...não é justo...

♦...eu também acho que não é justo né...

♦...aí ela falou que só pediu um presente, mas aí eu falei que não tem essa, que eu só posso dar um presente de 150...se você quer outro, você intera com o seu dinheiro...agora a outra pegou de 90 e não ficou questionando porque eu dei de 150 pra outra...porque senão ela poderia falar né, porque ela ganhou 150 e eu 90, mas não, ela ganhou de 90, ficou satisfeítíssima e não questionou...agora a outra já questiona...

♦...em casa também é assim...ela questiona: nossa, você gastou tanto com ele, então me dá mais tanto aqui...

♦...hoje em dia Moderadora, elas que me emprestam dinheiro...no dia em que eu não tenho, elas que me emprestam...rsrs...a outra faz massagem no pai pra ganhar dinheiro...rsrs...ele fala assim: se você fizer massagem no meu pé eu te dou 5 reais...então ela faz e vai guardando...então tem vezes, que sei lá, eu não tenho dinheiro e falo assim: qual das duas tem um dinheirinho pra emprestar pra mim?...rsrs...e elas emprestam, mas depois eu devolvo, é lógico...outro dia eu falei que tava com vontade de comer uma pizza, aí uma falou: mãe, pode pedir que eu pago...

◆...a minha tem mania disso...

◆...elas já estão sabendo controlar, tão sabendo que dinheiro não gasta a toa...antes gasta a toa, agora não, agora já tem objetivo...vai comprar isso, comprar aquilo...

◆...a minha menina ainda não tem essa coisa do objetivo, as vezes ganha e não sabe porque vai guardar...

◆...ah, vai ver é por causa da idade, ela tem quantos anos?

◆...ela vai fazer 8...

◆...então é isso, o meu mais novo também é assim, é a idade...agora a menina no, agora ela descobriu um objetivo pra guardar dinheiro, então ela não gata mais nem 1 real, mas em compensação antes que ela não tinha nenhum objetivo, ela só gastava...

◆...sobre esse critério ai da mesada, também estimular, por exemplo, uma coisa que ela falou que é bem legal...de repente ela ta correndo atrás do cachorro...a minha tinha preocupação se tava indo bem na escola, então ela pediu de presente pro meu pai a lista de material...pô, eu achei ótimo né...rsrs...de repente ela ganhou uma grana de uma das tias dela, ai ela foi lá e comprou a bolsa da barbie pra levar o material da escola...começou a criar um relação custo beneficio...esse é um critério também né, de repente você criar um estímulo na criança...

◆...é interessante, porque a gente aprende aqui com essa conversa né...eu nem sabia do estímulo da mesada...o meu não era nem mesada, era semanada e que eu acabei deixando de dar...esse ano eu queria usar uma coisa mais concreta e hoje eu estou descobrindo aqui...

◆...é bom a gente poder trocar figurinha né...

◆...é bom pra ter noção...pra saber se eu devo ou não gastar...será que eu quero gastar agora...a gente acha que eles são muito novinhos pra gente ta colocando, mas não é...

◆...eles guardam tudo que você fala quando é novinho e depois não esquece...

◆...a noção do dinheiro por exemplo, os meus já adquiriram...entram numa loja de brinquedo...fora de época eu também não dou nada, não ganha...ai entra na loja e pedi um carrinho, ele fala que é baratinho, só 5 reais, mas eu não compro presente nenhum fora de época...

◆...eu também não compro...fora de época não compro nada...

◆...eu tava lendo no livro do Içami Tiba eu acho...e diz lá, que você não deve presentear a criança por um ato que é obrigação...por exemplo, o filho passou no vestibular, ai o pai vai lá e da um carro...mas o vestibular é beneficio pra ele próprio, ela ta investindo na carreira dele...eu não acho legal, isso eu nunca fiz...

◆...o meu problema é ir no baratinho...rsrs...ai eu vou e compro...rsrs...eu sempre caio nisso, não aprendo...

◆...primeiro tem que aprender a disciplinar a gente né...

◆...eu me propus dar a mesada aos sábados, então, quando o sábado é tumultuado e eu acabo não dando, eles ficam cobrando: mãe, tá faltando 3 sábados...então assim, acho que é disciplinar e também não sei esse lance do valor, da quantia do dinheiro..então eu não sei o quanto...temos que dar disciplina e também o lance da poupança né gente...

◆...os meus já sabem, ganhou dinheiro, tira a parte da poupança, os 10% e aí já tá guardando...eles já sabem, é engraçado, outro dia o pai deu 15 e ele ficou me cobrando pra trocar pra dar pro pai...engraçado que ele não se acha dono do dinheiro né...

◆...a minha ficava indo me cobrar lá no salão e além disso, não sabia gastar o dinheiro, aí acabei cortando, não era nem mesada, era semanada...mas aí eu acho que elas acabam aprendendo...eu guardo dinheiro extra e quando tá precisando e algo eu vou lá e compro...a outra quer trabalhar comigo no salão por diz que quer guardar dinheiro pra comprar um carro...ela tá com 13 e já pensa em comprar um carro com 18...ela não pensa que a gente pode dar pra ela...e a outra é com o negócio da massagem, ela quer fazer massagem pra ganhar dinheiro...até oferece pros outros...rsrs...mas o que eu achei legal foi esse lance de guardar...

◆...eu não guardo nada, eu não consigo guardar...gasto tudo...por isso eu achei legal esse negócio dos 10%, vou até falar com o marido em casa...a gente não sabe poupar né...

Moderadora – a gente pode fechar essa pergunta?...

Todos – pode...

Moderadora – a gente falou muito do valor, principalmente a questão do custo...o custo é valorizado...vocês falaram que o custo do produto pode ser valorizado...a questão da igualdade nas compras...depois vocês falaram que tem que começar por vocês mesmos e falaram da questão da disciplina...e de questionar os valores...que valores vocês estão passando pros filhos, será que eles estão entendendo...acho que é mais ou menos isso...agora a terceira pergunta: o que você consideram que as crianças devem e não devem saber sobre o dinheiro?

Pais:

◆...eu falo pra elas que dinheiro não traz felicidade...mas paga 80% dela...em casa é passado assim, que você só não paga o que você respira...porque elas não sabem que a água do chuveiro, quando vai tomar banho, e a energia que aquece aquela água, eu pago...a minha filha mais nova não sabia, ela achava que era de graça...então eu falo que tem que ter o tempo pra tomar banho, que não é meia hora embaixo do chuveiro...uma vez eu peguei as contas e aproveitei, mostrei o que era a da água, o que era isso e aquilo...então, dinheiro pra você viver, não que ele seja essencial pra felicidade, mas que você precisa dele pra comer, se vestir, fazer um passeio, pra você ter conforto...em casa eu passo muito isso, que tem que valorizar esse lado, não que a pessoa se faz pelo dinheiro que ele tem...

◆...eu também passo isso em casa...eu falo pra minha filha assim: toda a oportunidade que você está tendo é hoje, o ensino...só que pra você ir lá e estudar, o seu pai tá pagando por isso e tá pagando caro...então aquele lance de ganhar presente ao passar de ano, eu coloco assim, que sorte dela ter passado de ano, caso contrário iria pra uma escola mais barata com ensino inferior...eu coloco assim, e falo que a partir do momento que ela parar de valorizar a escola, ela vai pro ensino público...e nisso o menino vai pegando carona na minha conversa com ela...eu acho que ela tem consciência mais não vai dar o braço a torcer pra mim, mas já ele não, ele diz amem, amem e vem acompanhando, entendeu...esse ano é o primeiro ano que passo férias dentro de casa com eles, resolvi pintar a casa, então acabou dinheiro de férias...ela

esta inconformadíssima com isso..agora que ela ta começando a aceitar, porque já vai voltar as aulas, então como não foi viajar ela quer voltar pra aula...rsrs...Mas é por aí mesmo, é explicando onde gasta, aonde vai o dinheiro...é ate complicado ate pra gente né...

◆...olha, eu me preocupo assim em mostrar pros meus filhos que a realidade em que eles vivem é uma realidade privilegiada, digamos assim né... porque pra eles a gente pode dar um bom estudo, pode dar roupa, dar brinquedo...mas eu sempre tento mostrar pra eles que essa é a realidade de poucas crianças, que a maioria das crianças do país não tem onde comer, o que vestir, onde estudar...eu converso muito com eles, eu mostro o que passa na TV...mas não é fácil, uma coisa é você ver, outra é vivenciar...mas eu sinto que sensibiliza na hora, mas não é tanto assim...no natal a gente vai, leva os brinquedos e eles vão junto, ate pra ter uma noção mesmo...eu procuro mostrar pra eles que o dinheiro não vem fácil, você tem que ter uma certa sabedoria né...eu falo que eu e meu marido acordamos cedo pra trabalhar, pra poder pagar a escola deles, o clube, então, tudo isso tem que valorizar e saber usar com sabedoria...

◆...eu falo que elas tem que valorizar o que elas tem e que as coisas não vem de graça...

◆...o que eu acho importante dentro do que a Moderadora falou, da criança ter o valor do dinheiro né...eu paro e gosto de estar viajando muito no que eu acredito...mas acho importante dar a oportunidade de vivenciar pros nossos filhos as mais diferentes realidades...quer dizer, se a gente tiver a oportunidade de levar pra comer num restaurante sofisticado, legal, mas da mesma maneira poder levar ela pra comer num lugar super simples, ou ir na casa da vó que é na roça e dar comida pra galinha...eu acho que é poder vivenciar isso e mostrar que você pode transitar com dignidade, com teu valor, com o que você tem e com a sua integridade...pelo menos é o valor que eu tento passar...é ver o que é legal e o que não é, ter amigos...o que eu procuro passar pra ela é isso, é vivenciar todos os tramites né, poder transitar por tudo isso...

Moderadora – então vocês falaram dos filhos participando do orçamento, de mostrar o que vocês pagam...e aí é uma maneira de explicar pra que que serve o dinheiro...vocês usaram o meio de comunicação pra explicar pro filho e aí entrou a desigualdade social, e aí vocês questionam mais uma vez, os valores sociais que elas vão levar pra vida deles, mas também pensaram assim, nos valores que vocês estão trazendo da família de vocês...bem, a quarta pergunta, o que vocês como pais acham importante transmitir para os filhos em relação ao dinheiro?

Pais:

◆...eu acho interessante o que ele falou...que legal que sua filha também se interessou por algo que você também se interessa...mas o que me preocupa é o que eu vou passar sobre disciplina né, porque eu também gostaria de ter mais disciplina, eu gasto o que ganho e o que não ganho...a gente já começa o mês com dívida do mês passado né...então assim, porque isso?...eu não me lembro em nenhuma ocasião de meu pai ou minha mãe ter me polido de alguma coisa...eu lembro assim, toda vez que tinha uma festa, era minha mãe que se antecipava e me levava pra comprar uma roupa nova, então hoje, com 38 anos, quando eu vou numa festa que eu falo, pera lá, deixa eu ver o que eu tenho de roupa aqui, porque eu não preciso comprar uma roupa nova...

◆...mas é que você não tinha esse costume né...

◆...isso vem de anos atrás e agora que eu to trabalhando isso, porque não tem necessidade de comprar uma roupa só pra ir na festa...

◆...mas isso é pra você e pros filhos?

◆...então, eu não transferei isso pra eles, eu consegui segurar...quando é aniversário deles, até a baba fala: olha, que roupa vai por neles, você não vai comprar roupa?...ai eu falo pra ela abrir o guarda-roupa e ver qual roupa que tem...eu me toquei disso, que eu consegui lidar com isso e não passar pra eles...então assim, eu acho que a gente tem que tentar passar algo que eles tenham o controle sobre aquilo também...como é o caso da mesada por exemplo, por que senão, graças a deus a gente pode de certa forma estar oferecendo esses extras pra eles e muitas vezes a gente tem que estar prestando a atenção se a gente não está atendendo uma necessidade nossa...se não tá transferindo isso pra eles, porque muitas vezes, pode estar fazendo pra eles aquilo que você queria que tivessem feito pra você...

◆...acho que você tocou num ponto...eu comecei...eu estudava em uma escola até a 8 série e depois minhas colegas foram pro Idesa e meu pai não podia pagar pra mim...ai eu fui pra escola pública, mas queria ter mudado de escola, isso foi com 14, 15 anos...ai logo eu comecei a trabalhar, então, quando eu fui pro colégio eu paguei uma escola pra mim e eu queria fazer curso de inglês, então, eu pagava pra mim...e assim foi, nunca mais eu parei de trabalhar, paguei minha faculdade...então, eu não tive a oportunidade que hoje eu tenho e posso dar pras minhas filhas...então, eu acho que é o que você falou, eu quero dar pra elas aquilo que eu não tive...quero dar oportunidades pra elas...coisas que eu não pude...meus pais não puderam pagar escola particular pra mim, não puderam pagar jazz...tudo era eu que pagava trabalhando, então eu queria dar isso pra elas...mas eu percebo pela mais velha que ela não dá valor pra isso...então, essas dificuldades que a gente passou na infância, a gente procura passar pra elas...

◆...então, eu também fiz isso...eu infelizmente cheguei a passar fome...mas isso foi lá trás, minha irmã doente, não tinha dinheiro...então eu tento passar isso pra eles, mas a menina, ela pega assim: coitadinha da minha mãe...não sei se ela pensa que eu passo isso ainda hoje...rsrs...mas não é, dói de você lembrar tudo aquilo...eu também estudei em escolas públicas e escolas boas...infelizmente eu parei porque meu pai subiu uns degraus, vamos dizer assim, encontrou uma outra pessoa e resolveu deixar a família pra trás...então a gente caiu na dificuldade, no poço de novo...e como eu vi todos os irmãos circulando, indo embora e minha mãe sozinha, eu não pude deixar, só que ai eu entrei no buraco junto com ela e daí demorou muito, então, depois de oito anos que eu voltei a estudar, e daí eu fui, fiz um curso técnico e tal...depois casei e ele achava muito difícil ir pra longe, então eu parei de novo...hoje eu tenho uma frustração enorme de não ter feito uma faculdade e de não ter um trabalho...então isso é o que eu tento colocar pra ela...então, ano passado eu entrei no curso de biologia e não deu certo, então é assim, se eu tiver que renunciar os meus filhos por causa da minha formação hoje, eu não renuncio...o dia que eu ver eles bem, ninguém judiando deles, posso até voltar a fazer...mas eu não sei nem se vou ter mais interesse, não era tanto pelo meu ego...era pra eu poder dar uma vida melhor pra minha família...era pra eu poder ajudar meu marido, mas acho que foi onde eu me perdi, hoje por ele poder me dar uma situação melhor de vida, é onde eu me perdi no dinheiro...eu tô tentando voltar a por o meu pé no chão...eu passei a gastar, gastar, gastar...daí um tempo a trás eu passei a olhar isso e falei: gente, pelo amor de Deus...eu vivi com muito menos e guardava dinheiro...

◆...é, eu sei...

◆...quando meu pai não tava em casa eu tinha que trabalhar, estudar e sobrava isso pra por alguma coisa dentro de casa...eu falei que tenho que voltar a guardar dinheiro, então eu passei a voltar a esse lado da disciplina que eu acho que eu perdi...passei dificuldade e quando entrou assim, o tempo da vaca gorda eu fui aproveitar e ai você acaba caindo nisso...você não quer que seu filho passe...não é porque é baratinho que vamos comprar, acaba por ai, porque ai eu perco de dar uma educação descente pra eles, deles terem valores bons e ver que nem tudo é fácil, e ai

cai nisso...a gente gasta muito dinheiro gente, eu acho que todo mundo devia viver de uma maneira mais nivelada, nem tão alta, nem tão baixa né...ai o pai dela foi lá e comprou o título do clube e foi comprar as raquetes de tênis na loja mais cara...outra coisa que eu fiquei muito brava...

◆...não sabe nem se a criança vai gostar de fazer né...

◆...é, e aí colocou ela na aula de tênis...ai ela chegou e disse que não queria ir mais, que não gostava mais...eu disse que não se faz isso, que se esta tendo a oportunidade de praticar um esporte que 20% consegue...de 100%, só 20% consegue fazer...e por um luxo...isso vai te ajudar a ter disciplina, um monte de coisa, cada esporte te traz alguma coisa...então você vai aprender alguma coisa com ele...Se daqui a dois anos você falar que não gosta mais de tênis, aí para, mas não vai parar agora, é injusto gente...

◆...por mais que a gente consiga passar esses valores pra eles, tem algumas atitudes das crianças que eu fico pensando, será que eles estão entendendo?...nos fomos no parque aquático com a minha irmã e fomos num carro só pra não pagar duas gasolinas, dois pedágios, dois estacionamento...fomos num palio, meu carro tava no mecânico...meu menino foi daqui lá falando que tava apertado, que tava com calor...gente, ate esse dias ia pra Ubatuba feliz da vida, e agora vão pro parque aquático passar o dia brincando e ainda vai reclamando...

◆...eles vão e volta reclamando né...

Moderadora – então vocês estão questionando ais uma vez valores né...vocês comentam também a família de origem de vocês, o que vocês viveram com os pais de vocês e como vocês foram ensinados...então hoje mudou, os valores são outros...

◆...hoje ta bem melhor...rsrs...

Moderadora – é isso que vocês falaram?...ta...o que diferencia na maneira de como vocês foram educados quando crianças em relação ao dinheiro e o modo como educam seus filhos atualmente?

◆...eu acho que as oportunidades né, antigamente...eu por exemplo, assim como você falou né, to buscando com minha filha um interesse no esporte que eu possa estar participando com ela...então, tipo...eu nadei há um tempo atrás, então eu queria fazer uma natação...hoje tem varias escolas de natação, antigamente era mais difícil...eu acho que hoje a questão maior é o que o mundo oferece...

◆...a disponibilidade de coisas né...

◆...é, a disponibilidade de coisas...hoje por exemplo, eu mexo no computador o básico, já minha filha teve escola de informática, hoje ela brinca de barbie pela internet...ai que você começa a ter...eu acho que a diferença é isso, eu acho que hoje ta muito mais fácil de estimular o pique na criança de consumo do que antigamente...

◆...e é engraçado, meu filho, já faz uns dois aniversários que ele pede um celular...gente, ele tem 8 anos...celular é pra quem precisa...eu disse que quando a ele ficar mais velho, aí a gente vê a necessidade de ter um celular, pra quando for sair...ai ele fala que todo mundo da sala tem...Ai eu disse que ele não vai ter celular porque eu acho um absurdo criança ter um celular...

◆...eu falo que só vai ter celular quando tiver dinheiro pra por credito...você vive com sua mãe, quem vai procurar você no celular?...quem tem que saber da sua vida é sua mãe e seu pai...

◆...eu é que vou sentir necessidade de você ter um celular e não quando você quer...

◆...quando você falou da lista de natal do papai Noel, a minha filha pegou folhinha lá do shopping e falou perto de mim: papai Noel, eu quero um note book, um celular mais moderno que tiver e um cachorro...só isso, obrigado...eu disse: só isso...rsrs...gente, você é muito humilde...e o celular ela já briga comigo tem uns três meses...eu ano entendo que quase toda criança já tem um celular...

◆...deixa eu explicar, comigo aconteceu uma coisa que rolou com o lance de mostrar a conta e tudo mais...um dia o telefone em casa, a conta veio 1 barão...pô, eu pago a do escritório mil reais...ai eu peguei e tirei o telefone de casa, vamos ficar com o meu celular...

◆...mas foi sua filha?

◆...não, não foi ela, foi eu também né, eu tinha utilizado...ai eu na minha vasta ignorância, achei que um celular pra cada um com credito ia ficar mais fácil...ai eu peguei e dei um celular pra minha filha, pra gente poder estar se comunicando e lá em casa ficou sem telefone...isso foi na época que eu achei que tinha que controlar um pouco isso...

◆...olha, esses valores que eu acho que..como era antigamente...a gente foi na festa da minha cunhada, e na casa tem piscina, ela mora num condomínio gostoso...ai ela chamou os amigos, tudo criança grande de uns 12 anos assim...e ai em um dado momento da festa, tinha Dj, os meninos todos dançando, as meninas e tal...ai, um primo do meu marido resolveu jogar as crianças na piscina...e jogou toda a criançada e foi um stress, porque todos estavam com celular...ai todos ligando por pai chorando, porque o celular tinha estragado, e ai os pais vieram fora de hora e a festa não tava pra acabar...vieram todos putos, cobrando minha cunhada pra sabe ro que tinha acontecido...foi um auê a festa, a minha cunhada tentando se desculpar com todos...ai eu parei pra pensar que se não tivesse esse maldito celular, tava todo mundo super feliz de cair na piscina e brincar...mas não, por causa de um aparelhinho eletrônico a festa acabou...se não fosse isso as crianças iriam estar usando a criançice delas pra brincar...

◆...ainda mais um celular que o pai gastou uns mil e pouco pra comprar...

◆...sabe o que acontece hoje em dia, mudou muito...no nosso tempo de adolescente, quem tinha mibilete era o maximo...então assim, hoje os valores mudou muito...

◆...é um consumismo...

◆...eu sinto que o padrão de vida no Brasil subiu...pode ser que pra alguns tenha caído, talvez tenha mais pobres hoje, mas os que eu vejo que era de classe media...

◆...já tão bem melhor né...

◆...já não é mais de classe media...as minhas filhas, elas tem um monte de bonecas barbie da originais, uma s8, 9...cada uma tem telefone no quarto, entendeu...o nível subiu, mas porque, porque as mulheres...antigamente era só o meu

pai que trabalhava...na maioria das casas...hoje é o homem e a mulher...então subiu o padrão...

◆...eu acho assim, existe muita variedade hoje de coisas...hoje há uma infinidade...com essa historia de Tv a cabo, antes era só aqueles programinhas, domingo no parque...rsrs...hoje, eu não sei nem o que que rola, não sei nem o nome dos personagens que tem...então, você vê que hoje tudo é consumismo...

◆...antigamente você não saia pra almoçar fora, ia almoçar na casa da vó...a maioria ia almoçar na casa da vó...rsrs...

◆...hoje, se fica o final de semana em casa...eles não estão acostumados mais a ficar em casa, eles pedem pra ir dar uma voltinha no shopping...não estão mais acostumados a ficar em casa...

Moderadora – então vocês falaram muito de mudanças, aumento do consumismo...que mudou os meios de comunicação, o papel da mulher e do homem...os costumes e hábitos das pessoas...

◆...acho que o próprio mercado tá mais ostensivo né, você compra hoje parcelado em varias vezes...

◆...esse é um caminho sem volta, como você vai criar seu filho sem esse mundo né...

Moderadora – então deixa eu partir pra próxima...que coisas que vocês aprenderam com os seus pais e que hoje vocês transmitem para os seu filhos?

◆...eu aprendi muito, aquilo que eu falei anteriormente...que a pessoa não vale pelo que ela tem, que a pessoa vale pelo que ela é...meu pai sempre passou isso pra gente...lógico que dinheiro é importante, mas é muito o caráter da pessoa, se a pessoa é honesta...outra coisa que meu pai dizia é que todo trabalho é digno...meu pai vem de uma família humilde e venceu, entre os irmãos é o que ficou de melhor situação...meus avós eram imigrante, então eu aprendi com a família inteira, não só com os meus pais...de trabalhar, ir a luta e não ficar esperando as coisas caírem do céu...

◆...eu lembro que meu pai sempre falava sobre honestidade...ele tinha num porto de areia...eu queria subir naquele monte...mas gente, ele não deixava nunca a gente fazer isso...o ambiente de trabalho era um ambiente muito serio, raramente e agente ia e quando ia tinha que respeitar, não podia por a mão em nada...passado esse tempo todo, eu tive e minha empresa e passei a perceber que eu era muito rígida, muito seria...não sorria, não dava risada...eu achava que se fosse muito descontráida ninguém iria me respeitar...

◆...iria perder o respeito né...

◆...ai de um tempo pra cá, essas coisas eu comecei a trabalhar isso em mim e o que que acontece, eu começo agora a levar as crianças pro laboratório, e quando eles vão...no começo era assim, não mexe em nada, não põe a mão em nada...ai eu disse: opa, isso tá parecendo algo que eu conheço...então eu comecei a relaxar com isso e hoje eu levo...hoje mesmo eu levei meu filho, mas no sentido de trabalhar...ta de férias mesmo, então, vamos trabalhar...ai foi, minha mãe trabalha lá e ele ficou no almoxarifado o dia inteiro e tal...e ai, na hora de ir pra casa ele perguntou se podia levar umas latinhas pra por etiquetas...ele queria adiantar o serviço pra avó...então é assim, eu aprendi muito disso, minha mãe sempre foi uma pessoa que nunca deixava a gente reclamar que tava cansada...você nunca conseguia...

◆...que ela passasse a mãe na sua cabeça...

◆...é...nunca e em nenhum momento, ela sempre estimulava...então é assim, hoje eu sou incansável, trabalho, trabalho, é de dia ate a noite...eu sou incansável e acho que sou assim por conta da minha mãe...

◆...já em casa meu pai, era muito postura, comportamento, educação, moral, respeito né...nuca pegue nada, nunca coloque mão em nada que não é seu e ele sempre passou isso de uma maneira muito feia...quando a gente saia e ia na casa de laguem a gente não podia aceitar nada...ate na casa de um tio, não podia aceitar nem uma fatia de bolo senão a gente apanhava...rsrs...acredita como a gente era bobo...mas ele passou uma coisa de respeito e valor pra gente, que eu to conseguindo passar pros meus filhos...

◆...ficou gravado que nem tatuagem né...

◆...isso mesmo...e eu tava vendo na minha menina, que ela ta comendo com a boca aberta e antes não era assim, então, eu acho que to relaxando muito...teria que pegar um pouco do meu pai e misturar comigo hoje...rsrs...se você começa a relaxar demais, eles acabam fazendo coisa que você não aceita e que você nunca fez...

◆...eu sinto que a disciplina pra criança é um coisa incansável...

◆...você tem que fazer todo dia né...

◆...é isso que eu sempre falo...

◆...e você tem que saber...e é uma coisa assim, e eu já escutei em algumas palestras e tal...é assim que você vai educar...é aquela coisa sistemática, porque se você um dia deixa, se hoje deixa não ir na escola ou não escovar o dente...

◆...é aquela coisa, se você pedir algo ele vai falar: hoje não...amanha eu faço...

◆...ele vai negociar né...

◆...é...então, é um negocio cansativo...porque as vezes você esta na sala, relaxada, assistindo uma TV e ele também ta, ele ta quase dormindo, já colocou o pijama e não escovou o dente...então, as vezes da dó, mas tem que ir...e parece que essa cousa sempre cai em cima da mulher né...

◆...parece que é obrigação nossa...

◆...o meu pai falava: quem escovou o dente e olhava com o rabo do olha...rsrs...na hora a gente ia...meu pai tinha uma voz ativa e que se ele chagava em casa...ele não admitia a gente 18 horas no portão...se a gente tivesse no portão ele dizia que a gente tava dando confiança pra alguém que tava passando na rua...a gente apanhava por causa disso...e todo mundo tinha sua obrigação, um lavava o banheiro, o outro varria o quintal...

◆...eu acho assim, que esta disciplina hoje é necessária, mas ela tem que ser dosada...

◆...mas seu filho não deve ter medo de você...

◆...só que assim, na minha casa, tudo tinha hora, tinha disciplina e funcionava, agora eu tento fazer isso e caramba, como é difícil...

♦...sabe como é que eu faço, pra ver se tudo isso esta dando efeito ou não, manda seu filho dormir na casa de alguém, deixa ele sozinho... depois você pergunta como é que foi o comportamento dele, se ele tomou banho, escovou o dente...eles fazem tudo isso sozinhos sem ninguém falar nada...então, vale a pena todo esse esforço inicial...mas se você não manter...claro que as vezes relaxa...

♦...essas coisas são assim no dia a ida...mas tem algumas atitudes que você acha que a criança tem obrigação de ter e que ela não tem...porque ainda ta em desenvolvimento...acha alguma coisas um absurdo...mas ela ainda...

♦...é aquela coisa que a criança começa a mentir quando ganha um brinquedo, isso acontece por volta dos 9,10 anos...ela começa a perceber que pra não aborrecer a outra pessoa...então isso ai as crianças desenvolvem...

Moderadora – então vamos fechar essa aqui...vocês começaram a falar a questão dos ditados populares, falaram a questão da honestidade no trabalho e o significado das palavras...ai parece que mostrou uma repetição do comportamento do que vocês aprenderam repetindo na educação dos seus filhos...

♦...refletindo na verdade né...

Moderadora – é...e que isso de uma certa forma interfere sim na educação de vocês...e depois começaram a falar do papel da mulher de hoje, de antigamente...a diferença que existe atualmente né...

♦...o papel do homem também né...e tem uma coisa que eu acho importante colocar também, que é estimular...é uma coisa que você falou né, dos pais...eu vi na minha mãe uma pessoa mais do que guerreira, mas ela passar a paixão por aquilo que você faz...então você poder mostrar por seu filho né... não é só pelo objetivo da grana, porque isso ai é uma consequência, mas por gostar daquilo que você faz, por mostrar que aquilo tem uma função social, que aquilo é uma coisa que te da muito prazer...então, minha filha as vezes me vê desenhando a noite e hoje ela não se assunta...as vezes a minha mulher ate brigava, antes era mais corriqueiro...então, isso foi uma coisa que eu aprendi com a minha mãe...ela ia pra SP, e era uma coisa muito legal essa coisa de ser professor né...foi uma opção legal...e o pai trás essa coisa de caráter, de buscar uma certa integridade...mas acho que isso é uma idéia legal de despertar na crianças né...

♦...os pais tem que valorizar a competência na criança né...

♦...eu adoro o que eu faço e minhas filhas falam pra mim que eu gosto mais do meu trabalho do que delas...mas não é que eu gosto mais do meu trabalho, é que meu trabalho exige mais dedicação...eu faço isso desde que elas nasceram e as vezes no trabalho não da pra ficar dando tanta atenção...mas agora elas estão entendendo um pouco mais...

♦...eu acho que isso ai é um ponto legal pra elas...porque elas estão vendo que você não esta abrindo mão de nada...você ta mostrando que o amor que você sente pelo trabalho é um e o que sente por elas, é outro, você ta mostrando que pode amar varias coisas...eu tenho amor por aquilo que faço e faço bem feito e tenho por vocês um amor de mãe...não tem como comparar uma coisa e outra...é bom ter essa noção e não comparação...e como meu filho fala as vezes, que eu gosto mais de não sei o que do que dele...mãe, você não brinca mais comigo...então, é assim...

♦...é um teste né, vai tentando...vai falando essas coisinhas né...

♦...ai ele fala que eu não gosto dele...mas ai eu falo que gosto dele, que o que eu não gosto é do comportamento dele...tem que deixar muito claro o que pe o que...

Moderadora – vamos fechar pra eu passar pra ultima...nos dias de hoje, qual é a dificuldade para ensinar as crianças a lidar com o dinheiro?

Pais:

♦...acho que a dificuldade seria, como ela falou, no caso do celular, todos na sala terem o celular...

♦...é, concordo....

♦...ai ele fala: porque todos tem menos eu?...é esse consumismo exagerado que hoje em dia a mídia impõe né...Eu acho que é uma grande dificuldade...

♦...quem não quer todo ano trocar o carro, pintar a casa, ter moveis legais...e as crianças também...ah, meu amiguinho ta na colônia de férias de não sei aonde...ah, fulano foi viajar pra Natal, e não sei o que...tudo é muito gasto...ta difícil da gente controlar isso...

♦...eu volto a bater na mesma tecla, pode ate ser que eu esteja errada, mas é mais difícil você controlar a ansiedade dos pais...todos tem igual e você fica querendo dar pro seu filho...

♦...eu falo pra minha que não adianta ela crescer o olho no que a outra tem, você tem que olhar pro que você tem e dizer: que bom que eu tenho isso aqui...mas as vezes da um pouco de dó...

♦...mas é que você esta um pouco mais segura e madura nisso...então, você leva isso numa boa, mas lá fora você enxerga umas barbaridades...as vezes o aluno ta naquela escola sem ter condição de estar...tem que deixar muito claro pra criança, por exemplo, nós vamos construir uma casa, então nós vamos passar por uma fase de economia...então, essa economia tem que ser estendida ate a mesada da criança...

♦...sabe uma coisa que eu aprendi...eu escutei uma cliente falar isso que o marido comentou, que o assoalho da casa tava estragado...ai ela estragou mais um pouco pra ver se incentivava o marido a trocar...ai ele falou pra ela que isso não era prioridade...eu achei isso super interessante, então em casa: mãe, to precisando ou eu quero trocar mochila...ai eu falo: isso não é prioridade no momento...rsrs...

♦...meu pai conta uma historia assim, que quando eles eram pequenos e moravam na roça, tinham um par de sapatos só, e quem furasse o sapato ia ganhar um novo...e ele era conservador e o sapato dele nunca gastava e ele nunca tinha um novo...ai um dia ele foi lá tentar fazer um buraco e a mãe dele pegou ele fazendo isso...tadinho...rsrs...disse que ia ficar mais dois anos usando o mesmo sapato...rsrs...

Moderadora – então você falaram sobre o consumismo, falaram das outras amigas...falaram de vencer a ansiedade do pais e os valores que estão divergidos entre o ser e o ter...e dentro de tudo que a gente discutiu, o que vocês consideram mais importante:

Pais:

♦...eu acho que é assim, no futuro eu ver que minha filha, independente do que ela tem ou não tem, ela tem um bom caráter, valor...em termos de valores de pessoa, formada adulta, sem ter preconceito ou frustrações...não entrar num horrores assim e ser feliz...

♦...eu acho que é saber que você pode ser feliz, ter as coisas, o seu trabalho sem ter que passar por cima de ninguém, ganhar a vida honestamente e ser feliz com aquilo que você pode conquistar...porque a felicidade é você estar realizado na profissão, estar feliz com aquilo, ganhar dinheiro honestamente...eu quero que minhas filhas tenham isso no futuro ou ate ser donas de casa, eu acho legal poder ficar com os filhos...eu pretendo passar pra elas isso...claro que eu falo pra elas que eu queria que elas tivessem um profissão legal, mas não depende do que eu quero...então eu falo pra elas, escolham a profissão que vocês escolherem e sejam felizes...o mais importante é passar o caráter...

♦...não adianta ter um salário legal, um emprego legal e não saber usar o dinheiro...então assim, o que eu espero pros meus filhos é que eles sejam pessoas equilibradas...isso que eu penso...

♦...a minha assistiu o filme do Cazusa e me perguntou do que ele morreu...ai eu disse que foi porque ele investiu o dinheiro em uma coisa muito fácil...então, eu disse que ele tinha um grupo de amigos que não eram tão amigos, então eu falo pra ela tomar muito cuidado, de repente aquele lugar onde só tem pessoas bonitinhas, legalzinhas e que tem dinheiro no bolso, ai vão abusar da bebida, da droga...vão fazer bobagens...isso é perigoso, eu morro de medo, porque gente, isso ta demais...

♦...o Cazusa tinha uma sede de viver muito grande, mas ele queria adrenalina...ele bebia demais, fumava demais...usava drogas...não contentava ter relação só com mulher...ele viveu pelo excesso...

♦...ele queria viver intensamente, ele não se preocupava com a doença e quando foi preocupar já era tarde...e isso aconteceu com Elvis né...

♦...ai cai naquela coisa que a gente falou do excesso né, de querer tudo...

♦...acho que uma coisa importante pra se falar, mas não agora, porque acho que eles não tem condições de absorver isso...mas que existe um sentido na vida...um sentido pra gente viver...só que a gente percebe muito que as pessoas vivem e não sabe nem porque estão aqui...a partir do momento que você percebe isso e você pensa qual é a sua missão de vida, porque que você ta aqui, a vida passa a ter sentido...e você consegue identifica ro porque você esta naquela profissão...cada um tem o seu...então você deixar claro isso pra ela vai determinar que aquilo que ela vai ser é a historia dela de vida...então são as pessoas que vão passar na vida dela naquele momento, que aquela pessoa tem sua funções ali...cada uma tem a sua função e nisso a vida ganha um sentido muito grande...se você consegue passar isso pra crianças, pra ela saber as escolhas que ela faz...

♦...uma vez eu perguntei pra uma profissional o que era melhor pra gente passar e ele perguntou se eu já tinha ouvido falar de comportamento aprendido...se você ta deprimida, muito mais fácil ela ser uma pessoa deprimida né...e é a mesma coisa que se você tiver uma alegria de viver, você vai passar isso...

♦...na escola do meu filho tem aula de filosofia, ai tava lá no caderno dele: o que te faz mais feliz: ir na casa do meu vô...o que te deixa triste: ver minha mãe triste...eu não gostei desse detalhe, porque ele deve ta vendo muito...rsrs...depois tinha mais dois itens, mas ai, eu falei: gente, olha como as coisas vão gravando né...foi poucas vezes que ele me viu chorando...eu choro ate por desenho...e ele viu...ficou gravado...

♦...a minha goza da minha cara de me ver chorando...

Moderadora – então ta bom eu agradeço por vocês terem vindo...

Pais:

◆...foi muito legal...eu aprendi muito isso da semanada, de 1 real por ano...foi muito bom...

Moderadora – então ta bom, obrigado viu gente!

